

SEF regista 14 095 autorizações de residência, mais 15,8 por cento do que em 2019

# População estrangeira no distrito de Beja quase duplicou em cinco anos

Demógrafa diz que imigrantes “são fundamentais para o rejuvenescimento da população”

5

Semanário  
Regionalista  
Independente

## Diário do Alentejo

Sexta-feira  
2 JULHO 2021  
Diretor: Luís Godinho  
Ano XC, N.º 2045 (II Série)  
Preço: € 1,00

Jovens “puxam”  
pela agricultura biológica  
no Baixo Alentejo | 6/7

Emídio Charrua assume  
presidência do Mineiro  
Aljustrelense | 19

# grândola

Música que deu início às operações militares do 25 de Abril faz 50 anos. A história da passagem de Zeca Afonso pela Vila Morena | 16 a 18

**OFERTA FORMATIVA**  
**2021/2022**

**17 CTESP / 16 LICENCIATURAS**  
**15 MESTRADOS / 4 PÓS-GRADUAÇÕES**



**IPBeja**  
INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE BEJA

ESCOLA SUPERIOR **AGRÁRIA**  
ESCOLA SUPERIOR DE **EDUCAÇÃO**  
ESCOLA SUPERIOR DE **SAÚDE**  
ESCOLA SUPERIOR DE **TECNOLOGIA E GESTÃO**

IPBEJA, O TEU SONHO, O TEU FUTURO! [WWW.IPBEJA.PT](http://WWW.IPBEJA.PT)

# EDITORIAL

## 1.º Direito

**A aprovação da Estratégia Local de Habitação em Beja, que envolve um investimento de 30 milhões de euros, não pode ser deixada para o “calor” da próxima campanha autárquica, sob pena de ser mais uma oportunidade perdida.**

**H**á todo um conjunto de carências há muito identificado para a cidade de Beja, e também para o Baixo Alentejo, em torno do qual existe um consenso amplo do ponto de vista político, social e económico: é a imperiosa melhoria das acessibilidades rodoviárias, a eletrificação da linha de caminho de ferro entre Beja e Casa Branca e a reabertura da ligação à Funcheira, isto é, retomar a ligação ao Algarve, é o aproveitamento do Aeroporto de Beja na sua vocação industrial, em articulação com o Porto de Sines. Sucede que o caderno de encargos não se esgota nestes três temas. A mitigação das consequências das alterações climáticas terá, sempre, de estar na primeira linha das prioridades, e deste ponto de vista é muito relevante a recente criação da associação Estação Biológica de Mértola, envolvendo parceiros regionais e nacionais (entre os quais a Universidade do Porto), e que será um importante instrumento para a promoção da investigação científica aplicada e transferência de conhecimento e tecnologia de suporte a estratégias territoriais de conservação da biodiversidade e transição agroecológica em contexto climático mediterrânico, de elevada vulnerabilidade às alterações climáticas e desertificação. Na verdade, o aquecimento global deve ser encarado como uma das duas grandes condicionantes ao desenvolvimento regional. Como em tempos referiu Eugénio Sequeira, antigo presidente da Liga para a Proteção da Natureza, “salvar o montado é salvar todo o sul do País. Se o sul

não tiver suporte para defender o montado da seca, o deserto chega a Lisboa”. Trata-se, pois, de um imperativo nacional. A outra grande prioridade é o combate ao despovoamento e ao envelhecimento de todo este território. “Somos uma região que tem perdido população nas últimas décadas, somos uma região muito envelhecida, mesmo dentro do contexto nacional, que também é um País envelhecido, e somos envelhecidos não só porque temos um grande número de pessoas em idades mais avançadas, mas também porque tivemos uma redução muito grande do número de nascimentos durante várias décadas”, constata a demógrafa Maria Filomena Mendes, sublinhando a importância de fixar imigrantes para “rejuvenescer a população”. Um território desertificado, despovoado e envelhecido não é sustentável, não por mais estradas, caminhos de ferro ou aeroportos que existam. E é aqui que chegamos a outra das apostas absolutamente estratégicas para o futuro do Baixo Alentejo: a habitação, cuja estratégia se encontra plasmada no Programa 1.º Direito. Não se trata apenas (e só isso já seria muito) de promover habitação condigna para quem não a tem. Trata-se igualmente de requalificar ou de construir habitação para colocar no mercado a preços acessíveis, para que as famílias, em particular os jovens casais, possam construir as suas vidas. No caso de Beja, a aprovação da Estratégia Local de Habitação (ELH), que envolve um investimento de 30 milhões de euros, participado a 100 por cento por fundos comunitários, é absolutamente decisiva. E não pode ser deixada para o “calor” da próxima campanha autárquica, sob pena de ser mais uma oportunidade perdida. **LUÍS GODINHO**

## EM DESTAQUE

*“Somos uma região que tem perdido população nas últimas décadas, somos uma região muito envelhecida (...) portanto, estes imigrantes são fundamentais para o rejuvenescimento da população”.*

**Maria Filomena Mendes**, demógrafa  
Página 5



**EMÍDIO CHARRUA**  
**LIDERA MINEIRO**  
Página 19

## 3 PERGUNTAS A...



**NELSON BRITO**  
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL

**A Câmara de Aljustrel associou-se ao Programa “Voluntariado Jovem para a Natureza e Florestas”, da responsabilidade do Instituto Português do Desporto e Juventude, que decorre desde 1 de julho e se prolongará até ao dia 30 de agosto. Quais os principais objetivos desta iniciativa?**  
O Município de Aljustrel associou-se a este programa por entender que é de vital importância e por assentar em princípios nos quais esta autarquia se revê e privilegia. Cabe a todos nós a defesa das florestas e da natureza e cabe às entidades públicas zelar e contribuir para que o património natural seja preservado. Nortear os jovens para estas nobres ações é assegurar que, no futuro, existirão homens e mulheres preocupados com o ambiente, com a sustentabilidade e com o uso responsável dos recursos naturais. Em Aljustrel todos contam para

construir um futuro viável e ambientalmente responsável. Sem esquecer que a promoção do voluntariado é uma mais-valia ao serviço da comunidade. Os jovens, ao participarem neste programa, ganham novas competências e, ao mesmo tempo, enriquecem-se com experiências que valorizaram o seu contributo na sociedade.

**Para além da componente preventiva, de vigilância a incêndios rurais, há, implícita a este programa, uma componente pedagógica ambiental. Qual a importância que considera terem estas ações pedagógicas de proteção da natureza para os concelhos do interior, rurais?**  
A pedagogia tende a aperfeiçoar e a estimular o envolvimento. O que queremos, em Aljustrel, é dotar os mais jovens de competências que possam ser vitais para o seu desenvolvimento, enquanto cidadãos bem formados e com princípios, dando-lhes todas as oportunidades, mas também que sejam agentes ativos na sociedade em que estão inseridos. Todos, sem

exceção, somos necessários para melhorar o sítio onde se cresce e se vive. Nos territórios de baixa densidade, a ação do coletivo é decisiva na prevenção, preservação e proteção da natureza e, consequentemente, na melhoria da qualidade de vida. Os jovens desempenham, por isso, um papel fundamental.

**A quem se dirige este programa, de que forma se poderá participar e que apelo gostaria de deixar aos seus destinatários?**  
O programa dirige-se aos jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, promovendo boas práticas no âmbito da proteção da natureza, floresta e respetivos ecossistemas. O Município de Aljustrel acolherá quatro jovens por quinzena, até ao dia 30 de agosto, com o objetivo de desempenharem atividades na área da ajuda e prevenção aos incêndios rurais. Gostaria de apelar à participação e ao envolvimento a este programa, para que retirem desta experiência os melhores dos ensinamentos.

# IPSIS VERBIS



*“Naturalmente que fazemos parte do problema e isso porque a mão-de-obra, oriunda de vários países, faz falta. Se não existisse não havia capacidade para apanhar tanta azeitona, nem tanta fruta, nem tanta hortaliça”.*

Rui Garrido, presidente da ACOS

## Semanada

SEXTA-FEIRA, 25

### PSP DE BEJA DETEVE ARMEIRO

Um homem, de 72 anos, foi detido em flagrante delito pela PSP, em Beja, por suspeitas do crime de detenção e mediação de arma de fogo, tendo os agentes apreendido mais de 50 armas. Fonte policial revelou que a operação foi desencadeada após 11 meses de investigação, que teve por base “a suspeita fundada da prática de vários crimes cometidos por um antigo armeiro e relacionados com a detenção, modificação, reparação, guarda, tráfico e mediação de armas”. O suspeito foi presente a primeiro interrogatório judicial, no Ministério Público de Beja, e saiu em liberdade, com termo de identidade e residência.

SEGUNDA-FEIRA, 28

### GNR RECUPERA 108 QUILOS DE CORTIÇA

A GNR identificou três homens, com idades entre os 20 e os 28 anos, por suspeitas de furto de cortiça, em Alcácer do Sal, tendo recuperado o produto alegadamente furtado. Em comunicado, a Guarda indicou que militares do posto territorial de Alcácer do Sal, após a denúncia para um furto de cortiça, deslocaram-se para o local e intercetaram a viatura onde seguiam os suspeitos. Segundo a GNR, os três homens tinham na sua posse 180 quilos de cortiça alegadamente furtada, pelo que a mercadoria foi apreendida.



## FOTO DA SEMANA

O Programa de Sustentabilidade dos Vinhos do Alentejo (PSVA) aderiu a uma iniciativa internacional de adaptação ao aquecimento global e focada no papel dos solos agrícolas para reduzir dióxido de carbono (CO2) na atmosfera. O objetivo deste projeto é a luta de adaptação às alterações climáticas “através da exploração do papel dos solos agrícolas na captação de CO2 presente na atmosfera, bem como enquanto garante da segurança alimentar”. A CVRA realça que este grupo internacional “considera que um aumento anual do carbono presente nos solos reduziria significativamente a concentração de CO2 na atmosfera, exponenciada por atividades humanas”. Este programa de sustentabilidade dos vinhos alentejanos aposta na promoção de práticas mais sustentáveis ao nível ambiental, social e económico nas vinhas e adegas alentejanas.

## CARTAS AO DIRETOR

### “CUIDADO COM AS AVES DE RAPINA”

PAULA TEIXEIRA LISBOA

Estou admirada com a necessidade que o Dr. Miguel Borrela teve de escrever esta Carta de defesa histórica do mestre Borrela (seu pai). Sou filha de Beja, ligada às artes e à cultura a viver na capital. Conheci o mestre Borrela e tenho uma enorme admiração pelo artista que foi e pela sua obra. Não conheço pessoalmente o Dr.º Falcão. Achei interessante aquela ideia tipo “Évora dos concertos nas igrejas”. Não assisti a nenhum. A exposição das obras das peças sacras que vi na Pousada de São Francisco fez-me dizer: “Haja Deus!”. As notícias sobre o desaparecimento das peças, mais a formação da empresa familiar e a questão dos fundos,

fizeram-me pensar! Mas o que me deixou mesmo irada foi perceber que o Dr.º Falcão andava a servir-se do saber e da obra de mestre Borrela para, entre outras habilidades, publicar um livro em Espanha. Como é que isto é possível? Anda a fazer jus ao nome que tem!? Quer fazer dos outros parvos? Alguém q me esclareça! Temos mesmo que ter muito “cuidado com as aves de rapina”.

### PERTURBAÇÃO INTELLECTUAIS

ALDA TAVARES SALGUEIRO RECEBIDA POR EMAIL

Li a carta aberta escrita pelo Dr. Miguel Borrela com data de 4 de junho, na qual vem a público defender o património intelectual

de seu pai, mestre Leonel Borrela, conhecido estudioso e investigador do património alentejano, já falecido, e fiquei no mínimo estupefacta pelas razões que a motivaram.

Não conheço o visado, o ex-diretor do Departamento Histórico e Artístico da Diocese de Beja, Dr. José António Falcão, acusado de se apoderar abusivamente da obra do mestre na publicação de trabalhos, sem qualquer referência ao seu legítimo autor, o que para além de ofensivo pela desonestidade é, segundo a legislação em vigor, punido nos termos da lei da proteção da propriedade intelectual, como todos sabemos.

Não bastava a denúncia mencionada, o mesmo ex-diretor foi também acusado, pelo Bispo de Beja, D. João Marcos Portugal, do desaparecimento de peças de arte sacra que teriam sido desviadas, durante o seu mandato, para outros lugares, estando agora a regressar aos locais de origem, devido ao esforço de pesquisa dos novos investigadores ali colocados.

Fui professora, durante um ano, no distrito de Beja e fiquei ligada a esta região, não

só pelo cativante garbo das suas gentes, mas sobretudo pela sua importante história monumental e religiosa, que não só valoriza a cidade como também a qualifica como um dos mais belos locais do país a visitar.

Fico triste ouvindo casos destes que em nada enaltecem as localidades, nem o seu património e muito menos a sua população. É amargo saber que só os académicos institucionalmente credenciados têm direito à valorização intelectual e à estima dos seus pares, em detrimento dos que trabalham na mesma área, por gosto, por amor à arte, à ciência, ao património e à região com inteira disponibilidade, sem a preocupação ávida pela recompensa dos seus méritos, nem pela fruição de atavios populistas, como foi o exemplo do historiador, pintor, ensaísta, escritor, conferencista, mestre Borrela.

Fico triste pela memória desvanecida do mestre que merecia ser lembrado e respeitado como um dos maiores intelectuais que enriqueceu e valorizou o património alentejano.

# ATUAL

## Autarcas de Odemira contra regantes da Barragem de Santa Clara

Assembleia Municipal e Agência Portuguesa do Ambiente exigem reposição imediata do caudal ecológico do Rio Mira

**A Assembleia Municipal de Odemira repudiou a atuação da Associação de Beneficiários do Mira (ABM) na gestão da água da albufeira de Santa Clara e exigiu a imediata reposição do caudal ecológico do Rio Mira.**

Uma moção aprovada por unanimidade, a assembleia deliberou ainda reprovar o corte do fornecimento a pequenos consumidores e o bloqueio da água pela ABM “que não garante o necessário caudal ecológico no Rio Mira”. A decisão está relacionada com “a crescente escassez hídrica na albufeira de Santa Clara-a-Velha” que “levou ao corte do fornecimento de água a pequenos consumidores que se encontram fora do Perímetro de Rega do Mira [PRM], em Aljezur e Odemira” e por não estar a ser “garantido o caudal ecológico ao rio Mira”.

Esta situação, adiantaram os deputados municipais, põe “em risco a biodiversidade que depende daquela água” havendo já relatos do aparecimento de peixes mortos em troços secos do rio.

A moção, apresentada pelo deputado do Bloco de Esquerda Pedro Gonçalves, aludiu ainda à “inexistência de um Plano de Contingência para enfrentar a escassez de água” na albufeira de Santa Clara, o que levou o presidente da Câmara Municipal de Odemira “a afirmar na última reunião do Conselho Estratégico da ABM” que “a água disponível para efeitos de rega dá apenas para um ano, se não chover”.

“Segundo informação no sítio eletrónico da ABM, a albufeira de Santa Clara encontrava-se a 48 por cento da sua capacidade máxima em 23 de junho. Ou seja, contava com apenas 234 milhões de metros cúbicos de água no início do verão. Este volume já está abaixo da capacidade útil da albufeira, que é de 240,3 milhões de metros cúbicos”, é referido no documento.

Na albufeira, “são captados anualmente 2,5 milhões de metros cúbicos de água para abastecimento público, o que contrasta com os cerca de 33,8 milhões de



### BLOCO QUER AUDIÇÃO PARLAMENTAR URGENTE

**O Bloco de Esquerda requereu uma audição parlamentar urgente de diversas entidades sobre a gestão da água da albufeira de Santa Clara, por não estar a ser garantido o caudal ecológico do Rio Mira. No documento, os deputados do BE requerem a audição, “com caráter de urgência”, do movimento Juntos pelo Sudoeste, da Associação de Beneficiários do Mira ou da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos. A Junta de Freguesia de Santa Clara-a-Velha, no concelho de Odemira, a Administração da Região Hidrográfica do Alentejo e a Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Alentejo são as outras entidades que os deputados querem, também, ouvir na comissão parlamentar. O pedido está relacionado com a falta de recursos hídricos na Barragem de Santa Clara, o “corte do fornecimento” pela Associação de Beneficiários do Mira (ABM) “a pequenos consumidores” e o “bloqueio da água” efetuado pela associação “que não garante o necessário caudal ecológico” do Rio Mira.**

metros cúbicos para a campanha de rega. O volume captado para as explorações agrícolas do PRM é já cerca de 14 vezes superior ao captado para abastecimento público”.

Os deputados municipais deram ainda o exemplo da Junta de Freguesia de Santa Clara-a-Velha, que pediu à ABM “uma estimativa dos custos da água a disponibilizar” por um período de três meses, após o “bloqueio das descargas de

água para o rio”, tendo a associação “referido que assegurava a água a troco” de uma verba superior a 16 mil euros. “O problema aqui não é a falta de água, mas a vontade de fazer negócio por parte da ABM, com a água que não lhe pertence e que é de todos nós”.

Na moção, é argumentado também que a “expansão da agricultura intensiva agrava-se no PRM, delapidando os recursos

hídricos da região e pondo em risco tanto o acesso dos pequenos consumidores e da população em geral à água, como a sobrevivência da fauna e da flora que dependem do caudal ecológico libertado pela albufeira de Santa Clara”.

Conforme noticiado pelo “Diário do Alentejo”, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) solicitou à Associação de Beneficiários do Mira a libertação de água da albufeira de Santa Clara para o caudal ecológico do rio Mira, que deverá ser feito “com a máxima brevidade”. Fonte da agência refere que esta determinação “é fundamental para acautelar valores ambientais imprescindíveis do rio, mas igualmente valores sociais associados ao espelho de água referido. É uma medida que deve ser acatada com a máxima brevidade e que a APA não deixará de fiscalizar e desencadear os meios necessários para a sua efetiva verificação”.

Referindo que “não está em causa o abastecimento público às populações servidas pelos sistemas de abastecimento” geridos quer pela empresa Águas Públicas

do Alentejo, quer pela Câmara de Odemira, a APA diz que a jusante da barragem existe um volume de água “bastante reduzido, o que irá causar a breve prazo a produção de maus cheiros, decorrentes da exposição dos sedimentos lodosos acumulados nas margens e fundos, bem como da fauna aquática que depende da existência de água com níveis de oxigénio suficientes”.

Ainda de acordo com a mesma fonte, tem-se registado na região da bacia hidrográfica do Mira, após as cheias de 2000/2001, uma ausência de anos húmidos e o aumento de anos hidrológicos consecutivos com precipitação muito abaixo da média histórica. “A precipitação ocorrida no período húmido do ano em curso apenas permitiu atingir um volume total armazenado de cerca de 52 por cento”. Acresce que anualmente são captados cerca de 2,5 milhões de metros cúbicos para abastecimento público e cerca de 33,8 milhões para a campanha de rega, o que totaliza 36,3 milhões de metros cúbicos, “valor bastante inferior ao atual volume total útil armazenado”.



A Câmara de Aljustrel revelou que é o novo membro da Rede Europeia "Volunteering City", um programa europeu de aprendizagem e de troca de experiências na promoção do desenvolvimento urbano sustentável. A adesão a esta iniciativa internacional pode contribuir para "fortalecer as práticas e conhecimentos em torno da promoção da inclusão social e da coesão intergeracional" no território, nomeadamente através do voluntariado.

# População estrangeira no distrito de Beja quase duplicou em cinco anos

SEF regista 14 095 cidadãos titulares de autorização de residência, mais 15,8 por cento do que em 2019

**Em 2020 o distrito de Beja registava 14 095 cidadãos titulares de autorização de residência, mais 15,8 por cento do que em 2019, segundo o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Entre 2015 e 2020, a população estrangeira residente no distrito quase duplicou.**

TEXTO NÉLIA PEDROSA

A população estrangeira residente no distrito de Beja voltou a aumentar em 2020, segundo o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA), do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), totalizando 14 095 cidadãos titulares de autorização de residência, mais 15,8 por cento do que em 2019.

Ainda segundo os dados do SEF, têm-se verificado aumentos mais acentuados nos últimos quatro anos, registando 2019 a percentagem mais elevada – 25,1 por cento. Entre 2015 e 2020, a população estrangeira residente no distrito de Beja quase duplicou.

Os distritos de Évora e Portalegre registam igualmente um acréscimo da população estrangeira em 2020, mas muito inferior ao de Beja. De acordo com o RIFA, Évora registou um aumento de 6,6 por cento em relação a 2019, passando a contabilizar 4802 estrangeiros, e Portalegre 8,8 por cento, totalizando 2756 cidadãos.

No distrito de Setúbal, que integra quatro concelhos do Baixo Alentejo (Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines), verificou-se, igualmente, um acréscimo da população estrangeira residente, com um aumento de 17,2 por cento face a 2019, totalizando 60 939 estrangeiros.

## "IMIGRANTES SÃO FUNDAMENTAIS PARA REJUVENESCIMENTO DA POPULAÇÃO"

Maria Filomena Mendes, professora associada da Universidade de Évora e investigadora do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (Cidehus), diz que este aumento da população estrangeira na região é "extremamente benéfico". Por um lado, "há um efeito direto no aumento da população residente, portanto, revitaliza a população", por outro, "ao haver um aumento



## NACIONALIDADE BRASILEIRA REPRESENTA 27,8 POR CENTO DO TOTAL

Em termos globais, Portugal aumentou em 2020, pelo quinto ano consecutivo, a população estrangeira residente, totalizando 662 095 cidadãos (mais 12,2 por cento do que em 2019), o valor mais elevado registado pelo SEF desde o seu surgimento, em 1976. A nacionalidade brasileira mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente, representando 27,8 por cento do total (valor mais elevado desde 2012). O SEF destaca ainda a Índia, que sobe duas posições, ocupando agora o 9.º lugar, ultrapassando Angola e Guiné-Bissau, e a Itália, que ocupa a sexta posição. A população potencialmente ativa representa 76,4 por cento dos cidadãos estrangeiros residentes, com preponderância do grande grupo etário 25-44 anos (298 822).

da população em idade potencialmente ativa isso contribui para o aumento da nossa capacidade produtiva". E se se conseguir "fixar essa população, que, normalmente, é uma população em idade jovem, muito provavelmente

haverá também nascimentos e com isso diminui o envelhecimento da população".

"Não apenas aumenta a população como também a rejuvenesce", reforça a demógrafa, frisando que os imigrantes em idade ativa vêm também "compensar, de certa forma, alguma saída" de jovens nascidos no Alentejo, "que, quando chegam à idade ativa, procuram empregos fora da região ou outras vivências para além da terra onde nasceram".

"Somos uma região que tem perdido população nas últimas décadas, somos uma região muito envelhecida, mesmo dentro do contexto nacional, que também é um país envelhecido, e somos envelhecidos não só porque temos um grande número de pessoas em idades mais avançadas, mas também porque tivemos uma redução muito grande do número de nascimentos durante várias décadas, portanto, estes imigrantes são fundamentais para o rejuvenescimento da população", diz Maria Filomena Mendes.

A finalizar, a investigadora considera que, apesar de Portugal "ser, tradicionalmente, um país de emigração" e de os portugueses "serem empáticos com os que nasceram noutros países, o que contribui bastante para a integração dos imigrantes", ainda

"há trabalho a fazer" nesse sentido. "Os imigrantes precisam de um acolhimento que os faça sentir também como parte integrante da região, do seu desenvolvimento e futuro, porque eles são um contributo fundamental para que a região se possa desenvolver".

## "PRECARIEDADE LABORAL ROÇA CONDIÇÕES DE MODERNA ESCRAVATURA"

Alberto Matos, membro da direção da associação Solidariedade Imigrante (Solim) e responsável pela delegação do Alentejo, com sede em Beja, realça, por sua vez, que atualmente, "fruto da pandemia e das incertezas quanto ao futuro do SEF", um título de residência "demora mais de dois anos a ser emitido desde a apresentação da manifestação de interesse", pelo que, aos 14 095 estrangeiros residentes no distrito de Beja, "teremos de somar pelo menos cinco mil". Ou seja, "o número atual de residentes estrangeiros permanentes não andarão longe dos 20 mil. No pico de campanhas sazonais, como a da azeitona ou dos frutos vermelhos, atinge seguramente os 30 mil", diz.

Destes titulares de autorização de residência, "sem esquecer pelo menos dois mil cidadãos do espaço europeu (incluindo o Reino Unido), parte dos quais são reformados, os restantes trabalham na

agricultura, na construção civil e na hotelaria – neste caso com predominância dos falantes de língua portuguesa", especifica.

Nos quatro concelhos do distrito de Setúbal, "além da agricultura, a construção de empreendimentos turísticos tem peso nos concelhos de Alcácer do Sal, Grândola e Santiago do Cacém, que geram também empregos na hotelaria". Em Sines "há imigrantes a trabalhar no complexo industrial e é visível a presença de pescadores indonésios", especifica.

Quanto à diferença significativa do número de estrangeiros nos três distritos alentejanos – Beja regista quase mais 10 mil do que Évora –, o responsável adianta que isso deve-se "sobretudo à agricultura intensiva nos perímetros de rega de Alqueva e do Mira". Contudo, "a expansão de Alqueva a vários concelhos do distrito de Évora poderá atenuar esta diferença". No distrito de Portalegre "predomina a agricultura extensiva, embora o olival intensivo e os frutos vermelhos estejam a progredir para norte, a partir de Estremoz".

Alberto Matos considera também que a presença de imigrantes "numa região deprimida, como o Alentejo, é extremamente positiva" e sublinha que "a maioria já cá estava a viver e a trabalhar, só que ainda não regularizada". Ao "obterem títulos de residências veem os direitos oficialmente garantidos, procuram chamar as famílias, contribuindo para o saldo demográfico positivo, para as finanças públicas e a sustentabilidade do sistema de segurança social – os imigrantes são contribuintes líquidos para o País".

O responsável realça ainda que o processo de integração de imigrantes – "não confundir com assimilação" – "sofre das carências de serviços públicos que atingem também os trabalhadores portugueses" e que "a precariedade laboral, sobretudo dos ainda não regularizados, roça as condições da moderna escravidão". E "há quem ganhe milhões à custa da sobre-exploração no trabalho, na habitação e até no transporte em condições miseráveis que, em tempo de pandemia, se tornaram fatores de risco à vista de todos em Odemira", recorda.



# Jovens “puxam” pela agricultura biológica no Baixo Alentejo

Nova Política Agrícola Comum 2023, ainda em discussão, será “mais verde”

**No último minuto da presidência portuguesa o Conselho da União Europeia avalizou, na passada segunda-feira, o acordo provisório alcançado sobre a nova Política Agrícola Comum (PAC) e que muitos definem como “mais verde”. Apesar das questões técnicas desta reforma ainda não estarem definidas já se sabe que, no caso dos pagamentos diretos, 25 por cento do dinheiro será destinado aos eco-regimes, área que no Baixo Alentejo ocupa mais de 15 mil hectares de terra arável e tem aumentado na última década.**

TEXTO ANÍBAL FERNANDES

Segundo os dados do último Recenseamento Agrícola (2019), agora divulgados,

a agricultura em modo biológico ocupa 15 812 hectares no Baixo Alentejo, sendo que a grande maioria (11 756 ha) são pastagens. Numa década, o efetivo pecuário de bovinos e ovinos produzidos em modo biológico quase duplicou, passando de cerca cinco mil para quase dez mil cabeças. Em sentido inverso, a produção de suínos caiu de 693 para 70.

De acordo com dados da Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, em 2019, a superfície agrícola utilizada em Portugal em agricultura biológica foi de 293 213 ha, o que corresponde a um acréscimo, relativamente a 2018 (213 118 ha), de 27 por cento e o número de explorações subiu, no mesmo período, de 5905 para 6408.

Por culturas, em 2018, as

pastagens (58 por cento), as forragens (14,2) e as culturas arvenses (1,3) representavam 73,5 por cento da área total de agricultura biológica em Portugal. No entanto a produção para consumo humano continua a ter pouca expressão, ocupando cerca de 25 por cento da área total, principalmente com o olival (8,3 por cento), frutos secos (7,85), uvas (1,71), citrinos (0,12), sendo que as hortícolas representam apenas 1,55 por cento.

**AGRICULTURA JOVEM** Rui Garrido, presidente da ACOS – Agricultores do Sul, considera que o modo de produção biológico (MPB) é o “mais sustentável do ponto de vista ambiental e de regeneração dos ecossistemas” e explica que, quer na agricultura, quer na pecuária, “implica

a abolição do uso de produtos químicos de síntese - ou seja, que não ocorrem naturalmente -, como por exemplo fitofármacos, medicamentos e adubos de síntese, sendo que os que são autorizados, por serem de ocorrência natural, são menos nocivos para o ambiente, para os insetos, para o solo e, em última análise para o homem”.

Em declarações ao “Diário do Alentejo”, o presidente da ACOS assinala que “o número de agricultores convertidos ao MPB deve-se, em parte, à instalação crescente de jovens agricultores, com uma postura mais crítica e ativa em relação às questões ambientais”. Mas não só. O facto de “a PAC e o Ministério da Agricultura terem vindo a incentivar este modo de produção”, também ajuda, e é de

prever “que o novo Quadro Comunitário reforce as ajudas a esta abordagem produtiva”.

No entanto, explica, “a agricultura e a pecuária em MPB geram menos receitas pelo facto de terem quebras, seja a nível da quantidade, seja da qualidade, porque não se consegue combater de forma tão eficaz pragas e doenças tanto nas culturas, como nos animais”. Em resultado disso existem “quebras de produção que, em muitos casos, podem ser muito expressivas”.

E dá como exemplo o olival e a vinha: “quando há uma forte pressão da mosca da azeitona, o fruto apodrece gerando azeites de muito má qualidade”. O mesmo se passa na vinha, quando há forte pressão de míldio ou de oídio. “Na produção animal estão autorizadas

as vacinações e as desparasitações dos animais com os medicamentos convencionais desde que devidamente justificadas e tendo em vista a preservação do bem-estar animal. No entanto, há fortes limitações à utilização de outros medicamentos, como por exemplo os antibióticos e daí a existência dos apoios da PAC, como contrapartida a estas quebras de produtividade”, diz Rui Garrido.

A comercialização continua a ser um problema. “Apesar de haver uma crescente procura deste tipo de produtos, principalmente nos centros urbanos, os produtores têm sentido dificuldades em comercializá-los como biológicos. A principal razão é a falta de organização dos produtores tendo em vista a comercialização agrupada. Por razões que se prendem com a sua ainda reduzida expressão, tanto em número de produtores, como de quantidade de produção, não têm conseguido criar estruturas e estratégias de comercialização para defenderem as mais-valias que deveriam resultar da diferenciação deste tipo de produção. Para colmatar este problema é determinante a existência de políticas públicas que promovam a comercialização agrupada e diferenciada dos produtos resultantes do MPB”, conclui o presidente da ACOS.

**BIOREGIÃO** Nos cinco municípios da margem esquerda do Guadiana (Serpa, Moura, Barrancos, Mourão e Mértola) existem 150 produtores biológicos. David Machado, responsável da Associação de Desenvolvimento Rural Rota do Guadiana, e entidade gestora do programa Leader na região, disse ao “Diário do Alentejo” que se tem assistido a um aumento do número de explorações “à

boleia dos jovens” e que a tendência é para aumentar.

A criação da Bioregião da Margem Esquerda do Guadiana – só existem quatro a nível nacional – é a sequência lógica da aposta feita neste tipo de agricultura, nomeadamente, introduzindo fatores de discriminação positiva nos programas lançados. Neste momento estão a trabalhar na estratégia e plano de ação da bioregião, no quadro da qual está programada uma visita a Itália a uma experiência similar. No entanto, têm sido realizadas ações de formação para os agricultores, de promoção de produtos, em conjunto com a Agrobio e caracterização dos produtores.

David Machado confirma que “existem muitas pastagens, mas apenas alguns produtores têm os animais certificados”. Aliás uma das dificuldades apontadas é “o custo elevado para obter a certificação o que afasta principalmente os pequenos agricultores” desse objetivo.

A Rota do Guadiana integra ainda o Centro de Competências da Agricultura Biológica e dos Produtos em Modo de Produção Biológico (Ccbio), liderado pela Câmara Municipal de Serpa e que é participada por 34 entidades, entre elas a Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (Cimbal), o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, a Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural e vários centros tecnológicos e agroalimentares, universidades e técnicos do país.

O objetivo do Ccbio é criar sinergias entre os vários protagonistas do sector, produzir informação técnica, promover a investigação e contribuir para a ligação entre a produção, a transformação e a comercialização

dos produtos. No entanto, os promotores do projeto reclamam mais apoio da tutela para atingir os objetivos traçados e que, de alguma forma, tem “emperrado” a atividade.

**SITUAÇÃO PREOCUPANTE** Jaime Ferreira, presidente da Associação Portuguesa de Agricultura Biológica, escreveu recentemente que “a situação atual da Agricultura Biológica em Portugal é preocupante, porque não tem crescido ao ritmo esperado”, apenas 6,1 por cento entre 2012 e 2018. Este valor contrasta com outros países europeus como, por exemplo a Espanha (27,9 por cento) e Áustria (19,9), e o valor da área em conversão é dos mais baixos na União Europeia.

O dirigente considera que “a confirmar a situação a falta de políticas de apoio; ou políticas de apoio erradas e enganadoras” – como é o caso da candidatura n.º 22/operação 3.2.1 / 2020, “em que basta que 50 por cento do investimento elegível proposto seja em modo de produção biológico ou pelo menos 50 por cento da área afeta à candidatura esteja certificada. Ora como é possível dizer que o investimento é em agricultura biológica quando basta investir 50 por cento do montante ou, pior, ter simplesmente uma parcela de terreno certificado e não fazer qualquer investimento”, questiona.

E conclui que, em Portugal, “o mercado tem vindo sempre a crescer e há uma necessidade também crescente de produção para o mercado de frutas e legumes e ainda de matérias-primas de base para a agroindústria”, como os cereais, o arroz ou as leguminosas. Isso faz com que as importações aumentem e que seja imperioso apostar na produção nacional.



## CARLOS TELES CANDIDATO DO PS À CÂMARA DE ALJUSTREL

O atual vice-presidente da Câmara de Aljustrel, o socialista Carlos Teles, de 49 anos, vai ser o candidato do PS a este município nas próximas eleições autárquicas. Em comunicado, o PS de Aljustrel revelou que a candidatura de Carlos Teles à autarquia foi aprovada, na passada segunda-feira, dia 28, “por unanimidade e aclamação”. Natural de Aljustrel, Carlos Teles é licenciado em gestão de empresas e integra o executivo da câmara municipal desde 2005. O PS diz que, com esta candidatura, “pretende corresponder aos desafios de futuro” do concelho e “garantir o cumprimento de uma relação de confiança com todos”.

## RESIALENTEJO APRESENTA ESTUDO SOBRE BIORRESÍDUOS

A Resialentejo vai apresentar na próxima terça-feira, dia 6, o Estudo para o Desenvolvimento de Sistemas de Recolha de Biorresíduos que pretende apoiar a definição de uma estratégia concertada para a gestão sustentável dos resíduos. Segundo a empresa, o estudo foi desenvolvido no âmbito do programa de apoio criado pelo Fundo Ambiental para “identificar as soluções técnicas de recolha” que permitam “recuperar de forma eficiente estes resíduos a custos equilibrados”.

## UM TERÇO DA POPULAÇÃO ALENTEJANA JÁ ESTÁ VACINADA

O Alentejo é a região com maior percentagem de pessoas com a vacinação completa (37 por cento) contra a covid-19, segundo dados divulgados esta semana pela Direção-Geral de Saúde (DGS). De acordo com o relatório de vacinação, já foram administradas 424 mil vacinas na área da Administração Regional de Saúde do Alentejo. A DGS acrescenta que, desde o início da pandemia, em março do ano passado, o novo coronavírus já provocou 30 933 infeções e 972 mortes em toda a região.

## ESTUDO DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO APELA À INOVAÇÃO

Um estudo dirigido pelos investigadores do Instituto Superior Técnico (IST), Tiago Morais, Ricardo Teixeira e Tiago Domingos, concluiu que, em 2050, será impossível alimentar a Humanidade utilizando apenas o modo de produção biológico. No entanto, apontam como caminho para a resolução do problema a aposta na inovação e o recurso a animais. Explicam que a agricultura não produz o azoto que necessita para ser sustentável ao proibir o uso de fertilizantes de síntese. Mas defendem que este problema será ultrapassado se existir “investimento em inovação e eficiência na produção agrícola e animal, com redução do desperdício alimentar, diversificação de fontes de fertilizante orgânico e o recurso a energias renováveis”, lê-se no estudo. Para os investigadores

do IST “a pecuária ajuda, pois os animais facilitam a produção biológica sustentável, quer devido ao aproveitamento de pastagens em áreas menos férteis para agricultura, quer para aproveitamento de desperdícios. Fornecem, através do estrume, parte do azoto necessário para as culturas agrícolas e um contributo direto para a alimentação humana”, nomeadamente, leite, ovos e carne. Um trabalho a desenvolver a dois níveis, já que na agricultura convencional, o seu desempenho em termos de emissões de gases com efeito de estufa se torna equivalente ao da agricultura biológica. “Assim, no futuro, mais do que escolher entre produtos biológicos ou convencionais, importará escolher produtos resultantes de uma forte inovação orientada para a sustentabilidade”, concluem.



## CÂMARA DE BEJA LANÇA CINCO ROTEIROS TURÍSTICOS

“Venha a Beja com Vagar” é o mote da campanha de promoção e valorização turística promovida pela Câmara de Beja e que “integra um conjunto de iniciativas para incentivar a visita ao concelho, a partir de cinco roteiros – dedicados ao Guadiana, ao barro e à cal, ao pão, à planície e à biodiversidade do montado – que convidam “a percorrer as histórias que a cidade e a tem para contar”. Os roteiros estão disponíveis em folheto, ilustrado por Susa Monteiro, e também numa versão ‘online’ que contém “propostas alternativas e contactos para informações e marcações”.



Moura e Vidigueira estão entre os municípios que assinaram autos de transferência de competências de gestão em matéria de Cultura, designadamente para a valorização e conservação do Lagar de Varas de Fojo [em Moura] e do Castelo de Vidigueira. Estes protocolos “correspondem à transferência da posse das respetivas infraestruturas, prosseguindo-se, assim, a operacionalização da transferência de competências para os municípios no domínio da cultura”, diz fonte do Governo.

# Empresários do distrito temem agravamento da pandemia

Associação do Comércio regista encerramento de oito empresas e perda de 12 postos de trabalho no primeiro semestre do ano

**Atendendo à evolução da pandemia no País, a Associação do Comércio, Serviços e Turismo do distrito de Beja e o Nerbe estão preocupados com o eventual regresso de restrições. A concretizar-se, iria “colocar em causa muitas empresas”.**

TEXTO NÉLIA PEDROSA

A Associação do Comércio, Serviços e Turismo do Distrito de Beja encara “com muita preocupação” um possível agravamento da pandemia de covid-19 na região, atendendo à situação epidemiológica que se tem vindo a verificar, sobretudo, na região de Lisboa e Vale do Tejo e no Algarve. Devido à evolução da pandemia no País, o Governo acabou por decidir “não avançar, para já, para a próxima fase de desconfinamento”, que inicialmente estava prevista para a passada segunda-feira, dia 28 de junho.

Anabela Guerreiro, coordenadora geral da associação, diz, em declarações ao “Diário do Alentejo”, que “um possível recuo nas medidas de desconfinamento no distrito de Beja vem agravar ainda mais a situação económica dos estabelecimentos, em particular dos cafés, restaurantes, hoteleiros e comércio em geral”. E lembra que os impactos da crise provocada pela pandemia “foram devastadores” para os comerciantes do distrito, “implicando mudanças estruturais, quer ao nível da tipologia de negócio, quer no quadro de pessoal”.

Neste último semestre, revela, a associação tem conhecimento “de oito empresas associadas que, pelo imperativo dos constrangimentos provocados pela pandemia, tiveram que encerrar, o que representa a perda de 12 postos de trabalho”.

“CONTRARRELÓGIO PARA RECUPERAR”  
“Vai ser dramático para as empresas caso haja um recuo”, considera, por sua vez, David Simão, presidente da Associação Empresarial do Baixo Alentejo e Litoral (Nerbe/Aeбал). “Tanto no comércio, como nos serviços, lutamos muito para recuperar a confiança dos nossos clientes e qualquer interferência nessa confiança pode significar uma diminuição do consumo e, consequentemente, do volume de negócios para as empresas que podem ficar em situações



## COMÉRCIO AINDA NÃO RECUPEROU

Com um salão de cabeleireiro de portas abertas há seis anos, em Serpa, Cátia Silva está já a preparar “o segundo fundo de maneio” desde o início da pandemia, caso seja necessário encerrar pela terceira vez. Embora não tenha funcionários, “há despesas que se mantêm”, como a prestação de crédito da loja, diz. “Tenho muito receio [de um novo confinamento] por isso já me vou preparando”, sublinha. E adianta que, devido à pandemia, optou por cortar “algumas despesas consideradas mais supérfluas”, evitando, por exemplo, “ligar o ar condicionado e desligando as luzes o máximo de tempo possível”, até porque, apesar das medidas de desconfinamento em vigor, “nota-se uma redução no serviço”. “A pessoa que vinha ao cabeleireiro regularmente passou a vir menos

vezes. Faz apenas o necessário. Porque estará a ser afetada pela crise ou a pensar no futuro, dado que não sabemos no que é que isto vai dar”. Com o decréscimo da realização de casamentos, batizados e outras festas devido à pandemia, e com as restrições ainda em vigor em termos de lotação, também o pronto-a-vestir de Manuel Soares, aberto há 30 anos em Almodôvar, ainda não conseguiu recuperar o volume de vendas. A isso, acresce, a expansão do comércio ‘online’ desde o início da pandemia. “Estivemos fechados [nos períodos de confinamento] e as pessoas têm medo de vir às lojas. O negócio já não estava muito bem, por causa dos centros comerciais e das autoestradas para o Algarve, com a pandemia ainda se agravou mais”, diz o comerciante.

complicadas porque esgotaram todas as suas reservas no último ano”, adianta o responsável, salientando que “houve uma preocupação transversal a todos os setores de manter os seus funcionários, aproveitaram-se todas as medidas de apoio à tesouraria, mas essas medidas estão a chegar ao fim”. Por isso, diz, “é premente manter todos os cuidados recomendados pela Direção Geral de Saúde (DGS), manter as pessoas nos seus locais de trabalho com a possibilidade de estarem operacionais e manter a confiança dos consumidores”.

David Simão sublinha que o Nerbe tem alertado os associados para a manutenção das medidas de segurança, “porque estamos em contrarrelógio para recuperar o ano anterior”, sobretudo, nas áreas mais afetadas pela crise, como o turismo, a restauração e o alojamento local. Na “medida do possível”, tem facilitado, também, à DGS, “contactos das empresas, nomeadamente, das que têm mais funcionários, para que se possam agilizar as campanhas de vacinação”.

O empresário realça ainda como preocupante o caso do concelho de

Odemira – que integra o grupo, segundo a DGS, “dos que registam, pela segunda avaliação consecutiva, uma taxa de incidência superior a 120 casos por cem mil habitantes nos últimos 14 dias (ou superior a 240 se forem concelhos de baixa densidade) –, porque “continua sem haver uma análise aprofundada das situações específicas” do território. “Continua a haver um fecho dramático para os empresários daquela área, uma situação que precisa de ser resolvida com uma urgência enorme”.

Com a pandemia de covid-19, realça

o dirigente, tem-se notado, também, “uma falha generalizada nas cadeias de fornecimento das matérias-primas, dos fatores de produção”, uma situação considerada preocupante e que “tem sido acompanhada de alguma especulação, de um aumento generalizado dos preços das matérias-primas, o que nos deixa muito receosos para os futuros próximos”.

Apesar do cenário, David Simão diz que se tem vindo a registar uma recuperação por parte das empresas do distrito, com o processo de desconfinamento iniciado em meados de março. “É lógico que isto aumenta conforme assim vai aumentando o fator confiança das pessoas. O que se nota também é que as empresas reajustaram os seus serviços, os seus hábitos, no completo respeito das medidas de segurança – higienização dos espaços, distâncias de segurança, postos de trabalho equipados com medidas de proteção –, por isso não podemos desprezar todo esse investimento para voltarmos com um passo atrás precipitado e pouco ponderado. Isso poderá colocar em causa muitas empresas”.

## FIM DAS MORATÓRIAS “É PREOCUPANTE”

Também segundo a coordenadora geral da associação do comércio, “constata-se uma melhoria significativa após a aplicação das medidas de desconfinamento”. As “empresas foram retomando a atividade gradualmente, contudo, estão longe de conseguir recuperar o volume de negócios que tinham em época pré-pandemia”, sublinha.

Para tentar enfrentar os problemas financeiros decorrentes da crise provocada pela pandemia, alguns empresários foram obrigados a reinventar o negócio, nomeadamente, “os restaurantes com o ‘take away’ ou o pronto-a-vestir com as vendas ‘online’”. Na generalidade das empresas, diz Anabela Guerreiro, “as mudanças foram bem-sucedidas, noutras, ficaram um pouco aquém das expectativas”.

A associação vê também com preocupação “os tempos após as moratórias [de crédito], que se prevê terminarem já em setembro. E a verificar-se haverá certamente muitos estabelecimentos que não vão aguentar-se abertos. Esperemos que até lá o Governo possa ajudar com alguma solução”, conclui.



# Central solar em Cercal pode “artificializar” espaço rural

Projeto de 164 milhões de euros esteve em consulta pública

**O projeto de instalação de uma central solar de grandes dimensões na freguesia de Cercal do Alentejo, concelho de Santiago do Cacém, pode implicar a “artificialização do espaço rural”, alertou hoje a associação ambientalista Zero.**

“A Zero está extremamente preocupada quando estamos perante uma artificialização do espaço rural para a instalação de equipamentos para a produção de energia”, diz Nuno Forner, daquela associação ambientalista.

O projeto desta central solar fotovoltaica, que a empresa Cercal Power S.A pretende desenvolver em Cercal do Alentejo, prevê um investimento global de 164,2 milhões de euros e o respetivo Estudo de Impacte Ambiental (EIA) esteve em consulta pública até ao passado dia 10 de maio.

A iniciativa, que está a suscitar críticas de moradores, inclusive com petições, resulta da junção de cinco centrais de menor dimensão, “com licença de produção já atribuída” pela Direção-Geral de Energia e Geologia, e a construção de uma linha de muito alta tensão (LMAT).

Os painéis serão instalados numa área de 137,05 hectares, onde serão montados 553.722 módulos fotovoltaicos, com uma potência total de injeção de 223,6 MVA (megavolt-ampere) para produzir em média 596.206 megawatts (Mwh)/ano,

segundo referido no resumo não técnico do EIA.

Para o dirigente da Zero, o investimento da Cercal Power em “áreas que, neste momento, são utilizadas para agricultura e uma pequena percentagem para produção florestal” tem impacto junto de “algumas espécies com estatuto de conservação elevado”, como é o caso do “milhafre-real e da águia de Bonelli”.

São espécies que “estão muito dependentes destas áreas agrícolas para a sua alimentação e, em alguns casos, para a sua reprodução”, sublinhou o ambientalista, que criticou ainda a construção de uma LMAT “com mais de 20 quilómetros” por “atravessar áreas onde predominam zonas florestais”, o que implicará “corte significativo” de eucalipto, sobreiro e pinheiro.

Contra a instalação da central, a cerca de um quilómetro da vila de Cercal do Alentejo, foi lançada na Internet, por moradores, agricultores e empresários turísticos locais, uma petição pública que contabiliza cerca de 800 assinaturas.

Os subscritores da petição, que diz “Não à central fotovoltaica do Cercal do Alentejo” e circula também em papel, manifestam-se contra a “monocultura intensiva de painéis solares” e criticam a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) por alegadamente ter promovido uma sessão de esclarecimento “apenas dois dias antes do fim do prazo” da consulta pública.

“A proliferação das centrais solares é o novo fenómeno no litoral

alentejano, depois das estufas de frutos silvestres, olivais e amendoeiras intensivos. Os planos de mega centrais solares em torno de pequenas aldeias e vilas com um décimo dessa área tem que ser revisto”, pode ler-se no documento.

O presidente da Câmara de Santiago do Cacém, Álvaro Beijinha, diz estar a acompanhar “de forma tranquila” o processo, gerido pela APA, e lembrou que o pedido de licenciamento “ainda não deu entrada na câmara” para “avaliar a proposta” e “perceber” se pode ou não ser aprovada no âmbito do Plano Diretor Municipal. “Esse momento ainda não chegou e nem sabemos se o projeto vai ser aprovado pela APA, por isso, apelo à serenidade das pessoas, porque não é um dado adquirido que vá haver central fotovoltaica”.

Mas, caso a APA dê “luz verde” ao avanço do projeto, “tenho a certeza de que o dará com muitas condições, como o afastamento da localidade do Cercal, das habitações, turismos e negócios”.

O município, no âmbito do EIA, apresentou um parecer em que suscitou “um conjunto de reservas”, como a “proximidade” à vila e “o abate de azinheiras e sobreiros”. No documento, a câmara alertou ainda para a necessidade de “criação de cortinas arbóreas” para “minimizar o impacto ambiental”, exemplificou o autarca, criticando quem está “a tentar criar um ruído à volta” deste assunto e “a colocar um mau rótulo a Santiago do Cacém”.

## MÉRTOLA

A CDU acusou o PS de ocupar ilegalmente uma loja num edifício municipal em Mértola, cedida pela câmara a um clube de futebol, mas a concelhia socialista contrapôs que o aluguer é legal. Em comunicado, a CDU contestou o facto de a estrutura local do PS ter ocupado uma das lojas para instalar a sede do partido. O imóvel é “propriedade da câmara municipal e é a esta entidade que cabe sempre uma última palavra acerca da utilização” dos espaços, pelo que é “com espanto que se constata que uma das referidas lojas foi ocupada pelo Partido Socialista”. O presidente da concelhia de Mértola do PS, Luís Martins, confirmou que o partido “alugou a loja ao clube”, para aí instalar a sua sede e assumiu que o Clube de Futebol Guadiana terá confirmado a legalidade do arrendamento a pedido expresso dos socialistas.

## VIDIGUEIRA

Os tempos livres das crianças e jovens de Vidigueira, entre os cinco e os 16 anos, vão poder ser ocupados com as atividades de um programa promovido pela câmara, entre 09 de julho e 17 de setembro. O Programa Vidigueira Férias destina-se a crianças e jovens, daquelas faixas etárias, de todas as freguesias do concelho e pretende apoiar as famílias e ocupar de uma forma saudável e divertida os tempos livres dos mais novos, durante o período das férias de verão.

## LITORAL

A Liga para a Proteção da Natureza (LPN) denunciou junto da Comissão Europeia a destruição total de cinco charcos temporários mediterrânicos, habitats protegidos e prioritários, no sudoeste alentejano. A divulgação da denúncia foi feita pela LPN em comunicado, no qual explica que os habitats protegidos foram destruídos pela agricultura intensiva que se realiza no sudoeste alentejano, especialmente no concelho de Odemira, um local que é ao mesmo tempo um parque nacional. A LPN esteve durante cinco anos, entre 2013 e 2018, à frente de um projeto de conservação dos charcos temporários mediterrânicos (LIFE Charcos), com financiamento europeu. Os cinco charcos eram “os últimos sobreviventes de uma das mais importantes concentrações de charcos no país”, diz a LPN no comunicado, explicando que os restantes tinham já sido destruídos devido à agricultura.

## Guadiana navegável até Mértola

O projeto de navegabilidade do troço do rio Guadiana em Mértola que vai permitir navegar até Vila Real de Santo António, avança este ano, num investimento de três milhões de euros. De acordo com o presidente da Câmara de Mértola, Jorge Rosa, trata-se da última fase para possibilitar a navegabilidade até Vila Real de Santo António.

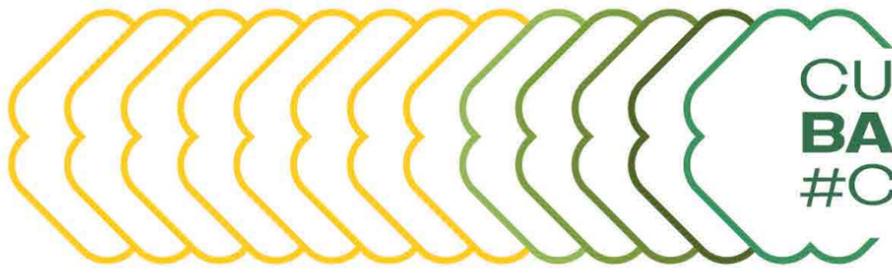
O projeto da obra está previsto ficar concluído em agosto, decorrendo depois os trabalhos num período de seis a oito meses. Além do investimento de três milhões de euros, no concelho de Mértola, o autarca explicou que está previsto outro investimento de infraestruturas em terra, no valor de “1,5 ou dois milhões de euros”, que envolve os municípios de Mértola, Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António. Segundo Jorge Rosa, estes investimentos vão ser candidados a fundos comunitários.

O autarca realçou que a navegabilidade do rio Guadiana “é importante” para o concelho, visto que permite “explorar melhor esta grande mais-valia” para Mértola e perspetivar “um desenvolvimento turístico diferente”, permitindo “novos negócios, que levam à criação de emprego e riqueza”. Trata-se de um processo reivindicado há muitos anos pelo concelho de Mértola.

Em comunicado, a Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM) indicou que foi dado “um passo decisivo” para avançar com o projeto de navegabilidade do troço Pomarão-Mértola no rio Guadiana. A DGRM adiantou que vai avançar com o projeto de navegabilidade do último troço até Mértola, o que contemplará a “regularização de fundos em toda a sua extensão e a execução do assinalamento marítimo através de balizagem diurna e noturna do futuro canal de navegação”. Complementarmente, deverão também ser realizadas “intervenções nas infraestruturas de acostagem e movimentação de pessoas”.

A DGRM lembrou que realizou nos últimos anos a recuperação do molhe quebra-mar da barra de acesso ao rio em Vila Real de Santo António, bem como a execução dos projetos de navegabilidade nos primeiros dois troços, ou seja, o troço entre Vila Real de Santo António-Alcoutim e Alcoutim-Pomarão.

Com a conclusão deste projeto, acrescenta-se no comunicado, “repõe-se a navegabilidade desta via de navegação interior, a qual assumiu no passado uma grande importância económico-social para as gentes do Baixo Guadiana e que atualmente é uma grande aspiração deste território”.



CULTURA EM REDE  
**BAIXO ALENTEJO**  
#CIMBAL

**festival**  
**ba**

Consultar o site  
[www.festivalba.pt](http://www.festivalba.pt)



Organização:



Cofinanciado por:





“Aplicação de novas tecnologias ao registo e digitalização de património” foi o tema de um ‘workshop’ realizado na passada quarta-feira, dia 30, no Museu Rainha Dona Leonor, em Beja, promovido pela Direção Regional de Cultura do Alentejo. O objetivo foi “proporcionar a experiência de utilização da fotogrametria digital, realização da captura de dados fotográficos de forma adequada, aplicação de ferramentas informáticas de processamento e pós-processamento, bem como criação de modelos 3D”, sublinhou a entidade organizadora.

Um restauro na Igreja Matriz de Alvito trouxe à luz do dia pinturas murais a fresco. Intervencionada ao nível da conservação, a pintura do século XVI pode ser admirada já em julho, no âmbito do evento Dias Abertos da Rota do Fresco, organizado pela Spira – Revitalização Patrimonial, que visa tornar o património cultural e natural do Alentejo acessível a toda a gente.

A descoberta aconteceu durante os trabalhos de conservação e restauro do revestimento dos azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Igreja Matriz de Alvito, classificada como Monumento Nacional pela Direção-Geral do Património Cultural. “O objetivo era conservar os azulejos, pelo que foi necessário remover uma série deles para fazer a sua estabilização. E, ao fazê-lo, demos com esta agradável surpresa”, comenta Carlos Costa, sócio-gerente do ‘atelier’ de conservação e restauro Samthiago – a empresa, a quem a Câmara Municipal de Alvito adjudicou a intervenção, com o acompanhamento técnico da Direção Regional de Cultura do Alentejo.

“As pinturas estavam subjacentes ao azulejo, por baixo deles”, esclarece o conservador e restaurador, explicando que a equipa levantou apenas uma pequena parte da pintura, sendo possível que ela revista toda a zona superior do arco e da nave da igreja matriz. “Chegou-se a ponderar levantar mais, apesar de não ser necessário em termos de conservação dos azulejos, mas concluiu-se que não valia a pena correr riscos”, como o do levantamento destruir a pintura ou esta se encontrar em más condições de conservação. A zona agora revelada foi “relativamente fácil” de pôr a descoberto porque os azulejos estava a soltar-se, diz Carlos Costa. “Daí que fosse necessário desmontá-los para depois os consolidar e estabilizar”. A decisão de não avançar foi tomada em conjunto com o município e a Direção Regional de Cultura.

**MURAL CARACTERÍSTICO DO ALENTEJO** O conservador explica que o painel, que retrata anjos músicos, foi sujeito o “a um pequeno trabalho de conservação para estabilizar o que existe”. Ao contrário da azulejaria que reveste toda a igreja de Alvito, que está a ser sujeita a uma intervenção de restauro profunda até ao final de este ano. Recorde-se que o corpo da Igreja de Nossa Senhora da Assunção possui três naves com abóbodas que apresentam componentes góticos e renascentistas, sendo uma significativa parte do seu interior revestido por azulejos do século XVII.

Catarina Valença Gonçalves, fundadora e diretora da Spira, empresa de revitalização do património, o nome por detrás do



Projeto Rota do Fresco – primeiro ‘touring’ cultural em Portugal que junta 15 municípios alentejanos – diz trata-se de “uma pintura mural característica do Alentejo”. Segundo avaliação do historiador de arte e professor Vítor Serrão, “é uma pintura mural da escola José Escovar, um pintor do final do século XVI e início do século XVII, particularmente prolixo, que vivia, entre outras moradas, em Évora,

onde tinha uma oficina.” As pinturas serão restos de uma campanha do século XVI “um pouco anterior à colocação dos azulejos, cerca de 50 anos antes”.

A fundadora da Spira, que também é historiadora de arte, dá conta da existência de inúmeros exemplares da escola de Escovar em muito outros edifícios religiosos do Alentejo, como a Igreja de São João Batista, em Monsaraz, e a de São Sebastião,

em Alvito. Explica ainda que a Igreja Matriz desta vila alentejana tem um repositório de pintura mural a fresco de grande valor. Nomeadamente o que está visível há já muitos anos, com as personagens de Santiago, São Sebastião e Santo André, datadas dos anos 80 do século XV. “É uma das poucas pinturas murais tão recuadas que nós temos no nosso País, e em especial no Alentejo”, sublinha. Um conjunto de pintura mural

continua também na abóboda da capela-mor e nas capelas laterais.

#### APROXIMAR AS PESSOAS DO PATRIMÓNIO

De acordo com a especialista, no final do século XVI e início do século XVII, o Alentejo tornou-se o maior repositório de pintura mural a fresco, por excelência, do País. Um legado que permanece até aos dias de hoje, sendo que “na maior parte dos casos”, essas pinturas estão à vista. “Talvez seja o único lado bom da falta de desenvolvimento económico-social da nossa região... é que o património foi preservado”.

Pensa-se que haverá muito mais escondido. A esmagadora maioria das vezes está por baixo de cal, adianta. Explicando: “O intuito da caição é esconder a pintura mural, ou porque os santos deixaram de ser os que se cultuavam – porque a pintura está degradada e não há possibilidade de fazer de novo e, portanto, não se pode prestar culto a uma figura que esteja sem um olho ou sem um braço, pois é preciso lembrar que a pintura mural tem uma função catequética, religiosa, para além da decorativa –, ou quando não há qualquer possibilidade de preservá-la ou fazer nova campanha”.

Amanhã, dia 3 de julho, será possível admirar os frescos agora descobertos no âmbito do evento Dias Abertos do Fresco 2021, organizado pela Spira. A visita é gratuita e acompanhada no local pelos técnicos do ‘atelier’ Samthiago que vão explicar o processo de intervenção. O programa inclui ainda uma paragem na Ermida de São Neutel, com mais de 500 anos, em Vila Nova da Baronia. Catarina Valença Gonçalves diz que “o intuito destas visitas é cumprir um propósito democrático que é aproximar as pessoas do património que é seu”.

Frescos seiscentistas descobertos na Igreja Matriz de Alvito

# património

TEXTO JÚLIA SERRÃO



A Câmara de Vidigueira procedeu à entrega dos auxílios económicos ao movimento associativo do concelho para o ano de 2021, num investimento de 55 mil euros. Segundo a autarquia, “a atribuição anual de um subsídio financeiro destinado a incentivar as atividades desenvolvidas, regularmente, insere-se no regulamento de apoio ao movimento associativo e é efetuada, tendo em conta, os planos anuais de atividade e orçamento apresentados pelas associações”.

# Misericórdia de Ferreira “pinta sorrisos” de idosos em apoio domiciliário

Projeto “Felicita-me” reconhecido pela União das Misericórdias Portuguesas. Trata-se de uma resposta social em tempos de pandemia

**“Felicita-me” é um projeto da Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo, reconhecido pela União das Misericórdias Portuguesas e que visa “pintar sorrisos, aquecer corações, atenuar a dor e valorizar histórias de vida”.**

TEXTO RITA PALMA NASCIMENTO

A ideia começou a ser desenhada em outubro de 2020 por Daniela Góis, atual diretora técnica do Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) da Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo (Scmfa), com o intuito de atender, alterar e adequar respostas sociais, num momento em que se acentuavam as fragilidades de grupos de risco, por força da realidade pandémica. Segundo Daniela Góis, “partiu-se do pressuposto de que os utentes careciam de envolvimento noutras atividades que englobassem domínios que não apenas o autocuidado. “A pandemia”, acrescenta, “veio agravar a solidão, o isolamento e a dispersão do afeto familiar” o que impôs, uma reinvenção do SAD.

Era preciso, agora, “dar resposta a um conjunto de problemáticas pouco perceptíveis anteriormente, isto porque a maioria dos utentes mantinha a sua rotina quotidiana”, que se alterou com a imposição de largos meses de confinamento e alteração à vida “tal como a conhecíamos até aqui”. Nesse sentido, “era necessário intervir nas dimensões mais abstratas do ser humano, enquanto ser social que é”. A razão, “a única”, de acordo com a diretora, é muito simples de explicar: “foi pintar sorrisos”.

Inicialmente “a ideia foi (e continua a ser) surpreender pessoas, numa ótica de valorização pessoal e de empatia pelo próximo”. Contudo, no presente, e numa outra escala, o projeto permitiu, com maior regularidade, planear outro tipo de atividades. “Com os recursos disponíveis foi possível mostrar que, com alma e motivação, não é necessário muito mais para que se toquem os corações de quem mais precisa. O Felicita-me



## “SÃO AS PESSOAS QUE MAIS PRECISAM DE APOIO”

Questionada sobre o impacto das ações e intervenções técnicas ao abrigo do projeto “Felicita-me”, Daniela Góis considera-o “positivo”. O contexto é propício, sobretudo num “meio rural, como o é o concelho de Ferreira do Alentejo, onde respostas como esta não existiam para o público-alvo” da instituição, ou seja, os utentes do centro de dia, na sua maioria sem retaguarda familiar e cujo agregado familiar é composto por uma só pessoa. Em território nacional, relata a diretora técnica ao “DA”, as instituições públicas não priorizaram este grupo. “É uma crueldade. São estas as pessoas que mais precisam de apoio. Ninguém lhes bateu à porta. Apenas nós, as equipas de apoio domiciliário, com respostas muito peculiares”. O balanço é, por isso, “crescente”, e pautado por “emoções genuínas e momentos inesperados”, mas também pela “transparência, envolvimento e colaboração dos utentes neste projeto”.

temos centrado, em ser a família do coração dos nossos utentes”.

Há sempre uma conversa, um gesto, um olhar, a realização de uma atividade, a satisfação de um desejo ou uma surpresa, “quem não gosta?”, interroga Daniela Góis? “É um exercício simples de fazer, basta colocarmo-nos no lugar do outro e agir de acordo com o que gostaríamos de receber no seu lugar”. Nesta perspetiva, acrescenta, “alargamos o projeto a uma vertente socio-ocupacional, com o objetivo de diminuir o absentismo e os momentos de ócio e solidão, através da realização de atividades ocupacionais, sem abdicar dos momentos surpresa e inesperados, como o sejam a celebração de um aniversário. Há que atenuar a dor, suaviza-la, valorizando pessoas e histórias”.

“Há uma senhora”, refere a diretora técnica, atualmente domiciliada, “ainda autónoma para as atividades da vida diária, mas com limitações do foro psíquico e que reside numa habitação com fracas condições de habitabilidade e comodidade”. Vive da esperança e da contagem dos dias, “ansiando o dia da nossa vista”. As atividades executadas com esta utente, elucida, são “realizadas em espaço exterior”, variável, “porque não existe a obrigatoriedade de um lugar concreto para exercer o nosso trabalho” e, neste caso concreto, a habitação não o permite. “Temos que nos adaptar às situações e realidades dos utentes e não o inverso”.

nasceu disso mesmo, da vontade de transformar as noites de inverno em dias de primavera, de fazer do chão o colo que faltava”, descreve Daniela Góis.

Por outro lado, a diretora técnica alerta para que “nem todas as atitudes” de menosprezo, abandono, desatenção, negligência ou ineficácia “se podem justificar com atual contexto pandémico”. Muito antes, “eram já as equipas de prestação de cuidados quem mais perto se encontrava dos utentes. A presente realidade apenas o exacerbou”. Num cenário de abandono, esquecimento e solidão “a humanização dos cuidados” impõe-se. “É é nisso que nos

**ENCONTROS VIRTUAIS** Daniela Góis enfatiza também a possibilidade e “recompensa” que é ver e sentir o sorriso de quem “há muito não celebra o aniversário” e de quem “não vê a família há largos meses”. Momentos agora possíveis através de encontros, virtuais, promovidos pela equipa do Serviço de Apoio Domiciliário da Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo, através de um ‘tablet’. “Conectamos os utentes à família e fazemos a festa juntos!”. Há também aqueles que “nunca sorriram verdadeiramente”, subjugados “à opressão em que viviam”, a quem é agora possível “pintar sorrisos” e colorir os dias.



O Núcleo Empresarial da Região de Beja assinou com a Câmara de Barrancos o protocolo de colaboração para a gestão de uma incubadora de empresas naquela vila raiana. Em comunicado, a autarquia refere que o projeto representa uma “aposta na criação de uma estrutura que possa dar apoio ao lançamento de novas ideias de negócio”. A iniciativa conta com a parceria da Estêva – Associação para o Desenvolvimento de Barrancos, e serve para acolher empresas de excelência e de apoio ao empreendedorismo de base local.

O Festival BA vai, “até meados do próximo ano”, percorrer os 13 concelhos do Baixo Alentejo (Beja, Barrancos, Castro Verde, Alentejo, Alentejo, Vidigueira e Almodôvar) para levar até às populações, o melhor da música, cante alentejano, teatro e dança, protagonizados por artistas da região.



Cerca de 150 espetáculos em 13 concelhos do Baixo Alentejo

# festival ba

TEXTO MARTA LOURO

Promovido pela Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (Cimbal), em parceria com as 13 câmaras que a compõem, o evento é cofinanciado a 100 por cento pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (Feder), através do Programa Operacional Regional do Alentejo 2020. Jorge Rosa, presidente da Cimbal explica que a ideia surgiu na sequência da candidatura à Programação Cultural em Rede no Baixo Alentejo, com o objetivo de “apoiar e ajudar na retoma cultural e artística”, ao mesmo tempo que quer contribuir para “a manutenção das atividades culturais e artísticas, tendo em conta os prejuízos decorrentes da suspensão total ou parcial da atividade cultural, em contexto de pandemia da covid-19”.

A iniciativa que “envolve um conjunto alargado de profissionais da cultura do Baixo Alentejo”, dá especial destaque às expressões artísticas como o teatro, a dança, a música e o cante. “O Festival BA visa dinamizar e desenvolver o património cultural, enquanto instrumento de diferenciação e competitividade do território”.

Num total de cerca de 150 espetáculos, uma parte dos municípios vai assumir diretamente a gestão da programação, e outra parte decidiu criar uma programação conjunta “onde cada um dos municípios terá 14 espetáculos iguais”.

A programação cultural é

“muito variada e intensa e vai durar até meados do próximo ano”. O Festival BA vai, por um lado, “recuperar a dinâmica perdida nestas áreas por via da pandemia”, e por outro, ajudar a “recuperar o sistema psicológico” da população que muito tem sido afetado, nestes últimos tempos., acrescenta Jorge Rosa, recordando que o território do Baixo Alentejo “é muito cultural, com uma programação e dinâmica” que se debruça “na tradição e na cultura do nosso povo, que deve ser mantida e valorizada”.

O Festival deu o “pontapé de saída” em Castro Verde, com um concerto com Buba Espinha, junto à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Em declarações ao ‘DA’, o músico enaltece a iniciativa e fala “numa quantidade impressionante de concertos” que são realizados apenas com profissionais da região. “Ter centenas de espetáculos só com prata da casa é maravilhoso e significa que a

nossa cultura está de boa saúde”.

Ter a oportunidade de “abrir” o certame, diz Buba Espinha, foi um “orgulho”. E explica: “Apresentei o meu álbum em 2020 e não pude ir para a estrada, estou a fazê-lo agora em 11 concertos deste festival. Sentir o calor das pessoas e ver que, de alguma forma, consomem a minha música, deixa-me cheio de vontade para continuar”. O músico está a “aproveitar” a iniciativa para “incluir novos temas” que farão “parte do novo álbum que está a preparar”.

José Diogo Bento é outro dos artistas que vai percorrer o Baixo Alentejo, no âmbito do BA. O cantor entende que a iniciativa “vem em boa hora para ajudar os artistas locais”, assim como “serve também para as pessoas” que se viram obrigadas a “cortar relações” com os espetáculos culturais.

“É muito importante poder dar concertos em todas as localidades do Baixo Alentejo, é muito bom. O

Alentejo é muito grande, e no caso do Baixo Alentejo onde está a decorrer a iniciativa, levar a viola campaniça e o cantar ao despique e ao baldão a Barrancos, é uma conquista”, refere Pedro Mestre, outro dos artistas presente na iniciativa. “Por vezes esquecemos aquilo que é nosso, e isso faz falta às pessoas, ainda para mais durante a pandemia. Fazer cultura, desta maneira é sem dúvida motivo de sensibilidade e respeito por aqueles que fazem cultura de tradição e que têm menor destaque a nível nacional”.

Segundo Pedro Mestre, a “cultura do Alentejo está a viver um momento, que nunca tinha vivido, em termos de atividade dos grupos corais. Os grupos corais também mereciam ter uma iniciativa deste género. A maior parte dos grupos continuam parados, não têm atuações nem convites para voltar a atuar”.

“Pouco tempo depois do cante alentejano ter sido considerado

património imaterial da humanidade, surge uma pandemia para quebrar tudo e faz com que este tipo de formação de cante alentejano esteja em risco”, refere o músico, sublinhando que “preparar um espetáculo neste festival e durante a pandemia nunca pode ser da mesma forma, porque não podemos ter em palco as pessoas que desejaríamos ter, não podemos trabalhar da mesma forma em termos de valor de cache, porque temos de ter em conta a situação que existe e ter espírito de colaborar porque é preciso fazer ver às pessoas que o mundo do espetáculo tem de voltar ao ativo”.

Este festival, refere, faz com que aos poucos “seja possível ir educando as pessoas para a música e para os espetáculos. Aos poucos, a população começa a sair de casa e a ter menos receio. As pessoas já têm saudades de viver normalmente, porque afinal éramos muitos felizes e não sabíamos”.

# OPINIÃO

## Territórios digitais e inteligência coletiva

ANTÓNIO COVA PROFESSOR UNIVERSITÁRIO\*

O modo de olhar para um problema é uma parte importante do problema. Assim, digitalizar o território é uma perspectiva, territorializar o digital é outra perspectiva. Este artigo é sobre o ponto de encontro destas duas perspectivas complementares.

Os territórios digitais são uma espécie de novo emblema das políticas do território. Vale a pena, por isso, fazer um esforço analítico no sentido de perceber melhor em que consiste e o que está em jogo quando se fala de territórios digitais e digitalização territorial. Em referência ao negócio digital que irá inundar a sociedade portuguesa em todas as áreas de atividade, a digitalização de um território precisa de um contraponto, de um centro dotado de um mínimo de racionalidade territorial que evite a cacofonia e o ruído de fundo e seja capaz de estabelecer o ponto de equilíbrio entre uma perspectiva estritamente empresarial do negócio digital e a perspectiva da inteligência institucional e coletiva das comunidades territoriais. Vejamos alguns aspetos deste difícil e precário equilíbrio. (...)

**OS MODOS CONVENCIONAL E DIGITAL DA CARTOGRAFIA TERRITORIAL** Os territórios digitais abrem o caminho para uma outra perspectiva de olhar para os problemas de desenvolvimento territorial. Estou, desta forma, a sugerir que a cartografia convencional de fazer território dá lugar a uma outra cartografia menos convencional e mais virtual de desenhar a cartografia territorial, ou seja, estou a somar realidade à realidade já existente e, assim, a criar uma nova oportunidade para o desenvolvimento dos territórios (ver tabela).

O modo convencional tem uma determinada georreferenciação ou cartografia territorial, se quisermos, um padrão de mobilidade mais fixo, mas, também, um modo de sociabilidade e comunicação mais físico e presencial, se quisermos, mais emocional. O modo algorítmico ou digital tem uma georreferenciação diferente, um padrão-fluxo e uma cartografia mais móvel, bem como uma sociabilidade e comunicação mais intangíveis e virtuais.

Se observarmos os dois modos de ocupação do território pelo prisma das três inteligências (racional, emocional e artificial) verificaremos que a inteligência emocional sai claramente perdedora quando passamos do modo convencional para o modo digital. Ora, é a inteligência emocional que melhor consubstancia quer a ocupação do território e a nossa relação com a natureza, quer a provisão sentimental para a comunicação e a sociabilidade humanas. Esta constatação é plena de consequências quando olhamos a política de ordenamento e o planeamento urbanístico das grandes cidades, pois na mesma cidade temos dois universos significantes em profunda interação. Como

O modo convencional	O modo digital
O transporte público	A mobilidade partilhada
O táxi	As viaturas descaracterizadas
O hotel convencional	O alojamento local partilhado
A loja	O comércio em linha a pedido
O restaurante	O serviço em linha a pedido
O serviço público	O serviço online
O trabalho presencial	O teletrabalho
A consulta médica	A consulta por telemedicina
O ensino presencial	O ensino à distância
Os eventos presenciais	Os eventos por vídeo conferência
A presença das forças de segurança	A vigilância eletrónica
<b>A cidade convencional</b>	<b>A cidade inteligente (smart city)</b>

se fossem duas cidades na mesma cidade: o universo dos problemas materiais e tangíveis que precisam de ser digitalizados e virtualizados (a virtualização da realidade) e o universo dos imaginários virtuais (o realismo virtual) que aguarda para ser convertido em realidade tangível e material e outras tantas comunidades reais.

Nesta cidade a duas velocidades fica por saber como evoluem as respetivas cartografias territoriais e as representações do espaço público, como se acomodam os espaços ditos verdes, qual é a adequação da arquitetura urbana a esta dupla velocidade e como se distribui o nosso padrão de mobilidade nesse contexto.

**OS MODOS E AS PLATAFORMAS, ENTRE O 'IN SITU' E O 'EX SITU'** No modo convencional os cidadãos vão ter com os serviços que estão fisicamente estabelecidos nos locais de residência de acordo com uma certa geografia urbana. Os percursos são familiares: o quiosque, a casa das apostas, o café, a loja, o serviço público, a agência bancária, o posto dos CTT, a farmácia, a livraria, a biblioteca, o consultório, o restaurante, a galeria, a sala de conferência, entre muitos outros locais. No modo digital, e em muitos casos, são os serviços que vêm ter connosco, em linha e no terminal do nosso 'smartphone': o jornal 'online', o jogo 'online', as compras 'online', as encomendas 'online', o 'e-government' e 'e-banking', a refeição 'takeaway' uberizada, o teletrabalho e a telemedicina, as visitas digitais aos museus e galerias, o 'e-book', os eventos nas redes sociais, os 'webinars', entre outros. Parece, assim, que o fixo virou fluxo.

Além disso, a covid-19 obrigou a reconsiderar as deslocações, concentrações, serviços, espaços de lazer e de recreio, o universo desportivo, a arquitetura urbana do espaço público, ou seja, tudo o que diz respeito à ocupação e distribuição pelo território. Ainda é cedo para perceber o impacto nos modos de organizar a cidade, mas nada

ficará como dantes.

No modo convencional a cidade está verticalizada, o poder está centralizado e domina a cidade. O universo que prevalece é o universo dos equipamentos, infraestruturas e serviços públicos, ou seja, o universo das autoridades públicas. No modo digital e algorítmico o código domina a cidade, a cidade está mais horizontalizada, as plataformas colaborativas partilham o poder, um poder mais lateral que dispensa, em certas condições, a intermediação das autoridades públicas. Não falamos de cidade dual, mas de plataformas públicas, privadas e cooperativas que procuram ainda uma base colaborativa de entendimento. Quando alcançarem esse objetivo teremos, seguramente, uma outra cartografia, um outro padrão de mobilidade, um outro território espaço-público.

No plano técnico, as plataformas, os algoritmos e os aplicativos criarão duas realidades distintas, mas complementares: as atividades 'in situ' de presença física direta e as atividades 'ex situ' de controlo e monitorização à distância. Como é óbvio, os planos de ação compreenderão sempre as duas atividades em dosagem variada de acordo com o respetivo planeamento.

Num plano mais substantivo, porém, a realidade 'in situ' é um espaço cognitivo onde a comunidade local ainda tem alguma capacidade de observação-ação e, portanto, de diálogo e comunicação. Essa capacidade pode perder-se a partir do momento em que os novos dispositivos digitais tomam conta da ocorrência e começa a monitorização 'ex situ'. A partir desse momento a linguagem do alfabeto das comunidades humanas dará, progressivamente, lugar à linguagem codificada da inteligência artificial (Internet dos objetos). Doravante, os dados que registam a nossa passagem, a nossa rastreabilidade pessoal, serão a matéria-prima de base das plataformas e dos algoritmos. Deixamos de ser um cidadão freguês membro de uma comunidade local para ser um

ficheiro, uma 'password', um número de conta ou uma notificação numerada.

No plano da mobilidade e ordenamento do território, é óbvio que tudo depende de uma complementaridade saudável entre as duas perspectivas 'in situ' e 'ex situ'. A lógica das plataformas e dos algoritmos é uma lógica sem solo e com um 'front office' de intermediação muito mais reduzido, enquanto a lógica 'in situ' é uma lógica mais administrativa e com um 'front office' presencial mais numeroso. Por exemplo, a loja do cidadão já mudou a cartografia do espaço público que estava, antes, mais disperso, a extensão dos serviços 'online' irá modificar ainda mais essa cartografia territorial. Está verdadeiramente em causa o conceito de "administração pública do território" tal como o conhecemos até aqui.

**ESTRATÉGIA DIGITAL E INTELIGÊNCIA TERRITORIAL** Aqui chegados, a reconfiguração do território dependerá da estratégia digital prosseguida. Existem, pelo menos, cinco tipos de inteligência territorial que enquadram e delimitam tudo o resto:

- Uma simples otimização de recursos na provisão de serviços públicos convencionais;
- Uma provisão de bens comuns intermunicipais em resultado de alguma forma de federalismo autárquico, as CIM, por exemplo;
- O lançamento de plataformas 'made in' para desenvolver a sociedade colaborativa local;
- A criação de um ambiente inteligente de educação/formação digital, virada para o utente/utilizador;
- A criação de um ecossistema digital integrado virado para uma estratégia de desenvolvimento territorial como instrumento de formação de novas economias de rede e aglomeração.

Neste alinhamento, é muito importante que a digitalização de um território não se reduza a um quisto tecnológico implantado em algum ponto do território; por isso, é fundamental que o território crie ambientes e ecossistemas inteligentes e que a digitalização seja um fator genuíno de democratização e qualidade de vida e não mais um fator de exclusão social.

**TERRITÓRIO DIGITAIS E MUNICÍPIOS INTELIGENTES E CRIATIVOS** Não antevjo a criação de territórios digitais inteligentes sem um passo em frente dos municípios em direção a uma qualquer forma de federalismo autárquico que contemple, por um lado, a definição de um governo dos comuns e, por outro, a conceção e construção de um centro partilhado de recursos digitais. (...)

\* Texto editado em função do espaço disponível. Versão integral será publicada 'online'

# Valorizar a esperança

MANUEL ANTÓNIO DO ROSÁRIO PADRE

É costume dizer-se que “a esperança é a última coisa que se perde”. Concordo, embora o sentido do que se entende por esperança possa variar e ter interpretações opostas e quiçá contraditórias. Acredito na esperança como uma virtude, que não se confunde com apatia, desinteresse, passividade. Ela supõe, pelo contrário, uma postura proativa, exige compromisso, empenho, sacrifício, e é uma fonte permanente de inspiração e renovação.

Ela é ainda intemporal, e uma espécie de antivírus que nos permite, em cada tempo e circunstâncias, buscar forças e encontrar o caminho certo, quando tudo parecer perdido, estagnado, exangue.

Esta virtude urge ser cultivada, para crescer e nos iluminar, à medida que o tempo passa e as solicitações aumentam.

Os tempos que vivemos, fruto da pandemia, são um autêntico desafio ao exercício da esperança, sobretudo, quando nos vemos assolados por esta espécie de “montanha russa”, do ‘best...a best’, do tudo ou nada, numa intermitência estonteante.

Na verdade, no meio de tantas incertezas, incongruências, e outras falhas, para além da orientação clara de quem nos governa, é necessária uma boa dose de esperança, que nos torne mais estáveis e assertivos.

Como cristão acredito também que a esperança nos abre ao horizonte da eternidade, nos torna mais fortes diante das adversidades, nos permite relativizar os pseudo-absolutos deste mundo, abrindo diante de nós uma clareira de transcendência que, não sendo obrigatória, pode preencher um vazio que existe no coração humano. Recordo a propósito uma frase do Papa Emérito Bento XVI: “O cristianismo é um humanismo aberto à transcendência”.

A esperança é uma espécie de irmã gémea da fé, e, apesar de não se confundirem, ambas necessitam da liberdade e da democracia para crescerem e, como árvores frondosas, darem fruto. Este pensamento é tanto mais oportuno quando estamos a celebrar os 20 anos da promulgação da Lei da Liberdade Religiosa (22-06-2021).



## Aeroporto de Beja. Devagar, devagarinho e parado

JOÃO ROSA EMPRESÁRIO

Há cerca de 10 anos, foi inaugurado com pompa e circunstância o Aeroporto de Beja - Alentejo, juntando no local milhares de pessoas, para assistir ao primeiro voo, promovido pela Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo e pela Entidade Regional de Turismo do Alentejo, se enganado não estou. O que, até àquela data, já se tornara muito polémico, pois uns acreditavam que iríamos ter voos permanentes, outros não. Mas, devagarinho, lá fomos tendo um ou outro voo de passageiros, de quando em quando.

Depois, com o seu desenvolvimento, tão devagarinho, quase parado, aparece um grupo a estudar o que de melhor poderia ser feito para incrementar a velocidade de desenvolvimento do Aeroporto de Beja, recomendando no seu relatório que, para se desenvolver, seria necessário enveredar pela vertente industrial com ligação ao setor da aviação e manutenção aeronáutica.

Pensámos: desta é que é! Com tantos terrenos anexos ao aeroporto, a preços inferiores comparativamente a Lisboa, Porto ou Faro, seria desta vez! Assim, mesmo que devagarinho, com alguma indústria, manutenção e exploração do espaço criado para uma eventual rede de frio para apoio ao movimento de carga e consequente exportação, a velocidade de desenvolvimento passaria para devagar.

Após estes 10 anos, o que aconteceu? Felizmente apareceu uma empresa chamada Hi-Fly que conseguiu negociar o estacionamento para as suas aeronaves e, mais recentemente, investiu na construção de um hangar de manutenção que já se encontra a laborar com cerca de 45 trabalhadores (grande parte dos quais corresponde a mão de obra local), que entretanto receberam formação para tal. Passamos assim de mais ou menos parados para... devagarinho.

**“Com o terminal de carga a funcionar, e um ou outro avião para o efeito, certamente conseguimos exportar a partir de Beja produtos frescos, contribuindo igualmente para o desenvolvimento do setor agrícola”**

É necessário e urgente aumentar a velocidade do desenvolvimento desta infraestrutura. O Alqueva, mesmo sem “andar de avião”, tem tido um desenvolvimento mais rápido. Penso que, com lotes de terreno a preços convidativos, e com três ou quatro anos de isenção de impostos para as empresas que ali se instalassem, certamente iria haver procura e desenvolvimento na sua vertente de indústria e manutenção.

Por outro lado, com o terminal de carga a funcionar, e um ou outro avião para o efeito, certamente conseguimos exportar a partir de Beja produtos frescos, contribuindo igualmente para o desenvolvimento do setor agrícola. Com o terminal de passageiros, embora não possamos esperar para já grandes movimentos, pois estamos num território com baixa densidade populacional, penso que seria possível realizar um ou dois voos semanais com a contribuição de todos: empresários do turismo, Entidade Regional de Turismo, Turismo de Portugal e ANA Aeroportos.

O aumento da placa de estacionamento de aeronaves também ajudaria ao seu sucesso e, assim, viabilizaria economicamente esta importante infraestrutura, de modo a dar-lhe velocidade suficiente para andar para a frente. Se assim não o fizermos, corremos o risco de um dia a ANA Aeroportos dizer “chega”. E depois? Passamos de devagarinho a parados.

Aproveito muito respeitosamente, em nome da região Alentejo que me viu nascer, e na qual teimeei em ficar, para pedir aos senhores autarcas que se unam e façam alguma coisa para que esta infraestrutura venha a ser uma realidade no desenvolvimento da região. Faço o mesmo pedido aos partidos políticos que através dos seus representantes, eleitos pelos cidadãos, e remunerados pelo serviço público (digo, dinheiro de impostos que todos pagamos) devem fazer acontecer.

### Estatuto editorial do “Diário do Alentejo”

1. O “Diário do Alentejo” é um jornal semanário regionalista, de informação geral, que pretende através do texto e da imagem dar cobertura aos acontecimentos mais relevantes da região, e que sem se remeter a posições de neutralidade proporciona espaço ao pluralismo político e de ideias, e aos valores da democracia e da liberdade.

2. O “Diário do Alentejo” é um jornal semanário independente cuja linha editorial é submetida a critérios de total rigor e seriedade, recusando quaisquer influências ideológicas ou dos poderes político, económico e religioso.

3. O “Diário do Alentejo” produz um jornalismo transparente, abrangendo os mais variados campos da sociedade portuguesa em geral e da alentejana em particular, com exigência e qualidade,

através de um trabalho eficaz, criativo e interativo, com o objetivo de bem informar e esclarecer um público plural.

4. O “Diário do Alentejo” não estabelece quaisquer hierarquias para as notícias e pretende contribuir para o debate e a reflexão sobre as grandes questões da região e do País, pelo que cria espaços apropriados para expressão de opiniões e não estabelece barreiras a qualquer corrente de comunicação.

5. O “Diário do Alentejo” considera que os factos e as opiniões devem ser separadas com evidência: os primeiros são intocáveis e as segundas são livres.

6. O “Diário do Alentejo” determina como únicos limites para a sua intervenção aqueles que são determinados pela lei, pela deontologia jornalística e ética profissional e por tudo aquilo que diga respeito à vida privada de todos os cidadãos.

# EFEMÉRIDE

Em 1971, José Afonso grava num estúdio em Paris, a canção “Grândola, Vila Morena”. Nessa altura, estava longe de imaginar que a canção iria, três anos mais tarde, servir de senha para o arranque das operações militares que acabariam com 48 anos de ditadura em Portugal. O ano de 2021 marca o 50.º aniversário dessa gravação, inspirada no Cante Alentejano. Mas o que levou José Afonso a compor essa canção que transporta os valores que ele tanto defendia: liberdade, igualdade, fraternidade, tendo-se tornado um hino e um símbolo de união entre os povos? No livro “Grândola Vila Morena - A Canção da Liberdade” (Edições Colibri, 2014), Mercedes Guerreiro e Jean Lemaître juntaram as pontas soltas dessa história - investigando, entrevistando intervenientes e verificando factos. A pedido do “DA”, seleccionaram excertos desse trabalho que documenta a passagem de Zeca Afonso pela “Vila Morena”.

FOTO CEDIDA PELO ARQUIVO MUNICIPAL DE GRÂNDOLA



CONCERTO de José Afonso e Samuel Quedas na Música Velha

No mês de abril de 1964, Zeca está em Faro com a Zélia, quando é contactado por um velho amigo do tempo das vacas magras em Coimbra, Hélder Costa, homem de teatro. Este último, conhecido pelos seus ideais antifascistas, é oriundo do município de Grândola,

a uns 50 quilómetros de Aljustrel, neste Alentejo com mentalidades coletivas e tão contestatórias.

Hélder Costa é portador de um convite endereçado a José Afonso, emitido por um círculo cultural de Grândola, de nome complicado, Sociedade Musical Fraternidade

Operária Grandolense, SMFOG em abreviado. Zeca é convidado para um concerto, no dia 17 de maio, por ocasião do 52.º aniversário da fundação da Sociedade, no qual participará também o guitarrista Carlos Paredes, que se fará acompanhar por Fernando Alvim.

José Afonso sente-se honrado por ter recebido este convite, por duas razões. A primeira é por saber que dentro da SMFOG se esconde um ninho de progressistas, a maioria operários, entre os quais muitos comunistas clandestinos, que escolheram a cultura como arma política. A segunda,

Música que deu início às operações militares do 25 de Abril faz 50 anos

# grândola

porque nunca antes se tinha encontrado com o Carlos Paredes, pelo qual nutre uma grande estima, devido ao seu talento como músico, que transformou a guitarra portuguesa em instrumento clássico, a mil léguas do eterno fado, mas também por este homem ser um militante corajoso e oprimido pelo regime.

Através de uma troca de correio, Zeca, que respondeu afirmativamente à solicitação, pede à Sociedade Musical para que seja contactado o pai de Rui Pato, o seu acompanhante. Rui tem 18 anos, é ainda menor de idade, e necessita de uma autorização paterna para viajar de Coimbra a Grândola, o que ele obtém sem problema.

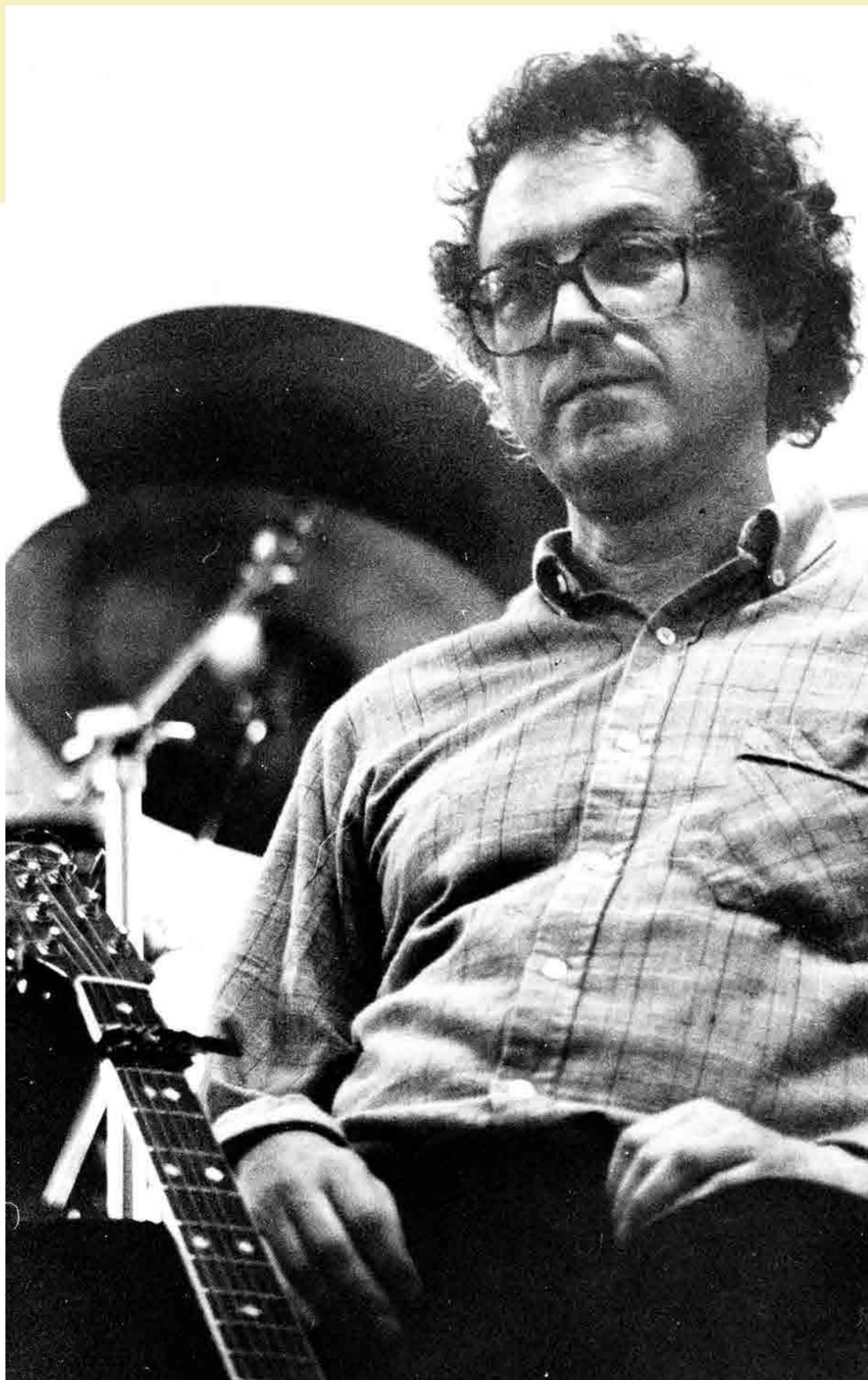
Domingo, 17 de maio de 1964, Zeca e Zélia apanham o comboio para Grândola, num percurso lento, que atravessa a planície alentejana, com os seus imensos campos coloridos de papoilas de um vermelho intenso. Grândola, a meio caminho entre Faro e Lisboa, goza de uma situação excepcional, não muito longe do litoral, ao pé da serra. A vila vive do comércio, mas a maioria dos seus habitantes são operários agrícolas, trabalhando à jorna, ou da indústria da cortiça, a principal riqueza local.

Nesta vila, como em todos os seus concertos, Zeca cantará gratuitamente. O seu 'cachet' traduz-se na oferta da refeição e no pagamento das despesas de deslocação. Contudo, ele não está seguro. À semelhança de outros espetáculos, o concerto pode ser proibido no último minuto ou ser interrompido pela polícia. Cantar representa sempre um perigo...

A estação já está à vista. Três minutos de paragem. À descida, Zeca é recebido por José da Conceição, um dos pilares da Sociedade.

Entre os dois homens cria-se de imediato uma empatia. Antes do concerto, os dois dispõem de algum tempo. José da Conceição está feliz por mostrar a vila ao cantor, a SMFOG, os diferentes locais, os seus camaradas. José Afonso está encantado e bebe as palavras do seu anfitrião. Ele regista tudo na sua memória. Como foi criada a Sociedade, a 1 de maio – data simbólica – de 1912. A forma como os estatutos da associação foram redigidos por um operário da cortiça. A maneira como a Sociedade pôde, nos anos 50, diversificar os seus projetos: ensino da música, teatro, debates... José da Conceição conta ainda que a associação tira os seus proventos das contribuições financeiras vindas da população. Uma confiança poderá ter emocionado particularmente José Afonso: a história de um médico democrata que entregava regularmente os honorários de um dia de consultas para apoiar a Sociedade Musical.

Ao visitar a sede da SMFOG, que todos apelidam de Música



Velha, nome da banda filarmónica da Sociedade, José Afonso fica encantado com a biblioteca. É-lhe explicado que as obras mais sediciosas, como os romances do brasileiro Jorge Amado, estão escondidas sob o palco de madeira, protegidas das rugas da polícia.

Quando o concerto começa, a sala está a abarrotar. Cerca de 200 pessoas vieram assistir ao espetáculo.

Carlos Paredes toca na primeira parte. José Afonso, acompanhado por Rui Pato, encerra o espetáculo. Todo o seu repertório é cantado, até mesmo o célebre "Os Vampiros", com cheiro a pólvora. O público está tão compacto que, desta vez, a PIDE não ousa intervir. Mas vingar-se-á dias mais tarde, ao confiscar a gravação do concerto durante uma rusga realizada no domicílio de um militante local.

A 21 de maio, quatro dias depois do concerto, surge uma surpresa: José da Conceição recebe uma carta, escrita com tinta verde, de José Afonso, exprimindo toda a

sua gratidão aos sócios de "Música Velha". Como agradecimento, ele oferece um poema de três estrofes, que será lido, a 31 de maio, ao público reunido na associação: "Grândola, Vila Morena/Terra da Fraternidade", onde o povo é quem mais ordena e há em cada rosto igualdade.

Sete anos mais tarde, o poema tornar-se-á canção. Mais três anos e a canção dará início à Revolução.

Um pequeno milagre produziu-se entretanto. A censura, extremamente severa em Portugal, não percebeu o verdadeiro sentido de "Grândola, Vila Morena", e pensou que se tratava de um piscar de olhos a uma pequena localidade bem simpática, uma canção de província, sem qualquer importância. A polícia política enganou-se, felizmente, em toda a linha.

Zeca, o malicioso, sob o título "Grândola, Vila Morena", não quis honrar uma vila por certo amigável. O que ele visava era a "Música Velha", o coletivo de resistentes, de origens operárias e camponesas, sem verdadeiros chefes, à qual todos

se dedicavam num clima de total igualdade. De facto, "Grândola, Vila Morena" resumia o ideal socialista e libertário de José Afonso, uma dupla heresia no país de Salazar.

**A GRAVAÇÃO DA CANÇÃO EM PARIS** Desta vez, é o adeus definitivo ao ensino. Mas, como em todos os reversos da medalha, existe sempre um lado positivo. Amigos, verdadeiros, não abandonam o Zeca. Dão-lhe força e encorajam-no a retomar a canção e a criação de forma mais profissional. No Porto, Arnaldo Trindade, o patrão da editora Orfeu, dá-lhe um apoio decisivo. E prontifica-se para lhe financiar os seus próximos discos, assinando com ele um contrato de "agente de promoção artística". Financeiramente, está ainda longe de ficar "rico como Creso". Mas alguém acreditar assim nele dá nova motivação ao poeta.

Vejam as coisas pelo lado positivo. Desde o seu emprego em Mangualde, José Afonso não cessou de saltitar, durante 13 anos, de um lugar para outro, em todo o País,

com um tremendo desvio pelas colónias. Isto permitiu-lhe afastar-se do fado da sua juventude e descobrir muitas canções de cariz popular, de extraordinária riqueza e diversidade, tanto em Portugal como em Moçambique, que ele transformou em grandes músicas, imbuídas de uma poesia delicada, repousando sobre textos que misturam à maneira de um Brassens, em França, as expressões provenientes de uma linguagem mais clássica e requintada.

De cada terra que atravessou, Zeca retirou algo de belo, sensível, diferente: a recordação de uma velha lenda, a alegria de uma festa agrícola, um ambiente surrealista...

Expulso do ensino, é obrigado a exceder-se e a passar para uma fase mais qualitativa. Os seus primeiros discos, em duo com o Rui Pato, tinham sido produzidos em condições tão artesanais quanto pitorescas. As canções eram gravadas geralmente logo à primeira, num estúdio instalado num mosteiro em ruínas, com galinhas bicando, lá para os lados de Coimbra.

Orfeu é como uma bênção, dispõe-se a pagar o aluguer de estúdios de última tecnologia, que só existem no estrangeiro. Em 1970, Zeca prepara-se para gravar um novo disco em Londres, "Traz outro amigo também". Para os arranjos, ele pensa logo em Rui Pato, o seu cúmplice das primeiras horas, o virtuoso da viola. Mas há um problema! Este último está a estudar Medicina em Coimbra, cidade que, como Lisboa, foi sacudida, em 1968-1969, por grandiosas revoltas estudantis. O regime prendeu os principais dirigentes, entre os quais figura Rui Pato. O jovem camarada de Zeca, por castigo, é banido da universidade e enviado para um batalhão militar punitivo. Muitos jovens líderes intelectuais da época sofrem o mesmo destino, nomeadamente Carlos Albino, o jornalista do "República" e do programa "Limite".

Depois do recrutamento forçado para a tropa, Rui Pato é proibido de sair de Portugal. Para a gravação em Londres, ele sugerirá a José Afonso contratar Carlos Correia, dito "Bóris", um guitarrista muito talentoso de um grupo de rock...

Salazar morre em 1970. Fora substituído à frente do governo por Marcelo Caetano. Uma suavização do regime é prometida, mas trata-se apenas de um verniz. A ditadura fascista permanece inabalável e continua a esmagar todos os rasgos de liberdade de expressão.

A história de Francisco Fanhais é, a esse respeito, exemplar. Faz lembrar a do Zeca, com o qual trava amizade no final dos anos 60. Fanhais, nascido em 1941, torna-se padre. Mas, em nome da sua fé cristã não aceita que a hierarquia eclesástica seja o mais forte apoio moral da

ditadura. Suspenso das suas funções de padre e impedido de continuar como professor resta-lhe a canção e a sua viola. No País, beneficia já de uma certa popularidade e até consegue passar na televisão. Mas a sua personalidade rebelde traz-lhe novos problemas. Fica proibido de atuar em espetáculos. A PIDE anda atrás dele, tenta prendê-lo. Padre, professor, artista: tudo lhe é interdito. Não tem outra solução senão sair de Portugal e tentar a emigração, em França, lá onde tantos refugiados políticos portugueses encontram abrigo.

A sorte aparece em abril de 1971. José Afonso tem de ir a Paris. Numa outra ocasião, quando se estava a preparar para viajar para França, Zeca foi bloqueado no aeroporto de Lisboa. Todo o dia, é interrogado pela polícia sobre as suas supostas ligações ao grupo de extrema-esquerda, LUAR. No final, o cantor é libertado, mas impedido de apanhar o avião.

Nesta viagem em abril, ele utilizará a sua viatura pessoal, conduzida pela Zélia. O casal propõe a Fanhais que os acompanhe. Este fica radiante e aceita, pois está sem dinheiro. O trio passa primeiro por Valência, em Espanha. José Afonso, cuja fama está a crescer internacionalmente, vai participar num concerto ao lado de Paco Ibañez, cantor antifranquista conhecido pelas adaptações dos poemas de Rafael Alberti. De Valência, os três amigos partem para Lyon, onde Francisco Fanhais fica em casa de compatriotas dispostos a alojá-lo.

Zeca e Zélia seguem viagem para Paris. Têm encontro com José Mário Branco. Estimulado pelo seu produtor, que lhe exige um disco por ano, Zeca magicou um novo 33 rotações cujo título será “Cantigas do Maio”. O objetivo é gravar este vinil em Paris e confiar a direção artística a Branco. Os dois homens já se tinham conhecido em 1969 na capital francesa. Confraternizaram instantaneamente.

Se bem que mais novo do que Zeca, Mário Branco possui um fabuloso currículo político e musical. Estudante refratário ao regime foi preso aos 19 anos, em Coimbra. Sete meses de cárcere, sob horríveis condições: isolamento numa cela minúscula e a tortura do sono. Posto em liberdade, recusa-se a prestar o serviço militar na guerra colonial. Em 1963, deserta e dá o salto para França. Em Coimbra, já se tinha lançado na música. Mas é em Paris, e principalmente na cintura operária, que vingam como músico de intervenção, quando se dirige a auditórios repletos de emigrantes. No seio da diáspora portuguesa, é mais conhecido que o Papa.

Além dos seus talentos artísticos, Mário Branco é um excelente organizador, que não deixa nenhum pormenor ao acaso. Ele possui uma



## TODA A HISTÓRIA

Editado pela Colibri, este livro, ideia original de Gilles Martin da editora ADEN e da autoria de Mercedes Guerreiros e Jean Lemaître, escrito com saber e paixão e que tem contributos de muitos dos intervenientes no desencadear da conspiração que levou ao 25 de Abril, tem o mérito de nos revelar os “bastidores” dos dias que antecederam a madrugada dos Cravos. Quem decidiu que “Grândola” seria o sinal para os militares marcharem sobre Lisboa e quem na Rádio Renascença estava

incumbido de, com muita perícia e coragem, contornar a censura interna naquele momento. Hoje, “Grândola, Vila Morena”, continua a ouvir-se em todo o País. A canção mantém uma força telúrica que irmana homens e mulheres num abraço solidário de esperança, de revolta e de anseio de igualdade e de justiça para a humanidade. A mensagem e os ideais de Zeca Afonso ultrapassam fronteiras e muitos outros Povos, fazem desta canção a sua bandeira de luta por um mundo melhor.

grande agenda de contactos e sabe descobrir os melhores músicos para cada instrumento. Enfim, é o homem que José Afonso precisa. Zeca aceita confiar-lhe a finalização de “Cantigas do Maio”, mas com uma condição: que não seja utilizada, no álbum, nenhuma guitarra elétrica ou bateria ruidosa. Refinar a música, muito bem, contudo, ela tem de manter-se simples, límpida, autêntica, respeitadora das suas composições.

À sua maneira, Zeca é um purista, que não cede a nenhuma moda ou facilidade. A sua voz, de uma grande amplitude, possui um timbre sem par, capaz de ir muito longe nos sons agudos. Ela faz vibrar, transporta os sentimentos, provoca as emoções e eleva tudo ao mais alto nível.

José Afonso é igualmente um melodista fora do comum, criativo e inspirado, capaz de encontrar as melodias e harmonias num instante. No entanto, este músico de talento nunca soube ler ou escrever música. Então, como é que ele fazia? Ele tateava na viola e procurava os acordes. Para se lembrar, desenhava num caderno as cordas da viola e a forma de colocar os dedos.

Em Paris, Mário Branco preparou – com o produtor de Orfeu a assegurar evidentemente a retaguarda – uma magnífica prenda para o seu companheiro. Com vista à gravação de “Cantigas do Maio”, reservou para o outono de 1971, durante umas duas semanas, o melhor estúdio da Europa, o Strawberry Studio. Esta maravilha situa-se num castelo do século XVIII, em Hérouville, a trinta quilómetros de Paris, no Departamento do Val d’Oise. O local

goza de equipamentos topo de gama. 24 horas sobre 24, uma equipa de técnicos desdobra-se ao serviço dos músicos. As maiores vedetas mundiais passaram por lá: Elton John, Pink Floyd, Cat Stevens...

Na origem desse pequeno paraíso, um doido por música: o compositor Michel Magne, amigo de Mouloudji e de Boris Vian, que se endividou até ao último tostão para adquirir e restaurar esta antiga estalagem. Doze quartos, um parque muito bonito para se relaxar: em Hérouville, os artistas são tratados como príncipes.

De regresso a Setúbal, Zeca esforça-se duplamente para terminar a tempo letras e músicas. Ele confirma a equipa de base convocada a Hérouville: Carlos Correia, que já tinha estado em Londres, infelizmente Rui Pato continua proibido de viajar para fora do país; Francisco Fanhais, o fiel amigo, agora a viver em Paris e, evidentemente, Mário Branco, o elemento-chave.

A 11 de outubro de 1971, os quatro amigos juntam-se em Hérouville para gravar o disco, um pouco acanhados por saborear esta vida de castelo, à qual não estão acostumados. Bons repastos, piscina, ‘courts’ de ténis, finalmente provam tudo sem vergonha. Só o estúdio constitui um encantamento: um grande sótão de 100 metros quadrados, com pé-direito alto, vigas expostas e candeeiro de época.

**PÉROLA NUMA CAIXA DE TESOUROS** Na caixa de tesouros, que preparou em Portugal, José Afonso previu uma pérola, a canção, a quinta no disco, “Grândola, Vila Morena”. O cantor

não se esqueceu do deslumbramento de há sete anos, quando conheceu os camaradas da “Música Velha”, esses homens castiços, todos solidários, todos iguais, enriquecidos pelas suas utopias. E tinha, felizmente, o poema enviado na altura para a Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. Como transformá-lo em canção?

Ao reler o seu texto antigo, acha que a última das três estrofes, que fala de “Capital da cortesia / Não se teme de oferecer / Quem for a Grândola um dia / Muita coisa há de trazer”, tem falta de folgo e de musicalidade. Esta é substituída por uma nova quadra que já tinha sido publicada, nos livros “Cantares” e “Cantares de Novo José Afonso”: “À sombra de uma azinheira, que já não sabia a idade / Jurei ter por companheira / Grândola a tua vontade”. É muito mais forte, mais concreta.

Sobre a letra, Zeca criou o início de uma melodia, à moda do Alentejo, lenta e cadenciada, sem outros instrumentos que a conjugação das vozes.

Em Hérouville, Mário Branco aconselha José Afonso a alongar o texto, duplicando o número de estrofes. A segunda repete ao contrário da primeira. E assim seguidamente, para a quarta e sexta quadras. É o processo utilizado pelos grupos corais alentejanos, que permite recordar com mais facilidade as palavras e entrar no grupo. Zeca canta sozinho as quadras ímpares. A seguir, o coro – Afonso, Fanhais, Branco e Bóris – retoma com força, a união dando potência às vozes.

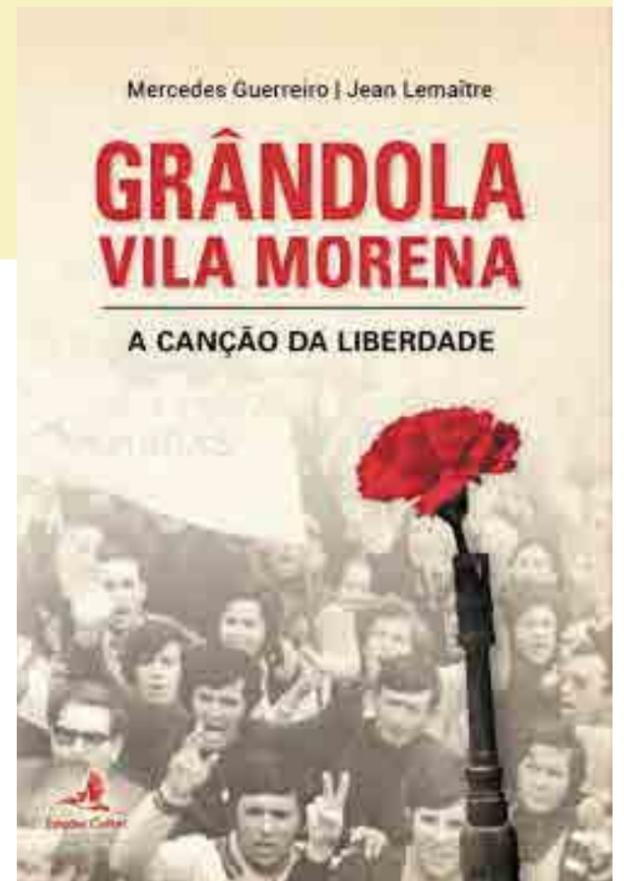
O diretor artístico tem mais uma ideia: iniciar a canção com o ruído

de passos raspando o chão em sintonia. Adolescente, José Mário Branco passava as férias numa pequena aldeia do Baixo Alentejo, Peroguarda. Ficou cativado com os camponezes, quando regressavam à noite dos campos, exaustos e desgastados, avançando em rancho, abraçados, marcando o movimento com os pés e cantando ao ritmo dos passos. É isto que ele quer reproduzir agora. Os três outros “mosqueteiros” aprovam com entusiasmo.

Um chão de gravilha, descoberto no exterior do castelo, perto das cavalariças, serve. Falta gravar o som dos passos. Durante o dia, não é possível, uma estrada nacional, muito frequentada, ladeia as paredes do parque. Pouco importa, o exercício será efetuado na quietude da noite.

Numa manhã fria, às três horas em ponto, quatro “extravagantes”, de cabelo comprido, saem misteriosamente do castelo, posicionam-se em cima da gravilha, uns ao lado dos outros, de braços dados, avançam baloiçando-se e fazendo guinchar os seixos debaixo do peso dos pés. Ao seu lado, segue, curvado, um homem esquisito, cheio de cabos, extensões, microfones por todo o lado. Este quinto homem é Gilles Salle, engenheiro de som mundialmente conhecido.

Fanhais, Bóris, Branco e Zeca podiam imaginar, nesse momento mágico, que o eco dos seus pés levaria, três anos mais tarde, à queda da ditadura? Em todo o caso, e segundo a memória das vacas que pastavam tranquilamente no prado vizinho do castelo, nunca ninguém tinha assistido a um espetáculo tão louco e poético.



# DESPORTO

Sport Clube Mineiro Aljustrelense promete voltar a dar alegrias aos sócios

## NÃO SOMOS CANDIDATOS...

**O novo presidente do Sport Clube Mineiro Aljustrelense, Emídio Charrua, não assume a candidatura do clube ao próximo título distrital. O dirigente promete apenas uma equipa competitiva, um orçamento moderado e o reforço da aposta nos escalões de formação.**

TEXTO E FOTO FIRMINO PAIXÃO

Com larga experiência no movimento associativo regional, Emídio Charrua voltou a uma casa que conhecia bem. Foi presidente do Mineiro durante sete anos, foi fundador do Centro de Ciclismo de Aljustrel, fundador da Associação Equestre e, perante a ameaça de um vazio diretivo no clube do seu coração, sentiu-se motivado para um novo mandato de três anos. “A motivação foi sobretudo ser Mineiro. A maior motivação foi essa, é gostar do clube. O Mineiro estava num impasse, não aparecia ninguém para encaixar uma lista, embora houvesse alguns sócios e dirigentes que estavam com vontade de continuar, chegámos a um consenso e resolvi avançar para este novo projeto”, revelou o antigo atleta.

**Chegou a falar-se noutras candidaturas. No momento certo não avançaram?**

Não, uma das hipóteses seria o clube avançar para uma comissão administrativa, porque já se tinham feito algumas assembleias e não havia solução nenhuma à vista. Falava-se em muita coisa mas, na altura concreta, não se avançava nada. E o Mineiro é um clube que nunca se deixa atrasar, tem sempre muita coesão, somos uma família e, para andarmos sempre na linha da frente, tivemos que tomar as rédeas disto, para não cairmos num vazio diretivo.

**Avançou para mais um mandato de três anos, certamente que o fez com espírito de missão?**

Claro, o nosso clube é diferente. É uma missão, mas as idades já vão sendo outras, temos toda uma vida já atrás de nós e todos chegamos a um momento em que desejamos descanso. Dizemos que vamos parar, vamos descansar, mas o ‘bichinho’ está sempre cá dentro, e então, o que conta é que cá estamos de novo para tentarmos fazer o melhor por este clube.

**Como reencontrou o Mineiro? Mais**



**organizado, mais moderno do que nos outros mandatos em que o liderou?**

Sim, o clube está estabilizado, está tudo muito bem organizado e nós só temos que dar continuidade ao trabalho que tem vindo a ser feito pelos anteriores executivos. Financeiramente também está equilibrado, mas é claro que, quando se entra de novo, tentamos sempre mudar alguma coisa, corrigir algo com que não concordamos. Mas o que está bem feito é para continuar. O Mineiro não tem nada a ver com o resto que existe por aí. O Mineiro tem uma mística que faz com que as pessoas se mobilizem em volta do clube e, mesmo nos momentos mais difíceis, mais dia, menos dia, arranjam-se sempre uma solução para tudo.

**O senão é ter reencontrado a equipa no Distrital da I Divisão da Associação de Futebol de Beja, mas a época anterior foi extremamente difícil...**

Esta última época, com a história da pandemia, foi muito desgastante para todos. Mas de uma vez por todas, teremos que olhar para o futuro do clube e pensar que não podemos andar neste ciclo de ano sim, ano não, subir e descer de divisão. Nós estamos a apostar muito nas camadas jovens, mas

isso só dará fruto daqui por cinco ou seis anos e, se calhar, quem vier depois, terá outras ideias e modificará tudo outra vez. Às vezes, não se consegue dar continuidade ao trabalho por causa disso. São mandatos curtos e quem vem a seguir nem sempre comunga das mesmas ideias, mas vamos tentar pôr o clube a funcionar da melhor maneira possível.

**E o plantel? Já disse que a espinhal dorsal, está formada ...**

Pensamos fazer uma equipa para dar muita luta no próximo distrital. O Mineiro quando entra em campo é sempre para ganhar. Temos uma massa associativa muito exigente e temos que tentar fazer uma equipa com qualidade, sem entrarmos em loucuras. Na época passada, tínhamos uma equipa bê e, com outros jogadores que se mantiveram na equipa principal, faremos um plantel baseado em jogadores da terra e do distrito. Não iremos mais longe do que isso.

**Uma equipa para regressar de imediato ao Campeonato de Portugal?**

Não está nos nossos objetivos subir já mas, se isso acontecer, abraçaremos esse projeto. Faremos uma equipa à Mineiro, que luta sempre para ganhar e, se isso acontecer, cá estaremos. Se subirmos terá

que ser com cabeça, tronco e membros, não podemos subir de qualquer maneira. Há por aí tanta gente já a assumir-se como candidato... eles que se assumam, nós não somos candidatos, vamos jogar futebol para dar umas alegrias aos sócios e, no final, logo se verá.

**O Campeonato de Portugal perdeu duas equipas alentejanas, o Mineiro e o Moura, subirá uma, é pouca representatividade?**

Claro, mas isso não é de agora. É um problema antigo porque manter-nos nos nacionais não é nada fácil, estamos numa região do interior do Alentejo, onde é tudo muito complicado e vá lá que o Mineiro tem umas condições que muitos outros clubes não possuem, sobretudo o apoio da massa associativa e do comércio local. Nas zonas mais populosas é tudo mais fácil, existem mais jogadores, o recrutamento é mais fácil e aqui não é só o Mineiro que não consegue, está difícil no distrito todo. Contrariar isso não é fácil, dizer que vamos fazer isto, ou aquilo, é diferente e, ao longo do campeonato, há coisas que, às vezes, correm mal... somos um parente pobre dos nacionais. O interior fica sempre esquecido.

**Vai manter a aposta na formação?**

Sim, esse é um ponto de honra. Só dará frutos daqui por uns anos, os resultados não serão imediatos, mas como temos muitos miúdos vamos, sobretudo, apostar nessa área, colocando os meios de que dispomos para conseguirmos fazer equipas de futebol de onze em vários escalões.

**Qual o projeto mais imediato que esta direção quer colocar no terreno?**

O projeto que queremos é formar jogadores, depois a questão da sede, que necessita de uma grande remodelação. Vamos ver se, em conjunto com o município, conseguimos resolver isso. O imóvel era das minas mas, atualmente, é propriedade da Câmara Municipal. Temos que remodelar o edifício para darmos outro aspeto à sede do Mineiro.

**Os sócios podem contar com uma direção ambiciosa e determinada?**

Esse é o hábito, nenhuma direção vem para o Mineiro que não tente fazer tudo o que é possível para dar alegrias aos sócios do clube e organizá-lo para que, quem vier, não critique. Nós temos das melhores massas associativas que existem, mas quando se falha, são muito críticos e nós temos que aceitar essas coisas.



O cubense João Letras, corredor da ASFIC/Grupo Parapedra venceu o 1.º Grande Prémio de Ciclismo de Castro Verde, organizado pela EnvolvSport com o apoio daquele município. O certame constou de uma etapa em linha entre Casével e Castro Verde, ganha ao 'sprint' por João Letras e um contrarrelógio por equipas, desde Entradas até à sede de concelho, ganha também pela formação de Rio Maior. Competiram 148 ciclistas, de 25 equipas. João Letras já tinha ganho também o Grande Prémio do Litoral Alentejano.

Uruguaio Maurício Moreira (Efapel) foi o vencedor da Volta ao Alentejo

## NÃO IMPORTA DE ONDE VIM...

**O corredor uruguaio Maurício Moreira (Efapel) conquistou a camisola amarela no contrarrelógio de Castelo de Vide e tornou-se no primeiro sul-americano a triunfar no Alentejo. A Efapel venceu coletivamente.**

TEXTO E FOTOS FIRMINO PAIXÃO

Seis etapas, cerca de 820 quilómetros percorridos em cinco dias, por 122 ciclistas de 18 equipas, entre as planícies do sul, a orla costeira alentejana e as serranias de nordeste. O vianense Iúri Leitão (Tavfer/Mortágua) ganhou duas das seis tiradas: em Sines (onde envergou a camisola amarela) e em Mora onde manteve esse símbolo de líder. Três etapas extensas, disputadas sob intenso calor, com um pelotão adormecido, permitindo longas escapadas, que se obrigou a anular no último terço das tiradas.

Os mais cotados, as equipas mais fortes, guardaram os trunfos para o penúltimo dia, na Serra de São Mamede, palco onde a prova acabou por ser decidida a favor do uruguaio da Efapel, corredor de 25 anos, que venceu o contrarrelógio e vestiu de amarelo, símbolo com que chegou a Évora, "cantando" vitória na Praça do Geraldo.

Os dois últimos dias de corrida, esses, foram realmente mais emotivos, porque os chamados "tubarões" do pelotão saíram do refúgio onde pedalaram nas primeiras etapas. Foi assim que José Fernandes, o campeão nacional de fundo, chegou ao alto do Cabeço do Mouro a liderar a etapa, conquistando a camisola preta, símbolo do Troféu de Montanha, numa etapa ganha pelo seu companheiro de equipa, o almodovarense Daniel Mestre. Mas foi Rafael Silva que vestiu de amarelo, ainda que apenas por algumas horas, até que se concluiu a segunda etapa do dia, o tal contrarrelógio que Maurício Moreira venceu (por um segundo) ao campeão nacional José Fernandes.

A última tirada, a tal da consagração, saída de Castelo de Vide em direção à região dos mármore e destino final em Évora, foi movimentada. Na cabeça do pelotão os homens da Efapel controlavam os principais adversários, conseguindo trazer o uruguaio Maurício Moreira até



EFAPEL Festejou o triunfo de Maurício Moreira



### VENCEDORES DAS ETAPAS

Reguengos de Monsaraz/Beja (194,5 km): Juan Lobato (Euskaltel/Euskadi)

Almodôvar-Sines (195,5 km): Iúri Leitão (Tavfer/Mortágua) Alcácer do Sal/Mora (173,1 km): Iúri Leitão (Tavfer/Mortágua)

Monforte/Castelo de Vide (85 km): Daniel Mestre (W52/FC Porto)

Castelo de Vide/Castelo de Vide (cr.8,4 km): Maurício Moreira (Efapel)

Portalegre/Évora (162,9 km): Enrique Unzue (Kern/Pharma)

### CLASSIFICAÇÕES FINAIS

Geral Individual (Camisola Amarela): 1.º Maurício Moreira (Efapel), 20h23'40". 2.º José Fernandes (W52/FC Porto), a 3". 3.º Rafael Reis (Efapel), a 10". 4.º Francisco Fernandez (Kern Pharma), a 29". 5.º Daniel Mestre (W52/FC Porto), a 30".

Regularidade (Camisola Verde): Iúri Leitão (Tavfer/Mortágua)

Montanha (Camisola Preta): José Fernandes (W52/FC Porto)

Juventude (Camisola Branca): Pedro Lopes (Kelly/Simoldes)

Equipas: 1.º Efapel. 2.º W52/FC Porto. 3.º Kern Pharma.

à Praça do Giraldo como líder da prova, cenário onde a vitória foi efusivamente festejada. O corredor comentou: "Foi uma vitória muito importante, quer para mim, quer para a equipa. Sinto uma enorme alegria, um sentimento de satisfação por esta vitória, que agradeço aos meus companheiros, por todo o trabalho que fizeram hoje no controlo da etapa, permitindo que eu chegasse ao fim como líder".

A prova iniciou-se em Reguengos de Monsaraz e, na meta volante de Mourão, já se formava um quinteto de ciclistas que haveria de ser o protagonista de uma longa escapada, que durou mais de uma centena e meia de quilómetros, chegando a uma vantagem que rondou os quatro minutos. A 25 quilómetros da meta final, o pelotão reagrupou-se e, na cidade de Beja, o espanhol Juan José Lobato foi o mais forte no 'sprint'.

Foi apenas a resposta que o ciclista da Tavfer/Mortágua deu ao andaluz, na chegada a Sines. O espanhol Juan Lobato, da Euskaltel/Euskadi bateu Iúri Leitão na chegada a Beja, por escassos centímetros e, no final da segunda etapa, entre Almodôvar e Sines, a mais extensa do certame (195,5 quilómetros) o português venceu a tirada e conquistou a camisola amarela, símbolo que acumulou com a camisola verde da liderança da classificação por pontos.

De resto, o filme da etapa foi em tudo semelhante ao da tirada inicial. Uma fuga de três ciclistas, iniciada ao terceiro quilómetro, durou até 20 quilómetros da meta dilatando a vantagem para além dos 11 minutos. As equipas mais cotadas, nacionais e do país vizinho, nem vê-las. Resguardaram-se para as etapas mais decisivas.

Ao terceiro dia de prova, a corrida deixou o litoral alentejano e fletiu para Mora. A história da etapa não diferiu muito das anteriores, fugas mais ou menos duradouras, mas inconsequentes, e sobre a meta vingou o 'sprint' do vianense Iúri Leitão, da equipa de Mortágua, a assinar o segundo triunfo em etapas deste certame, mantendo-se como líder da geral individual, mas com muitos corredores ainda empatados em tempo. E aqui, o pelotão despediu-se das etapas mais acessíveis. No dia seguinte, a orografia



do terreno já seria diferente e o próprio Iúri confessaria as suas fragilidades nas etapas em montanha e contrarrelógio. Era a premonição de que a amarela iria mudar de dono.

**SÃO MAMEDE DITOU AS REGRAS** E mudou mesmo. Uma etapa curta, apenas 85 quilómetros, na ligação entre Monforte e Castelo de Vide, mas com três contagens de montanha nos quilómetros finais. José Fernandes conquistou aí a camisola preta do Prémio de Montanha, o almodovarense Daniel Mestre venceu a

etapa... dois corredores da W52/FC Porto que deram sinais de que a equipa da invicta poderia chegar ao triunfo final. Mas foi Rafael Silva (Antarte/Feirense) que vestiu de amarelo. O segundo momento do dia foi marcado pelo excelente contrarrelógio do homem da Efapel, que despojou Ruben Silva do símbolo de liderança.

Os 160 quilómetros da última etapa foram disputados a uma média horária superior a 41 quilómetros, andamento que só não se registou na ligação entre Almodôvar e Sines. Apesar

da grande velocidade, o pelotão controlado pela Efapel não se deixou surpreender, nem na luta pela etapa, tão pouco pela vitória na geral. E Maurício Moreira festejou, sobre a meta, esta sua inédita vitória, que colocou a bandeira do Uruguai no palmarés da "Alentejana". "Não importa de onde vim, mas sim, onde quero chegar" citação de um pensamento do escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano que se adapta à bem-sucedida estreia deste seu compatriota a triunfar nas estradas alentejanas.

## A "ALENTEJANA" ALÉM DA META

Os municípios da Comunidade Inter-municipal do Alentejo Central (Cimac), sempre assumiram que a Alentejana é uma prova fundamental que tem que continuar a manter-se e até ser valorizada" garantiu o autarca Carlos Ponto Sá, presidente do município de Évora e também presidente do conselho de administração da Cimac, entidade detentora da marca Volta ao Alentejo. "Foi muito agradável termos retomado a Volta ao Alentejo, depois da paragem de um ano, devido à pandemia, fazendo um esforço muito grande no sentido de a Alentejana se realizar este ano, ainda que fora do seu calendário habitual. Mas conseguimos-lo e é importante que a prova volte a afirmar-se nos campos do Alentejo, promovendo o ciclismo, enquanto des-

porto e promovendo o Alentejo para fora do Alentejo".

Quanto ao aspeto competitivo. Carlos Ponto Sá considerou: "Foi uma prova muito renhida, com a confirmação do vencedor reservada para os últimos quilómetros da derradeira etapa, um dado muito importante não só na promoção da Volta ao Alentejo, como do próprio ciclismo". Por outro lado, acrescentou: "Quero dizer também que, para nós, foi com enorme prazer que, mais uma vez, recebemos o final da prova aqui em Évora, neste cenário magnífico que é a Praça do Giraldo, onde Évora, Património Mundial da Unesco, abraça a Alentejana com imenso prazer".

Sobre a parceria da Podium, entidade organizadora da prova, com a Cofina, que associou à 38.ª Volta ao Alentejo o 1.º Grande

Prémio CMTV, Carlos Ponto Sá começou por lembrar que no passado "atravessámos momentos difíceis para garantir a continuidade da Volta. Aqui há anos, essa continuidade esteve mesmo em causa. Foi preciso muito engenho e muita capacidade de negociação, para encontrarmos soluções que mantivessem o fundamental da identidade da alentejana e garantisse a sua continuidade".

"Esta foi uma experiência nova, a nossa perspectiva é que ela possa ter sido positiva, mas iremos fazer uma avaliação no sentido de percebermos o que, eventualmente, correu menos bem, para que, porventura, e isso é o que todos queremos, voltemos a projetar a 'Alentejana' para novos patamares de divulgação, de atração e, sobretudo, de promoção do Alentejo", concluiu.

# BOLA DE TRAJOS

JOSÉ SAÚDE

## Ilídio do Rosário

Nos arautos do desporto sul alentejano, ressaltam imagens de um passado que tende em não obscurecer as origens de suas gentes, principalmente quando elas são justamente admiradas, não obstante o espaço intemporal onde os brilhantes feitos foram conquistados. Os templos do tempo conduzem-nos ao encontro de um envelhecido sistema desportivo, onde cruzamos épocas que nos trazem à tona das nossas memórias personalidades que enaltecem o seu torrão sagrado, bem como a sua região de proveniência.

Debruço-me sobre a temática do ciclismo, por julgar oportuno, uma vez que esteve presente nas nossas estradas, na pretérita semana, a 38.ª Volta ao Alentejo que decorreu entre os dias 23 a 27 de junho. Mas, expressa-me a experiência de vida que longe vão os tempos em que no colorido pelotão velocipédico da Volta a Portugal pedalava um ciclista de nome Ilídio do Rosário. Um homem que conheceu a luz do dia numa pequena freguesia do concelho de Beja, chamada Santa Vitória.

Retrato fiel de um alentejano de gema, Ilídio do Rosário desafiou as adversidades que a sua velha pedaleira lhe impunha e partiu rumo a uma modalidade onde se afirmou como um verdadeiro ás do pedal. Os seus princípios foram pautados pelo espírito de sacrifício. Porém, as provas amadoras onde participou, nos anos de 1950 do século passado, dar-lhe-iam uma visibilidade que o conduziu a uma tribuna, porventura impensável, chamada Sport Lisboa e Benfica.

Com a camisola do clube da Luz, Ilídio do Rosário conheceu dias de autêntica glória. No zigzaguar permanente de um pelotão que não dava tréguas aos mais novatos, o aguerrido alentejano provou a sua raça e chegou a vestir a camisola amarela em algumas das etapas lusas, símbolo de líder, e desafiar, sem pudor, velhos nomes do ciclismo nacional e internacional para gáudio dos amantes das pedaladas.

Lembro-me, enquanto criança, de acompanhar os feitos de Ilídio do Rosário e extasiar-me com a sua pomposa carreira. O seu nome ficará eternamente perpetuado no mundo desportivo alentejano e Santa Vitória e as suas gentes avivarão, eternamente, as memórias do filho da terra, tendo também já sido merecedor de numa homenagem documental que teve lugar num espaço da Junta de Freguesia, onde se contemplaram as virtudes do saudoso ás do pedal.

Na verdade, se no tempo da sua carreira como ciclista passasse pela "Alentejana", o nome de Ilídio do Rosário, seria, certamente, um dos favoritos para assumir um lugar no pódio.



O Futebol Clube Castrense e o Grupo Desportivo de Santa Luzia (Ourique) foram as duas equipas que aceitaram o desafio da Associação de Futebol de Beja (AFBeja) para disputarem a primeira edição do Torneio de Futebol de Praia, que decorreu no Campo de Jogos de Areia, em Castro Verde, e que terminou com o triunfo da equipa local por 5-3. Com esta competição a AFBeja deu por encerrada a época desportiva.



Campeonato Nacional de Andebol da III Divisão Seniores Masculinos – 2.ª Fase Zona 3 (2.ª Jornada): Torrense-Boa Hora B, 33-26; Belenenses B-Alverca, 29-28. Samora Correia-CCP Serpa, 23-25. Classificação: 1.º Belenenses B, 6 pontos. 2.º CCP Serpa, 6. 3.º Samora Correia, 4. 4.º Torrense, 4. 5.º Boa Hora B, 2. 6.º Alverca, 2. Próxima Jornada (3/7): Alverca-Torrense; Boa Hora B-Samora Correia; CCP Serpa-Belenenses B (17:00 horas).



Ser do Sporting não se explica, sente-se, dizem as mulheres da Onda Verde

## SE MAIS MUNDO HOUVERA...

**Cerca de 40 adeptas e associadas do Sporting Clube de Portugal celebraram, na cidade de Beja, a excepcional época desportiva que o clube conseguiu em várias frentes. Nasceu a denominada Onda Verde bejense, um movimento de mulheres, para as mulheres do Sporting.**

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

**R**otina pela dádiva, pela missão e pelo altruísmo que a mantém na linha da frente do combate à pandemia que ameaça a humanidade, a enfermeira Luísa Águas não confina a sua disponibilidade, apenas, às questões de saúde pública. Mantém-se, igualmente, na linha da frente da exaltação do amor clubista, do seu sportinguismo, algo que, legitimamente, sente e respira, se calhar, como paliativo para as tormentas com que no desempenho da sua nobre e dedicada profissão amiudadamente se confronta.

Mesmo assim, só ela sabe porque não fica em casa. Só ela sabe, como ninguém, preservar a fé no emblema do seu coração e, através da partilha de estímulos e de emoções, evangelizar a confiança no sucesso do seu clube. Não fosse o verde a cor da esperança... Ao seu lado, tem uma cúmplice de peso, também ela na linha da frente de outras causas, as questões sociais, o apoio aos desfavorecidos, às franjas mais débeis da sociedade, o carinho aos meninos e meninas nascidos em famílias mal estruturadas e, por isso, acolhidas em instituições de



**Frederico Varandas uniu os sportinguistas e uniu o Sporting, o clube estava em cacos, porque aquilo que aconteceu no passado foi muito mau”.**

**MARIA SERRANO**

solidariedade social.

Tem sido assim nestes tempos de crise sanitária, de emergência, também foi assim nas idas épocas natalícias, levando um pouco de conforto aos sem-abrigo. Um apoio efetivo através da Fundação Sporting, a que preside a mourense Maria Serrano, vice-presidente do Sporting Clube de Portugal. Outra causa mais atual, tem sido a campanha de angariação de fundos para ajudar as crianças deslocadas em Cabo Delgado (Moçambique), província para aonde já seguiram dois contentores de géneros.

Unidas na amizade, convergindo no amor ao clube de eleição, comungam também da paixão pelo território onde nasceram e pela valorização dos seus usos e costumes. E foi dessa comunhão, desse sentimento, que nasceu a

Onda Verde bejense que reuniu, num restaurante da cidade de Beja, cerca de 40 mulheres sportinguistas, celebrando a época excepcionalmente vitoriosa do seu clube.

Sousa Cintra, presidente do clube à época em que o Núcleo do Sporting Clube de Portugal em Beja foi inaugurado, corria o mês de novembro de 1991, na antiga sede da Rua da Capelinha, coloriu o seu discurso com a ousada afirmação de que, citamos “as mulheres mais bonitas e os homens mais inteligentes, são do Sporting”. Bom, mas existem exceções, admitiu rapidamente o empresário, adenda que subscrevemos na íntegra.

A verdade é que cerca de quatro dezenas de mulheres, naturalmente bonitas, na lógica de Sousa Cintra, (admitamos que a amostra é muito limitada), dizíamos, são habituais frequentadoras do Estádio José Alvalade e deram o primeiro passo para algo mais sério, como revela Luísa Águas, também dirigente do Núcleo do Sporting Clube de Portugal, em Beja: “A Onda Verde, de Beja, surgiu numa conversa que eu tive com a Maria Serrano, porque quando possível vou ver os jogos e, na última vez que isso aconteceu, levei de Beja mais de 30 sportinguistas, e então, afluímos a possibilidade de existir um grupo de mulheres em Beja que participasse mais ativamente nas atividades do clube”.

E justificou: “Com a sucessão de vitórias que o Sporting conseguiu esta época, começámos a pensar nisso mais a sério e surgiu a ideia de realizarmos um jantar

para comemarmos todos os títulos do clube, porque foi uma excelente época desportiva”. Terá sido um ano único? – questionamos. “Não! Voltaremos a ter mais vitórias e mais momentos como este. Este foi o primeiro jantar de muitos que iremos fazer. A Maria Serrano fez questão de estar presente e trouxe algumas ofertas para as participantes, naturalmente que o momento é complicado para grandes reuniões, divulgámos o evento e, de repente, em três dias, já tínhamos cerca de 40 inscrições. Mas isto não vai ficar por aqui. Vamos criar um departamento de mulheres sportinguistas em Beja e, qualquer dia, metade da lotação do estádio será para nós”.

Luísa Águas revelou ainda: “Tenho uma grande amizade e enorme admiração pela Maria Serrano, depois, o Frederico Varandas é uma pessoa que fez do Sporting uma equipa com dignidade, respeito e muitas vitórias. Sou ‘varandista’, voltei a ser sócia do clube na noite em que ele venceu as eleições, fi-lo com muito orgulho e espero que esta direção se mantenha por muitos anos”.

Quanto à vice-presidente do Sporting, a mourense Maria Serrano, comunga da opinião de que Frederico Varandas “uniu os sportinguistas e uniu o Sporting, o clube estava em cacos, porque aquilo que aconteceu no passado foi muito mau. Mas o Sporting está unido, com muito trabalho, dedicação e muito amor ao clube. Este foi um ano atípico por causa da pandemia, mas foi um ano de muito sucesso, como nunca tinha

existido em 115 anos de história do Sporting”.

A dirigente não se coibiu de afirmar que foi um ano “muito bem-sucedido”, acrescentando: “Vamos dar continuidade a esse grande trabalho, porque temos que repetir estes feitos, estas conquistas, isto não pode parar. Os sportinguistas são assim e então as mulheres...”

Na verdade, Luís de Camões deixou escrito no, Canto VII de “Os Lusíadas”, uma exortação ao esforço do povo português nas conquistas que fez pelo mundo fora, “e se mais mundo houvesse lá chegara”. Perdoe-se-nos a adaptação à época fantástica que as várias equipas, de várias modalidades fizeram nesta época difícil num tempo não menos fácil, “e se mais títulos houvesse, lá chegariam”.

O apelo das sportinguistas de Beja foi imediatamente aceite pela dirigente leonina: “Sou alentejana, tenho uma grande ligação ao Alentejo, esta é a minha terra, tenho grandes amizades aqui na região”.

Ovos verdes, torta de espinafres, salada de rúcula, tarte de kiwis, café, licor de pajeio e um gelado com sabor a campeão. Que rica ementa! Tudo verde? Nada disso! O importante era degustar as excelentes pérolas da gastronomia regional. E que rica e variada ela é! Por isso, a ementa foi aberta, variada, bem servida. Vestidas a rigor, porque havia recordações para todas as convidadas, oferecidas pelo Sporting Clube de Portugal. E a pergunta deve estar no ar. Não! O repórter não jantou. Não reunia aquele requisito essencial: ser mulher.

Diário do Alentejo n.º 2045 de 02/07/2021 Única Publicação

**CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA**  
NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

**EXTRATO**

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís de Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia nove de junho de dois mil e vinte e um, a folhas noventa e seis, do livro de notas para escrituras diversas, número 43 - C deste Cartório, outorguei escritura justificativa do seguinte teor:

a) Mário Jacinto Susana Beco, NIF 120836912, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, casado sob o regime de comunhão de adquiridos com Joaquina Mariana Ramalho Cabaça Beco, NIF 124299610, residente em Rua Dr. José Ernesto de Oliveira, número 9, Urbanização Colina do Sol, Cuba; b) José Francisco Susana Beco, NIF 129877298, natural da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, casado sob o regime de comunhão geral de bens com Mariana de Jesus Mimoso Leão Suzano Beco, NIF 129877280, residente em Av. de Pangim n.º 26, 2.º, letra E, Amadora,

Por ele foi dito: Que com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores, em comum e partes iguais, de metade do seguinte imóvel: Prédio urbano, sito na Rua de S. Sebastião, em Vila de Frades, da freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, composto por cinco compartimentos, duas dependências e quintal, confronta a Norte com Rua do Carrasco; a Sul com Rua de S. Sebastião; a Nascente com Joaquim Amado e a Poente com Peregrina Vitória Fialho; descrito na Conservatória do Registo Predial de Vidigueira sob o número dois mil e setenta e sete (freguesia de Vila de Frades), e aí registado a favor de Antónia Clara Casimiro, conforme apresentação um de vinte e três de maio de mil novecentos e três, prédio inscrito na matriz predial urbana sob o artigo 602, e aí tem como titulares inscritos na proporção de um meio a favor de "Rita Clara Suzano - Cabeça de Casal da Herança de"; um dezasseis avos a favor de "José Francisco Lancinha - Cabeça de Casal da Herança de", e ainda sete dezasseis avos a favor de "Clara Maria Suzano - Cabeça de Casal da Herança de", com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de 21.243,95€ e proporcional de 10.621,98€ igual ao valor atribuído.

Que a titular do registo predial a Antónia Clara Casimiro, ao que se apurou, faleceu nos idos ano de mil novecentos e vinte, e depois nos idos anos setenta, a metade da casa ora sob justificação estava na posse da mãe dos justificantes, Clara Maria Suzano (uma das titulares da matriz) por partilha, divisão, que antes tinha feito com outros dos muitos herdeiros da Antónia Clara Casimiro. Que com essa partilha, a Clara Maria Suzano entrou na posse de metade do prédio e assim aquela posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição, ostensivamente com conhecimento de toda a gente, com aproveitamento de todas as utilidades proporcionais do prédio, agindo sempre por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, quer usufruindo como tal do imóvel na dita proporção, nele fazendo alguns arranjos com os outros proprietários, quer pagando os respetivos encargos na proporção. Que a sua mãe Clara Maria Suzano, faleceu no dia vinte e quatro de fevereiro de dois mil e sete, na freguesia e concelho de Cuba, no estado de viúva e deixou como únicos herdeiros eles justificantes, Mário Jacinto Susana Beco e José Francisco Susana Beco - os quais continuaram a posse da metade do prédio em iguais moldes.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, adquiriram a dita metade indivisa do prédio por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser comprovado pelos meios extrajudiciais normais, impossibilitando-os, assim e por natureza de verem reconhecido o seu direito de propriedade perfeita.

Está de conforme com o original.

O Notário  
Lic. Vital Ruivo

Diário do Alentejo n.º 2045 de 02/07/2021 Única Publicação

**CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA**  
NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

**EXTRATO**

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís de Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia vinte e quatro de junho de dois mil e vinte e um, a folhas oitenta e nove, do livro de notas para escrituras diversas, número 44 - C deste Cartório, outorguei escritura justificativa do seguinte teor:

José Francisco Maia Caixeirinho, NIF 109596447, natural da freguesia e concelho de Ferreira do Alentejo, casado sob o regime de comunhão de adquiridos com Julieta da Silva Loução Caixeirinho, NIF 109596439, residente na Rua Gil Eanes, número 1, em Aldeia do Rouquenho, em Ferreira do Alentejo

E por ele foi dito  
Que com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor dos seguintes imóveis:

UM) dois sextos do prédio rústico, denominado "Fortes", situado em Ferreira do Alentejo, da atual união das freguesias de Ferreira do Alentejo e Canhestros, concelho de Ferreira do Alentejo, composto por cultura arvensis, confronta a Norte com Filipe José Caixeirinho; a Sul com Inácio do Cabo Pita, a Nascente com Ezequiel do Freixo e a Poente com José Carlos Mirotes e outra; descrito na Conservatória do Registo Predial de Ferreira do Alentejo sob o número setecentos e vinte e oito (freguesia de Ferreira do Alentejo); e aí registado na proporção de quatro sextos a seu favor conforme apresentação mil novecentos e sessenta e seis de vinte de maio de dois mil e onze, prédio inscrito na matriz predial rústica, sob o artigo 32, da secção Y, da mencionada união das freguesias, com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de 1.336,47€, e proporcional de 445,49€, igual ao valor atribuído.

DOIS) dois sextos do prédio rústico denominado "Fortes", situado em Ferreira do Alentejo, da atual união das freguesias de Ferreira do Alentejo e Canhestros, concelho de Ferreira do Alentejo, composto por cultura arvensis, estéril, confronta a Norte com António Luis; a Sul com Filipe José Caixeirinho; a Nascente com António Francisco Caixeirinho e a Poente com Maria do Rosário Neutel; este descrito na Conservatória do Registo Predial de Ferreira do Alentejo sob o número setecentos e vinte e nove (freguesia de Ferreira do Alentejo); e aí registado na proporção de quatro sextos a seu favor conforme dita apresentação mil novecentos e sessenta e seis de vinte de maio de dois mil e onze.

Prédio inscrito na matriz predial rústica, sob o artigo 29, da secção Y, da mencionada união das freguesias, e aí também ele é o titular inscrito, com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de 1.062,81€ e proporcional de 354,27€ igual ao atribuído.

Que nos prédios, na descrição na descrição predial os dois sextos não tem titulares inscritos.

Que os referidos prédios, em dia e mês incerto do ano de mil novecentos e oitenta e sete, que não sabe precisar, foram adquiridos por seu pai, Francisco Filipe Caixeirinho (ao tempo casado com a sua mãe Albertina Maria Maia, sob o regime de comunhão geral de bens), por partilha verbal que seu pai fez com os seus irmãos, partilha essa que envolveu mais prédios, e estes dois foram-lhe adjudicados e entregues na sua totalidade.

Que depois, por óbito de seus pais, a posse dos prédios foi continuada em iguais moldes, por sua mãe e por si.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, adquiriu as ditas partes dos prédios por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser comprovado pelos meios extrajudiciais normais, impossibilitando-os, assim e por natureza de verem reconhecido o seu direito de propriedade perfeita.

Está de conforme com o original.

O Notário  
Lic. Vital Ruivo

Diário do Alentejo n.º 2045 de 02/07/2021 Única Publicação



**CÂMARA MUNICIPAL DE ALVITO**

**AVISO N.º 4**

Nos termos da alínea b) do n.º 2 do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de Dezembro, na sua atual redação, torna-se público que a Câmara Municipal de Alvito emitiu em 28/05/2021, o Alvará de Licenciamento de Operação de Loteamento com Obras de Urbanização N.º 1/2021, em nome de Manuel António Coelho, através do qual foi licenciada a Operação de Loteamento, aprovada por despacho do Presidente da Câmara, de 23 de novembro de 2020 e respetivas Obras de Urbanização, licenciadas por despacho do Presidente da Câmara de 15 de abril de 2021, do prédio urbano, sito na Rua Mestre de Avis, n.º 2, na freguesia de Vila Nova da Baronia, descrito na Conservatória do Registo Predial de Alvito sob o n.º 875/19940914 e inscrito na matriz predial urbana sob o art.º 200, da respetiva freguesia.

Área abrangida pelo PDM.

Operação de loteamento com as seguintes características:

Lote	Área (m2)	Índice de Implantação Máximo	Número de Pisos	Área Total Construção (m2)	Volumetria Máxima (m3)	Uso	Estacionamento
1	105,74 m2	1	2	105,74 m2	370,09 m3	Habituação	1
2	85,83 m2	1	2	85,83 m2	300,41 m3	Habituação	1
3	49,87 m2	1	1	49,87 m2	174,54 m3	Garagem	1
4	41,68 m2	1	1	41,68 m2	145,88 m3	Garagem	1
5	40,13 m2	1	1	40,13 m2	140,46 m3	Garagem	1
Total	323,25 m2	1	2	323,25 m2	1131,39 m3	-	5

Prazo para a conclusão das obras de urbanização: 1 Mês.

Paços do Município, 23 de junho de 2021.

O Presidente da Câmara  
António João Feio Valério



**REPÚBLICA PORTUGUESA**

CULTURA

**Notas Culturais**

Direção Regional de Cultura do Alentejo

**"Sobre o Sagrado uma barra de Ferro"** - Exposição de pintura de Luís Luz, que aborda questões relativas à religiosidade impressa no código genético do Homem, está patente ao público até dia 5 de julho, em Évora, na Igreja do Salvador. Formado em pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Luís Luz expõe regularmente desde 2012. Org.: Direção Regional de Cultura do Alentejo e Câmara Municipal de Évora (no âmbito da Call Artes à Rua), com o apoio de Niveridan - Arquitetura, Engenharia e Construção e Cabido da Sé de Évora. + info.: 266746560 (Igreja do Salvador) - [www.cultura-alentejo.pt](http://www.cultura-alentejo.pt)

**Sorriso** - Espetáculo poético sobre o amor e as recordações, pela Companhia de Teatro Só, terá lugar entre os dias 13 e 17 de julho, às 21h30, nos concelhos de Santiago do Cacém e de Sines, no âmbito do programa do Litoral EmCena. O Litoral EmCena é organizado pela AJAGATO - Associação Juvenil Amigos do Gato, em parceria com as Câmaras Municipais de Santiago do Cacém e de Sines, com o cofinanciamento do FEDER. + info.: Litoral EmCena, no Facebook.

**O Cante da Memória** - Exposição de Fotografia de Rafael G. Antunes, inaugura dia 17 de julho, às 18h, na sala de exposições temporárias do Museu Municipal de Ferreira do Alentejo (núcleo sede). O trabalho de Rafael G. Antunes (Maфра, 1977) propõe refletir e explorar, com recurso à imagem fotográfica, as tensões e as dinâmicas transitórias nos conceitos de identidade, memória coletiva e individual e de Património Cultural (material e imaterial). A mostra, organizada pela Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, ficará patente ao público até outubro de 2021, de terça a sexta-feira, das 10h às 13h e das 14h30 às 18h30; ao sábado e Domingo das 10h às 13h. + info.: 284738700 - <https://ferreiradoalentejo.pt/>

**Festival Sete Sóis Sete Luas** - Com a sua 29.ª edição já a decorrer, o festival dirigido por Marco Abbondanza abrange, em 2021, o total de 35 cidades de 12 países de vários pontos do mundo, incluindo Portugal. No concelho de Ponte de Sor, apresenta um programa recheado de música e arte do Mediterrâneo e do Mundo Lusófono, com espetáculos até dia 6 de setembro. Org.: Associação Cultural Sete Sóis Sete Luas com o apoio da Direção-Geral das Artes e da Câmara Municipal de Ponte de Sor. + info.: <https://www.festival7sois.eu/> ou no Facebook da Câmara Municipal de Ponte de Sor.

## Análises Clínicas ▼



Laboratório de Análises  
Clínicas de Beja, Lda

**Laboratório de Análises Clínicas  
de Beja, Lda.**  
Dr. Fernando H. Fernandes  
Dr. Armindo Miguel  
R. Gonçalves

Horários das 8 às 18 horas

Acordo com beneficiários

da Previdência/ARS; ADSE; SAMS; CGD; GNR; ADM; PSP;

Multicare; Advance Care; Médicis

**FAZEM-SE DOMICÍLIOS**

Rua de Mértola, 86, 1.º

Rua Sousa Porto, 35-B

Telefs. 284324157 e 284325175 Fax 284326470

7800 BEJA

## Medicina dentária ▼

**FERNANDA FAUSTINO**

**Técnica de Prótese Dentária**

Vários Acordos

(Diplomada pela Escola Superior de Medicina  
Dentária de Lisboa)

Rua General Morais Sarmento, n.º 18, r/chão

Telef. 284326841

7800-064 BEJA

## Otorrinolaringologia ▼

**DR. J. S. GALHOZ**  
Ovidos, Nariz e Garganta  
Exames da audição

Consultas a partir das 14 horas

Praça Diogo Fernandes, 23 - 1.º F (Jardim do Bacalhau)

Telef. 284322527 BEJA

## Urologia ▼

**AURÉLIO SILVA**  
UROLOGISTA

Hospital de Beja  
Doenças de Rins e Vias Urinárias

Consultas às 6.ªs feiras na Policlínica de S. Paulo

Rua Cidade S. Paulo, 29

Marcações pelo telef. 284328023 BEJA

## Hematologia Clínica ▼

**HEMATOLOGIA CLÍNICA**

Doenças do Sangue

**ANA MONTALVÃO**

Assistente Hospitalar Graduada

Marcações de 2.ª a 6.ª feira, das 15 às 19 horas

Terreiro dos Valentes, 4-1.ª A 7800-523 BEJA Tel. 284325861

## Cardiologia ▼

**MARIA JOSÉ BENTO SOUSA  
e LUÍS MOURA DUARTE**

**Cardiologistas**

Especialistas pela Ordem dos Médicos  
e pelo Hospital de Santa Marta

Assistentes de Cardiologia no Hospital de Beja

Consultas em Beja Policlínica de S. Paulo

Rua Cidade de S. Paulo, 29

Marcações: telef. 284328023 - BEJA

## Oftalmologia ▼

**JOÃO HROTKO**

Médico oftalmologista

**Especialista pela Ordem dos Médicos**  
**Chefe de Serviço de Oftalmologia**  
**do Hospital de Beja**

Consultas de 2.ª a 6.ª

Acordos com:

ACS, CTT, EDP, CGD, SAMS.

Marcações pelo telef. 284325059 Rua do Canal, nº 4 7800 BEJA

**ESTAMOS ABERTOS**

## Dermatologia ▼

**TERESA ESTANISLAU  
CORREIA**

**MÉDICA DERMATOLOGISTA**

BEJA

284 329 134

Marcações de Segunda a Sexta das 11h30 às 16h30

Rua Manuel de Brito Nº 4 – 1.º Frt

7800-544 BEJA

E-mail: clinidermatecorreia@gmail.com

LISBOA

217 986 150

Marcações de Segunda a Sexta das 14h às 19h

Rua Julieta Ferrão, 10 – 3.º Esqº

1600-131 LISBOA

## Medicina dentária ▼

**CLÍNICA MÉDICA  
DENTÁRIA JOSÉ BELARMINO, LDA.**

Rua Bernardo Santareno, nº 10

Telef. 284326965 BEJA

**DR. JOSÉ BELARMINO**

Clínica Geral e Medicina Familiar (Fac. C.M. Lisboa)

Implantologia Oral e Prótese sobre Implantes

(Universidade de San Pablo-Céu, Madrid)

**CONSULTAS EM BEJA**

2.ª, 4.ª e 5.ª feira das 14 às 20 horas

**EM BERINGEL**

Telef 284998261 6.ª e sábado das 14 às 20 horas

**DRª PAULA RODRIGUES**

Psicologia Clínica – Hospital de Beja

**DRª MARIA GÓMEZ**

Psiquiatria – Hospital de Beja

## Psicologia ▼

**MARGARIDA RAMOS**

**PSICÓLOGA**

Mestre pelo ISPA

**HIPNOTERAPEUTA** pelo:

**London College of Clinical Hypnosis**

Especialista pela Ordem dos Psicólogos em:

**PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**PSICOTERAPIA**

Consultório:

Rua General Humberto Delgado, nº 2 Beja

Marcações: 967665641

<https://psicologiabeja.wixsite.com/psicologa-margarida>

## Clínica dentária ▼

**Dr. José Loff**

Prótese fixa e removível

Estética dentária

Cirurgia oral/Implantologia

Aparelhos fixos e removíveis

**VÁRIOS ACORDOS**

Consultas: de segunda a sexta-feira, das 9 e 30 às 19 horas

Rua de Mértola, n.º 43 – 1.º esq. Tel. 284 321 304 Tm. 925651190

7800-475 BEJA

**Estomatologia  
Cirurgia Maxilo-facial**

**DR. MAURO FREITAS VALE**  
MÉDICO DENTISTA

**Prótese/Ortodontia**

Marcações pelo telefone 284321693 ou no local

Rua António Sardinha, 3, 1.º G

7800 BEJA

## Clínica geral ▼

**GASPAR CANO**

**MÉDICO ESPECIALISTA  
EM CLÍNICA GERAL/MEDICINA  
FAMILIAR**

Marcações a partir das 14 horas Tel. 284322503

**Clinipax** Rua Zeca Afonso, n.º 6-1.º B – BEJA

## Pediatría ▼



**Pediatría**

**CLÍNICA DA CRIANÇA DE BEJA UNIP, LDA**  
**MÉDICA PEDIATRA : Drª CONSTANÇA BENTES**

**Novo Horário da CCBeja**

2ª Feira e 5ª Feira: 14h às 20h

3ª Feira e 4ª Feira: 10H às 12h e das 14h às 20h

6ª Feira: 10h às 13h

Contatos: Clínica - 284 326 752

Tel. de Apoio Pediátrico: 965 207 043

E-Mail: ccbeja@live.com.pt

Morada: Rua da Olivença nº19, 7800-294 Beja



Centro de Radiologia de Beja

Manuel Matias

Isabel Lima

Miguel Oliveira e Castro

Jaime Cruz Maurício

Maria José Sousa

Luís Moura Duarte



Radiologia convencional / Radiologia Dentária

Mamografia / Osteodensitometria

Ecografia / Eco-Doppler

Tomografia Computorizada (TAC)

Colonoscopia Virtual

Deteção precoce do cancro do pulmão

Ecocardiografia

Doppler Cardíaco

CONTRATO DE ADESÃO:

U.L.S.B.A.

(Hospital de Beja e Centros de Saúde)

ACORDOS:

ADSE • PT-ACS • CGD • SAMS • SAMS Quadros

SEGUROS:

Medis • Multicare • Allianz • WDA • Humana  
Mondial Assistance • AdvanceCare • Future Healthcare

MARCAÇÕES:

T. 284 313 330 Tm. 967 640 129 / 914 910 193

Rua Afonso de Albuquerque, 7 r/c 7800 - 442 BEJA

geral@crb.pt

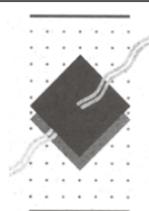
www.crb.pt

## Clínica Médico-Dentária de S. FRANCISCO, LDA.

Gerência de Fernanda Faustino

**Acordos:** SAMS, ADMG, PSP, ADME, Portugal Telecom e Advancecare

Rua General Morais Sarmiento, n.º 18, r/chão;  
TEL. 284327260 7800-064 BEJA



## CENTRO DE IMAGIOLOGIA DO BAIXO ALENTEJO

**TOMOGRAFIA COMPUTORIZADA (TAC)  
ECOGRAFIA  
MAMOGRAFIA  
ECO DOPPLER**

**Médicos Radiologistas**

António Lopes / Aurora Alves

Helena Martelo / Montes Palma

**Médica Neuroradiologista**

Alda Jacinto

**Médica Angiologista**

Helena Manso

Convenções:

**ULSBA (SNS)**

ADSE, ACS-PT, SAD-GNR, CGD, MEDIS, SSMJ, SAD-PSP, SAMS, SAMS QUADROS, ADMS, MULTICARE, ADVANCE CARE

Marcações:

Tm. 928058603 Tel. 284318490 Tm. 928053329

Horário: de 2.ª a 6.ª feira, das 8 às 19 horas e aos sábados, das 8 às 13 horas

Av. Fialho de Almeida, n.º 2 7800 BEJA

## PRECISA DE DINHEIRO?

Ajudo com cheques.  
Valores entre 200 e 1 000 euros.

SERIEDADE

Contactar tm. 962476242

### Fisioterapia

## Centro de Fisioterapia S. João Baptista, Lda.

Fisiatria

**Dr. Carlos Machado**

Neurocirurgia

**Dr. Daniel Maymone**

Psicologia Clínica

**Dr.ª M. Carmo Gonçalves**

**Tratamentos de Fisioterapia  
Classes de Mobilidade  
e Reeducação do Pavimento Pélvico  
Classes de Reeducação  
Postural/Pilates  
Reabilitação Pós-Mastectomia  
Técnicas de Acupuntura  
Tratamento por Ondas de Choque  
Hidroterapia/Classes no Meio Aquático**

Acordos com ADSE, SAD//GNR, SAD/PSP, Medicare, ADM, SAMS, Medis, Advance Care, Multicare, Allianz, Seguros/Acidentes de Trabalho, Planuscard

Marcações pelo ☎ 284322446; 284094496; 915624315  
Rua 25 de Abril, 11 cave esq. 7800-521 BEJA  
cfisioterapiasjb@gmail.com

### Angiologia Cirurgia Vasculiar

## HELENA MANSO

**ANGIOLOGIA  
CIRURGIA VASCULAR  
TRATAMENTO DE VARIZES**

**BEJA:** Clinipax Rua de Angola, n.º 1, loja 1  
7800-468 Beja  
Telefone: 284 092 243 Tms. 917716528/916203481

**SINES:** Clínica Primeiros Passos  
Estrada Costa do Norte,  
n.º38 Bloco B R/C Dto., Sines. Tel: 964841211  
Email: geral@clinicaprimeiros passos.com.

**SANTIAGO DO CACÉM:** Centro Clínico  
de Santiago do Cacém  
Avenida Manuel da Fonseca, 37  
7540-105 Santiago do Cacém  
Tel. 269 086 900 Tm. 917 637 440

**ÉVORA:** CDI  
Praça Dr. Rosado da Fonseca, 8, Urb. Horta dos Telhais  
7000-749 Évora Tel. 266 749 740  
[www.hms.com.pt](http://www.hms.com.pt)



- Angiologia e Cirurgia Vasculiar: Dr.ª Helena Manso Ribeiro
- Cirurgia Geral: Dr. Gabriel Gomes
- Cirurgia da Obesidade: Dr. Octávio Viveiros
- Dermatologia: Dr.ª Ana Filipe Monteiro
- Endocrinologia: Dr.ª Ana Sousa Martins | Dr. Dinis Reis
- Enfermagem: Enf.ª Maria J. Espanhol
- Gastrenterologia: Dr. Ricardo Lopes
- Ginecologia e Obstetrícia: Dr.ª Luisa Guerreiro
- Hematologia: Dr.ª Ana Montalvão
- Medicina Geral e Familiar: Dr. Gaspar Cano
- Medicina Interna: Dr. Quintino Biague
- Medicina Tradicional Chinesa: Dr. Rafael Lopes
- Neuro Cirurgia: Dr.ª Dr. Rui Rato
- Nutricionismo: Dr.ª Verónica Túbal
- Ortopedia / Traumatologia: Dr. André Ramos
- Otorrinolaringologia: Dr. Guedes Damaso
- Pediatria: Dr.ª Isabel Brito Lança - **Linha de Apoio: 284 092 503**
- Pneumologia: Dr.ª Ana Cristina Duarte
- Preparação Pré e Pós Parto: Enf.ª Maria José Espanhol
- Psicologia Clínica: Dr. Francisco Barrocas | Dr.ª Margarida Mendes
- Psicologia Educacional (Orientação Vocacional): Dr.ª Madalena Espinho
- Psiquiatria: Dr. Filipe Godinho
- Psiquiatria da Infância e da Adolescência: Dr.ª Isabel Santos  
Dr.ª Cláudia Gomes Cano
- Reumatologia: Dr. Fernando Pimentel
- Senologia – Cirurgia da Mama: Dr. Luís Mestre
- Terapia da Fala: Dr.ª Ana Margarida Soares
- Terapia Sexual: Dr.ª Helena Pinheiro
- Urologia: Dr. Francisco Fino Correia



FUNERAIS - TRASLADAÇÕES - CREMAÇÕES - EXUMAÇÕES - TANATOPRAXIA

# PAX-JÚLIA

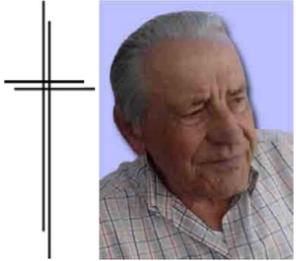
AGÊNCIA FUNERÁRIA

CUIDANDO DE PESSOAS, FAZENDO A DIFERENÇA...



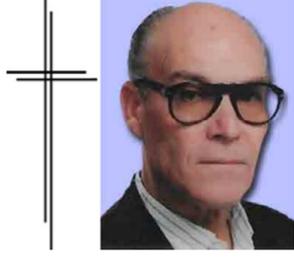
Gêrencia: Manuel António Nunes  
Rua da Cadeia Velha, 15 - Beja  
284311170 / 962946642

BARRANCOS



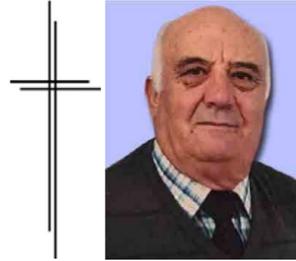
†. Faleceu o Exmo. Sr. **ANTÓNIO MARINA RODRIGUES**, de 87 anos, natural de Barrancos - Barrancos, casado com a Exma. Sra. D. Alexandrina Baleizão Fernandes. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 25 de Junho, da Casa Mortuária de Barrancos, para o cemitério local.

BEJA



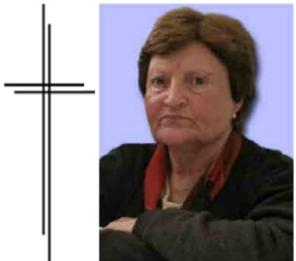
†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOAQUIM ANTÓNIO GRACIANO CARAPINHA**, de 81 anos, natural de Santiago Maior - Beja, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 26 de Junho, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

BEJA



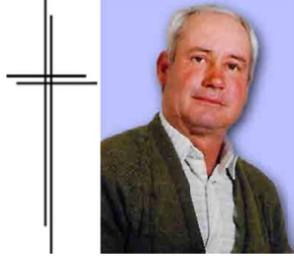
†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOSÉ DOMINGOS JACOB ROMÃO**, de 78 anos, natural de Santana de Cambas - Mértola, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 27 de junho, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

BEJA



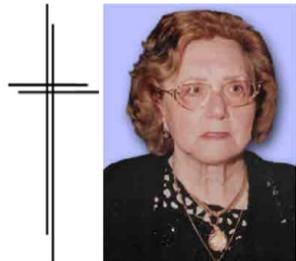
†. Faleceu a Exma. Sra. D. **MARIA DA PIEDADE LOPO SABINO PENCARINHA FAIAS**, de 83 anos, natural de Castro Verde - Castro Verde, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 28 de Junho, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério Setúbal, onde foi cremada.

BRINCHES



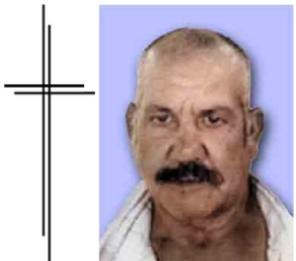
†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOSÉ BRÁZIO REFACHINHO**, de 85 anos, natural de Brinches - Serpa, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 29 de Junho, da Casa Mortuária de Brinches, para o cemitério Ferreira do Alentejo, onde foi cremado.

BEJA



†. Faleceu a Exma. Sra. D. **MARIA GABRIELA GAMARRO DOS PRAZERES**, de 96 anos, natural de Sé - Évora, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 30 de Junho, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

BEJA



†. Faleceu o Exmo. Sr. **MANUEL FRANCISCO DA ROSA GASPAS**, de 70 anos, natural de Mértola - Mértola. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 30 de Junho, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

PENEDO GORDO



†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOSÉ DIONÍSIO MARQUES**, de 83 anos, natural de São Martinho das Amoreiras - Odemira. O funeral a cargo desta Agência, realizou-se no passado dia 30 de Junho, da Casa Mortuária de Penedo Gordo, para o cemitério local.



As famílias enlutadas apresentamos as nossas mais sinceras condolências



Loja 1: Rua da Cadeia Velha, 16, 20 e 22 \* 7800-143 BEJA  
Loja 2: Av.ª Miguel Fernandes, 10 \* 7800-396 BEJA  
Telef.: 284311300 Telem.: 967311300 Fax.: 284311309  
www.funerariapaxjulia.pt - www.facebook.com/funepaxjulia



MISSA



**Jorge Manuel Aleixo Rosado Baptista**  
10º Ano de Eterna Saudade

Faz 10 anos que partiste, a dor continua aqui.  
Desapareceste tão rapidamente, fiquei perdida sem ti.  
Amo-te. Até sempre, meu irmão.

Será celebrada missa no dia 7 de Julho de 2021, às 18.30 horas, na Igreja do Carmo, em Beja.

Agradece-se desde já a todas as pessoas que assistam ao acto religioso.

## Dê SANGUE dê VIDA



Associação Humanitária  
dos Dadores de Sangue de Beja

Beja



†. Faleceu a Exma. Sra. D. **Celínia Rosa Farinha de Oliveira**, 78 anos, viúva, natural de Abela - Santiago do Cacém  
Óbito: 24/06/2021  
O funeral realizou-se no dia 25/06/2021 para o cemitério de Beja.  
A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.

Beja



†. Faleceu a Exma. Sra. D. **Angelina Rosa Horta**, 95 anos, viúva, natural de Cabeça Gorda - Beja  
Óbito: 29/06/2021  
O funeral realizou-se no dia 30/06/2021 para o cemitério de Beja.  
A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.

Serviço digno e em tudo distinto  
Apresentamos as nossas mais sentidas condolências às famílias enlutadas  
Saiba mais sobre nós em:  
[www.funerarianunes.com](http://www.funerarianunes.com)  
[www.facebook.com/AgenciaFunerariaNunes](https://www.facebook.com/AgenciaFunerariaNunes)

Diário do Alentejo n.º 2045 de 02/07/2021 Única Publicação

**CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA**  
NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

### EXTRATO

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís de Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia vinte e nove de junho de dois mil e vinte e um, a folhas cento e trinta e dois, do livro de notas para escrituras diversas, número 44 - C deste Cartório, outorguei escritura de justificação do seguinte teor:

Carlos Filipe Carocinho Neves de Mira, NIF 182475034, divorciado, natural da freguesia de Santiago Maior, concelho de Beja, residente na Rua da Infantaria 17, número 2, primeiro direito, Apartado 139, em Beja.

E por ele foi dito, que com exclusão de outrem é dono e possuidor do Prédio rústico, de-nominado "Fontainhas", situado em Beja (Salvador), agora união das freguesias de Salvador e Santa Maria da Feira, concelho de Beja, com a área de um hectare e cinco mil centiares, composto por cultura arvense e oliveiras, confronta a Norte com António Mariano Faleiro Campaniço; a Sul com Barranco, a Nascente com George Smith Horge e a Poente com José Carlos da Silva Rosa, descrito na Conservatória do Registo Predial de Beja sob o número dois mil duzentos e nove (freguesia de Salvador), e aí registado a favor de Arménio António Silva Gomes dos Santos; Francisco António da Silva Gomes dos Santos casado com Elza João Gomes no regime da separação de bens; Jorge Gouveia Vidal; Maria de Lurdes Ferreira da Silva; e Maria Fernanda Valente Gomes dos Santos, conforme apresentação onze de 17/07/1997. Prédio inscrito na matriz predial rústica, sob o artigo 120, da secção 1A, da mencionada união das freguesias, (o qual proveio do artigo 120, da secção A, da freguesia de Salvador - extinta), com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT de 3.964,75 €.

Que este prédio fazia parte de uma herança que por litigiosa que se arrastou anos e foi resolvida em tribunal - como decorre das inscrições no registo predial - e por isso estava ao abandono e como ele era confinante com outro prédio rústico que ele tomou posse nessa altura, o inscrito na matriz sob o artigo 121, secção 1A, e que, em virtude do prédio sob justificação ter criado assim sério risco de incêndios não só para o próprio prédio, mas naturalmente para toda a zona envolvente, por isso, desconhecendo o paradeiro dos ditos titulares Arménio António; Francisco António; Jorge Gouveia; Maria de Lurdes; e Maria Fernanda, em dia e mês que não sabe precisar do ano de mil novecentos e noventa e seis, acabou por tomar posse e fruição também do mencionado prédio, posse que começou a retirar os arbustos de maior risco de incêndio, acabando no final por limpar todo o prédio, nele amanhando as terras e nele fazendo depois plantações e dele colhendo os frutos, sem interrupção, nem ocultação de quem quer que seja.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, adquiriu o prédio por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser comprovado pelos meios extrajudiciais normais, impossibilitando-o, assim e por natureza de ver reconhecido o seu direito de propriedade perfeita.

Está de conforme com o original.

O Notário  
Lic. Vital Ruivo



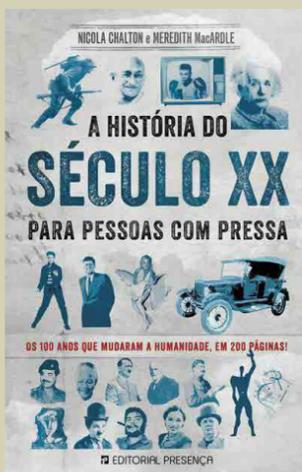
# ETC.

## CRÓNICA

**NÉ ESPARTEIRO**  
Professora universitária

### HISTÓRIAS DO SÉCULO XX

Nestes tempos sem tempo, todos andamos apressados. Corremos, por vezes sem saber bem para onde, ouvimos e lemos apressados as notícias do que nos rodeia. Talvez por essa pressa constante, as autoras deste pequeno livro de pouco mais de 200 páginas abordam, de forma concisa, mas ordenada, os



principais acontecimentos do século em que muitos de nós nascemos, crescemos, vivemos... e vimos chegar o ano 2000, com o seu famoso 'bug' do milénio, as previsões apocalípticas daqueles que criam no fim do mundo que, afinal, ainda não aconteceu, o início desses anos do novo milénio com o inimaginável ataque terrorista às "torres gémeas" de Nova Iorque, mas também o desabrochar de uma nova era, com mais preocupações com a sustentabilidade, o clima, enfim, a preservação do nosso planeta e da vida tal como a conhecemos e imaginamos hoje.

"A História do Século XX para Pessoas com Pressa", da autoria de Nicola Chalton e Meredith MacArdle, retrata vários episódios da história do último século, em que os progressos tecnológicos, científicos e sociais se desenrolaram a uma velocidade excepcional – a massificação do automóvel, as primeiras viagens de avião, os foguetões que colocaram o primeiro homem na lua – "um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a humanidade" (Neil Armstrong, 1969) – as duas guerras mundiais e a infame bomba atómica, o fim dos impérios coloniais, a conquista do direito de voto pelas mulheres, o surgimento da pílula contracetiva, a rádio e a televisão; desde o aparecimento dos primeiros computadores aos telemóveis que hoje todos sentimos como uma extensão de nós próprios, sem os quais não conseguimos a ligação ao mundo e aos afetos, a enorme revolução causada pela inovação digital. Mesmo em termos de música e de literatura, o século XX presenteou-nos com nomes que, não importa a idade, todos identificamos: quem não conhece pelo menos uma música dos Beatles ou dos Rolling Stones, revolucionários para o seu tempo, ou quem não leu ou pelo menos já ouviu falar de livros como "O Senhor dos Anéis", de meados do século passado, ou do mais recente êxito versando um mundo fantástico, a saga do pequeno feiticeiro Harry Potter, que surgiu no final do século mas cresceu com as novas gerações já deste novo milénio.

Vale a pena percorrer – sem pressa – as páginas deste pequeno livro e aprender, recordar, reviver, relembrar, tantos acontecimentos marcantes da história do último século.



### "ÓBICE", NOVO ESPETÁCULO DA CADAC, EM DIGRESSÃO

Depois da estreia em Cuba, a nova criação da Companhia Alentejana de Dança Contemporânea (Cadac), intitulada "Óbice", está em digressão por várias localidades do Baixo Alentejo, com espetáculos agendados para hoje, dia 2, na Vidigueira, e para os próximos dias 7, em Barrancos, e 8 de julho, em Almodôvar. Trata-se de um trabalho que retrata o lado positivo e negativo das relações amorosas, os desafios individuais e plurais do casal. Em palco estarão os bailarinos Catarina Oliveira e Dinis Santos, coreografados por Marianela Boán, da Republica Dominicana. Na sinopse do espetáculo pode ler-se que "óbice" vem do latim 'obex', e significa "obstáculo ou impedimento para algo", nesse sentido, "um casal move barreiras visíveis e invisíveis explorando o valor do obstáculo como impulso ou aniquilação. As barreiras modificam a relação corpo-espaco, tornando-os vítimas e perpetradores da sua própria jornada".

### "CANTE ALENTEJANO – CANCIONEIRO ILUSTRADO" NA CASA FIALHO DE ALMEIDA

O Museu Literário Casa Fialho de Almeida, em Cuba, tem patente ao público a exposição "Cante Alentejano – Cancioneiro Ilustrado", da autoria de Fernando Estevens. Esta exposição, que poderá ser vista até ao final de setembro, consiste na mostra de 18 múltiplos, cujo tema central é o Cante Alentejano. O autor ilustra 18 modas do cancionero popular alentejano, a partir de um exercício invertido de semiótica. As letras das modas são interpretadas e traduzidas graficamente, recriando-se, em cada uma, apontamentos que refletem o ideário programático e estético desenvolvido pelo autor nos últimos anos. "O autor, cujas raízes estão no Alentejo, utiliza esta forma de expressão plástica para manifestar a sua ligação de alma à excepcional expressão musical que é o cante alentejano", refere a autarquia.

### ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS JUNTO AO CASTELO DE MÉRTOLA

Está em curso mais uma campanha de escavações arqueológicas na encosta do Castelo de Mértola, envolvendo a participação de voluntários locais e de diversas universidades do País e do estrangeiro. Trata-se de uma iniciativa promovida pela Câmara Municipal e pelo Campo Arqueológico e de Mértola, a quem cabe a responsabilidade científica das escavações que visam dar continuidade às intervenções dos anos anteriores, de forma a permitir um maior conhecimento desta zona e das diversas estruturas que têm vindo a surgir. Estas intervenções arqueológicas inserem-se no Projeto Arqueologia in progress – Turismo Arqueológico em Mértola, participado pelo Feder.



### FESTIVAL MÚSICA NA PLANÍCIE EM BEJA

Os concertos dos Pop Dell'Arte e de Tó Trips encabeçam o cartaz da 2.ª edição do Festival Música na Planície (MUPA), que se realiza nos dias 16 e 17 de julho, em Beja. O festival, que decorrerá no Teatro Municipal Pax Julia e no Jardim Público, é organizado pela CulturMais, com o apoio da Câmara de Beja. O MUPA tem como "missão cruzar gerações, costumes e géneros musicais", criando "uma aliança entre a música ao vivo e a memória coletiva do centro histórico de Beja", explica a organização. O dia inaugural do certame, a 16 de julho, arranca com dois concertos gratuitos de André Gonçalves e Gabriel Ferrandini, ambos no Pax Julia, que serão as únicas atuações grátis do festival, para as quais é necessária, no entanto, inscrição prévia. Já no Jardim Público, antes da atuação dos "veteranos" Pop Dell'Arte, que têm como "fórmula distorcer a música pop a seu proveito e criar assim um rock experimental do qual é difícil desviar a atenção", subirão a palco Bleid e Maria Reis, sendo que, a seguir à banda "cabeça de cartaz", atua o duo (Von) Calhau!.

## CIÊNCIA

JOSÉ VALENTE Professor

### CLUBE DE ASTRONOMIA

A astronomia de amador em Portugal está interligada em rede e com forte presença nas redes sociais graças ao grupo Citizen STEM and Astronomy Club e a uma pessoa com uma capacidade de comunicação e simpatia sem limites, o Carlos Neves. O Carlos é uma das pessoas próximas do astrónomo divulgador Máximo Ferreira e colaborador assíduo nas Astrofestas, os maiores eventos de divulgação de ciência em Portugal que ocorrem todos os anos, no verão, e reúnem centenas de astrónomos amadores.

#### Quais as atividades que o grupo já realizou?

Começou-se com um curso (gratuito, de 35 horas) de utilização da Internet para a população da Branca (aldeia a 20 quilómetros de Coruche); mais tarde uma versão resumida foi realizada em Sintra. Para o ensino de STEM [acrónimo em inglês de ciência, tecnologia, engenharia e matemática) realizou um 'workshop' de formação de professores, em Leiria. Também integra eventos (gratuitos) para a população, para a divulgação da astronomia e ciências relacionadas, como sucedeu em Mourão e da Aldeia da Luz.

#### O que tem feito o grupo na vertente de divulgação científica?

O grupo tem efetuado a cobertura de vários eventos (também de astronomia) que se realizam no País, ficando depois as fotos, vídeos e transmissões em direto nas redes sociais disponibilizados publicamente... recursos depois partilhados pelos membros e usados em aulas.

#### O que é preciso fazer para encontrar estes recursos?

Basta pesquisar no grupo pelo nome dos eventos, como: Astrofesta, Ciência Viva, Dark Sky e outros. Também lá se encontram livros, revistas e cursos das áreas de STEM, incluindo fotografia.

#### Estabelecem ligações com outros grupos?

O grupo tem ligações de parceria a grupos congéneres no Brasil, e um pouco pelo globo, e são divulgados mais de 40 grupos e páginas de STEM e de astronomia.

#### Para aceder aos conteúdos é necessário pertencer ao grupo?

Não. E para além disso todos os conteúdos são públicos e gratuitos (na eventualidade de haver custo [externos ao grupo], estes são assinalados). Por isso visitem, aprendam, participem e partilhem.

# MÚSICA

RITA PALMA NASCIMENTO

## “O FACTO DE PERTENCER À TERRA É UMA CONDIÇÃO QUE ME MARCA E DEFINE”

“Ribeiro” é o novo disco de Paulo Ribeiro, lançado em fevereiro de 2021, que conta com a participação de Rão Kyao. Enquanto cantautor, outros discos o antecederam, a solo e em grupo, destacando-se “O Céu como Tecto e o Vento como Lençóis”, composto a partir da obra poética do escritor Manuel da Fonseca, “As Novas Aventuras dos Tais Quais” e “É assim... Uma Espécie de Cante”, em parceria com o Grupo Coral e Etnográfico Os Camponeses de Pias, onde diversas são as músicas do imaginário ‘pop’ português adaptadas ao Cante Alentejano.

Apaixonado que se confessa pelo seu Alentejo, trá-lo sempre na voz, assim como na contemporaneidade das modas que compõe. Mas Paulo Ribeiro é ainda mais; é autor de bandas sonoras, música para peças de teatro e performances de poesia. O seu nome, intrinsecamente ligado à projeção, elevação e ensino do Cante Alentejano, está também associado a projetos como Anonimato, Mosto, Baile Popular ou Tais Quais. Desde 2018 é também sua a direção artística do Festival B. Até setembro, poderá acompanhá-lo em digressão pelo Baixo Alentejo, no âmbito da itinerância de espetáculos do Festival BA.

“Ribeiro” é o seu novo álbum, revelador do lado mais autoral do Paulo Ribeiro, onde afirma que “o Alentejo está novamente de regresso”. Fale-nos um pouco sobre este trabalho e das motivações a ele associadas? Quando digo que o Alentejo está novamente de regresso, talvez pretenda transmitir que o Cante continua a ser, de certo modo, o meu chão. A terra fértil onde colho, tantas vezes, inspiração, mesmo quando as minhas canções apontam para estéticas, caminhos e possibilidades muito diferentes. Não sei se é o meu disco mais autoral. Noutros trabalhos, a maior parte das músicas é da minha autoria, enquanto



neste disco metade dos temas pertencem ao cancionero tradicional do Alentejo. Embora também entrem nesta equação músicas que compus a partir da poesia de Fernando Pessoa, Al-Mu'tamid, João Monge ou Manuel Alegre. “Noturno de Beja”, por exemplo, é uma homenagem à minha cidade. Há nestes 11 temas uma ideia de sul, o sul geográfico, mas também o meu sul afetivo, o lugar a que pertencem. Depois tenho dois convidados muito especiais que emprestam o seu talento e magia a este trabalho, refiro-me ao Rão Kyao e ao violoncelista Emídio Coutinho. No ‘booklet’ do álbum escrevi: “Ribeiro é um curso d’água alimentado por diversos braços. E Ribeiro sou eu também, influenciado por diferentes sonoridades”. Talvez este pensamento ajude a compreender a essência e as motivações do disco que contou com a produção do Jorge Moniz.

As raízes demarcam-nos e num artista isso é ainda mais evidente. Para o Paulo a raiz é a base ou a cabeça? É o pensamento e a origem, ou um elemento de fixação e de estabilidade? As raízes podem ser tudo isso, mas na maneira como funciono,

em termos artísticos, as raízes nunca são um elemento de fixação e estabilidade. São mais um elemento de possíveis fusões ou até de instabilidade, um ponto de partida para outros caminhos. E pode não nascer a árvore. É assim que eu encaro as raízes, nomeadamente as que estão na base das tradições. Mas concordo que, culturalmente, o facto de ter nascido e crescido no Alentejo, independentemente das minhas viagens, contactos e influências, o facto de pertencer à terra é uma condição que, naturalmente, me marca e define de forma indelével enquanto pessoa e como artista.

A fusão de diferentes sonoridades é notória, sem perder a essência e raiz do Cante Alentejano. Considera importante, para a sua contemporaneidade [do Cante], o conjugar de tradição e inovação? Tradição e inovação podem coabitar e complementar-se. Para se inovar, reinventar ou compor novas modas é necessário conhecer-se o Cante com alguma profundidade e substância, é preciso amá-lo. Aliás, sem amor não se faz nada! É essencial manter viva a chama da tradição de que

são guardiões os grupos corais e etnográficos, garantindo a sua transmissão de geração em geração. Exemplo disso é o nosso cancionero que reflete sobre a nossa cultura, história e identidade. Por outro lado, é importante que se encare o Cante como uma expressão artística que se vai atualizando e adaptando aos novos tempos.

Como pode esta nova abordagem, com introdução de novos estilos, promover, recriar e impulsionar o Cante?

Talvez eu tivesse descoberto o flamenco ainda nos anos 80, através de bandas pop/rock da Andaluzia que tinham influências notórias do flamenco. Ou seja, já nos anos 80 os grupos de música moderna faziam esse tipo de fusão. Eu próprio com os Anonimato, de forma subliminar, na década de 90, incorporei o Cante na sonoridade de um grupo. Se calhar, o que me levou a querer saber quem era Camarón de la Isla ou Paco de Lucía, poderá levar outros a revelar uma curiosidade natural e de descoberta do Cante Alentejano, através de propostas musicais de fusão.

E as gerações mais jovens têm

uma palavra a dizer nesta recriação?

As gerações mais jovens não “têm uma palavra a dizer”, têm um romance para continuar a escrever.

No que respeita ao Festival BA, considera que novos públicos o poderão vir a descobrir?

De alguma forma sim. São sempre boas oportunidades de continuar a apresentar, divulgar e partilhar o nosso trabalho com as pessoas e as comunidades. Espero sinceramente que seja uma estratégia que tenha continuidade a curto, médio e longo prazo, numa perspetiva de futuro para as artes, para os artistas e para todo o setor cultural, considerando, obviamente, toda a atividade económica que lhe está intrinsecamente associada, numa lógica de reforço da coesão territorial na sua diversidade, tão enriquecedora para um futuro mais próspero e inclusivo.

Este festival assume-se como resposta de ajuda à retoma das atividades culturais e artísticas, após um período conturbado. Que respostas considera serem oportunas e urgentes, no imediato?

Este festival que incorpora música, teatro e dança é, sem dúvida, oportuno e pertinente. Na realidade, são mais de 100 os espetáculos a acontecer no Baixo Alentejo. Com isso valorizamos a cultura, o território e as suas gentes. No entanto, julgo que o País deve investir, de uma vez por todas e seriamente, no setor cultural. A cultura é uma alavanca para o desenvolvimento social e económico, além de ser indispensável ao nosso bem-estar e integridade, enquanto sociedade. Infelizmente, penso que esta perceção ainda está longe de pertencer ao poder central, com todos os custos e implicações que essa falta de visão acarreta, não só para os profissionais do setor, como para a comunidade em geral.

# FILATELIA

GEADA DE SOUSA

## CTT HOMENAGEIAM CINCO “JUSTOS ENTRE AS NAÇÕES”

Numa emissão que, segundo os CTT, se insere no “Programa Nunca Esquecer - em torno da Memória do Holocausto”, são homenageados cinco ilustres portugueses que figuram entre os grandes nomes que pela sua ação foram distinguidos, como “Justos entre as Nações” em nome do Estado de Israel, pelo Yad Vashem. Os distinguidos são: Aristides de Sousa Mendes (selo de 0,54 euros), Carlos Sampaio Garrido (0,70), Alberto Teixeira Branquinho (0,84), padre Joaquim Carreira (0,88), José Brito Mendes (0,91). O selo do bloco é de 2,50 euros. O selo de Aristides de Sousa Mendes mostra-nos o cônsul na primeira metade do século XX, em farda de gala com as suas condecorações, tendo como fundo uma folha do processo disciplinar que lhe foi movido.

Igualmente em farda de gala e condecorações é o que nos mostra o selo dedicado a Sampaio Garrido. Em fundo é visível um telegrama enviado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros para a delegação consular em Budapeste.

Uma fotografia de “um plano dos campos de concentração de Auschwitz que integrava o relatório entregue por Teixeira Branquinho ao secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em novembro de 1944” é o fundo do selo dedicado a este diplomata.

A fotografia que serviu de base ao selo do padre Joaquim Carreira mostra-nos o teólogo, em Roma, quando estava a terminar o curso na Universidade Pontifícia Gregoriana. Como fundo foi escolhida uma foto do edifício que nos anos 40 albergava o Pontifício Colégio Português em Roma.

O último “Justo” representado na emissão mostra-nos Brito Mendes. Em fundo vê-se Cécile, a menina sua vizinha, que ele protegeu da fúria antisemita. Este diplomata foi casado com uma senhora francesa também detentora da mesma distinção.

O selo do bloco (2,50 euros) é ilustrado com uma fotografia de senhora (perfil), com chapéu e vestida de negro e as legendas “Em Memória do Holocausto” e “Nunca Esquecer”, sob um fundo múltiplo composto pela 1.ª página do “Diário de Lisboa”, onde se dá conta da rendição incondicional da Alemanha às Nações Unidas, e do “Comércio do Porto” com a notícia de que rebentou a guerra com a invasão da Polónia pelas tropas alemãs. Ocupando praticamente todo o terço inferior veem-se muitas crianças empunhando bandeiras.

Em todos selos imprimiu-se uma legenda com um resumo da ação que o tornou merecedor de ser distinguido. O ‘design’ é do Atelier B2 Design e entrou em circulação a 17 de junho.



## À MESA

ANTÓNIO CATARINO Jornalista

## NO CANTO DO ROSSIO A OLHAR VASCO DA GAMA

A estátua de Vasco da Gama, o vice-rei da Índia nomeado 1.º conde da Vidigueira em 1519, é a figura central da sala de visitas da vila onde o navegador viveu e esteve sepultado, a seu pedido, no antigo convento de Nossa Senhora das Relíquias do Carmo. Desde 1970, ano do 500.º aniversário do nascimento do descobridor do caminho marítimo para a Índia, que o trabalho escultórico da autoria do também alentejano Hélder Baptista é a referência da praça Vasco da Gama. Um espaço vasto onde o Canto do Rossio faz jus ao estatuto de referência em termos gastronómicos. É a nova aposta da chefe Paula Caetano e de António José Roxo, mais de duas décadas volvidas desde os tempos do emblemático Vila Velha.

Com vasta experiência no setor da restauração, consolidada pela liderança das operações num enoturismo das redondezas e numa taberna moderna, mas de base tradicional, colocaram ponto final em período sabático e voltaram à atividade.

Em dezembro de 2019, poucos meses antes da pandemia trocar as voltas ao mundo, abriu o Canto do Rossio, um alindado edifício com dupla valência: alojamento e restauração. Neste espaço, marcado pelo bom gosto e grau de conforto, onde se acomodam duas dezenas de comensais, as fotos nas paredes e alguns utensílios agrícolas merecem um olhar mais atento e trazem à memória o Alentejo de outrora.

A cozinha, onde a chefe Paula oficia com muito saber e paixão, está bem à vista, logo atrás do balcão onde se perfilam garrafas e caixas de vinho, quase exclusivamente de produtores alentejanos. Uma mesa corrida, em madeira, mais alta e com bancos adequados, estimula a partilha petisqueira e a convivialidade. No exterior, a esplanada é uma mais-valia e permite, com meia dúzia de mesas, aumentar a oferta em termos de lugares.

A lista engloba três capítulos, que revelam essência alentejana: petiscos, açordas e carne. Ao jeito de introito, pão e azeitonas, enquanto a decisão não ganha forma em relação a algo mais substancial. Para petiscar, sobejam propostas: paio de porco preto; queijo fresco (cabra) ou curado (ovelha); brás-de-farinheira; ovos rotos ou com espargos; saltimboca (vitela e presunto) e bolinhas recheadas com gambas.

Para duas pessoas, há um par de opções de açordas: de espinafres com bacalhau, queijos



e ovos ou de alho com bacalhau, a mais tradicional.

No capítulo de carnes, a escolha recaiu no picapau de vitela, que chega à mesa num tacho: carne de vitela, muito tenra e saborosa, bem temperada com alho, e um molho, bem apurado, a estimular a gula. O apreciado ‘tomahawk’, bem como a vitela na telha e a tábua de carne (vitela e porco preto) são opções para dois comensais. Naco de vitela com orégãos; bife de vitela ou de porco com molho de leite; costeletas de borrego (fritas ou grelhadas); tiras de porco preto na grelha e lombinhos de porco com centros completam as propostas.

Nas opções diárias, sempre variáveis, podem surgir migas de tomate com cação frito; lombinhos de porco com mel e mostarda; peito de pato com laranja; feijão com lingueirão e gambas; ossobuco estufado; migas de farinha com lombinhos de porco; cozido de grão; açorda de beldroegas com bacalhau ou o refrescante gaspacho com carapaus fritos.

No capítulo doceiro, destacam-se os três sabores – amêndoa, figo e alfarroba; travesseiros; sericaia com ameixa de Elvas; gelado de suspiro; noite e dia; bolo pudim de laranja e requeijão com doce de abóbora

Carta de vinhos alentejanos de muito bom nível. Serviço eficaz e marcado pela simpatia neste Canto do Rossio, onde a cozinha é poderoso trunfo: de lá saem petiscos e pratos com sabor a Alentejo.

# VINHOS

MANUEL BAIÔA

## DENOMINAÇÃO DE ORIGEM E INDICAÇÃO GEOGRÁFICA. UNIDADE E DIVERSIDADE DO ALENTEJO

As primeiras denominações de origem alentejanas só foram regulamentadas em 1988. Nessa altura privilegiaram-se as zonas que tinham maior tradição e concentração de vinhas e os locais onde estavam instaladas as adegas cooperativas. O Alentejo é uma região vinícola enorme, com características diferenciadoras ao nível do clima, dos solos, da altitude, da latitude, da exposição solar, da distância do mar, das castas e do fator humano. Contudo, existem grandes similitudes nos territórios produtores de vinho e que são perçecionadas pelos consumidores como pertencendo à região do Alentejo. Por isso, avançou-se para a Denominação de Origem Alentejo com o objetivo de preservar a identidade desta região, na qual estão incluídas as seguintes oito sub-regiões: Portalegre, Borba, Redondo, Reguengos, Vidigueira, Évora, Granja-Amareleja e Moura. Os produtores podem certificar o seu vinho como DOC Alentejo ou como DOC de uma das oito sub-regiões. Neste último caso os respetivos vinhos têm de ser obtidos com a utilização exclusiva de uvas produzidas e vinificadas nas respetivas áreas geográficas.

**DOC ALENTEJO** A sub-região DOC Portalegre compreende uma parte dos concelhos de Portalegre (excluídas as áreas de altitude superior a 700 m), Castelo de Vide, Crato e Sousel. As vinhas mais emblemáticas desta sub-região encontram-se na serra de São Mamede numa altitude superior aos 500 metros. Estas vinhas beneficiam da localização em altitude, pois o clima é mais arejado e húmido, proporcionando vinhos frescos e elegantes, dando a esta sub-região grande originalidade e caráter. A sub-região DOC Borba é a segunda maior do Alentejo. Localiza-se ao longo do eixo que une Estremoz, Borba e Terrugem (Elvas), estendendo-se ainda para parte dos concelhos do Alandroal, Monforte e Vila Viçosa. É talvez a sub-região que melhor consegue reunir os diversos estilos dos vinhos alentejanos, mostrando todas as 'nuances' em torno das castas e dos solos. A sub-região DOC Redondo é marcada pela Serra d'Ossa, um dos maiores acidentes orográficos do Alentejo. Eleva-se a cerca de 600 metros de altitude, resguardando as vinhas a norte e a nascente. Os vinhedos estão instalados em encostas suaves com a predominância de exposição a sul. Os invernos são frios e relativamente secos e os verões quentes e ensolarados. Esta sub-região compreende ainda algumas freguesias dos concelhos vizinhos de Évora e do Alandroal. Os solos são marcados por afloramentos graníticos e xistosos dispostos em encostas suaves. A sub-região DOC Évora compreende uma parte dos concelhos de Arraiolos, Montemor-o-Novo e Évora. Esta sub-região foi o berço de alguns dos grandes vinhos alentejanos do século XIX. Depois de algumas décadas de algum apagamento, renasceu nos anos 80 do século passado, passando a apresentar novamente vinhos de grande qualidade. A paisagem é dominada pela peneplanície e pelos solos mediterrânicos pardos e vermelhos, numa paisagem quente e seca. A sub-região DOC Reguengos compreende partes dos concelhos de Évora e Redondo e a totalidade do concelho de Reguengos de Monsaraz. É a maior e a mais produtiva das sub-regiões do Alentejo. O clima é continental/mediterrânico com invernos frios e verões extremamente quentes, originado maioritariamente vinhos encorpados e poderosos. A sub-região DOC Granja-Amareleja estende-se pela to-



talidade do concelho de Mourão e por uma parte do concelho de Moura, delimitada pelo Rio Guadiana e pela fronteira com Espanha. Tem um dos climas mais áridos e quentes de Portugal e com mais horas de sol. As terras são muito pobres e a falta de água e de matéria orgânica provocam produções e rendimentos baixíssimos. Estas condições adversas originam vinhos de grande personalidade e caráter local, onde a casta Moreto, bem adaptada a este contexto, tem um papel primordial. Esta sub-região é reducto de algumas das vinhas mais velhas do Alentejo, reservas únicas de clones e variedades hoje quase perdidas. A sub-região DOC Moura compreende parte dos concelhos de Serpa e de Moura. O clima revela uma forte tendência continental, com influência mediterrânica, com amplitudes térmicas dilatadas, invernos frios e verões tórridos, secos e prolongados. Os solos são pobres, mas os afloramentos argilo-calcários originam vinhos de grande qualidade, com um perfil quente e macio. A sub-região DOC Vidigueira estende-se pela totalidade dos concelhos de Alvito, Cuba e Vidigueira e é delimitada a norte pela Serra do Mendro e a leste pelo Rio Guadiana. O clima desta região é condicionado pela morfologia acidentada da Serra do Mendro (424 metros), de orientação este-oeste. Por isso, apesar da localização tão a sul, é uma das sub-regiões de clima mais suave do Alentejo. Os solos muito diversificados dão um contributo importante para criar vinhos frescos e com grande mineralidade. Esta região ganhou fama pelos seus vinhos brancos, mas nos últimos anos destacaram-se também os tintos, onde a casta local, Tinta Grossa, pode vir a desempenhar um papel mais importante.

**INDICAÇÃO GEOGRÁFICA** Considerou-se que estas sub-regiões eram as mais tradicionais e aptas a produzir vinho DOC Alentejo. No entanto, existem outras zonas no Alentejo com aptidões para produzir excelentes vinhos.

Assim, foi criada a Indicação Geográfica Alentejana / Vinho Regional Alentejano que cobre a totalidade dos distritos de Portalegre, Évora e Beja, permitindo aos produtores maior liberdade em termos de castas (mais de 30 castas tintas), rendimento por hectare, teor de álcool e localização das vinhas. Apesar das diferenças regionais vincadas, considerou-se que existem inúmeros traços comuns nos vinhos da grande peneplanície alentejana que justificam esta classificação regional. Por outro lado, os produtores que estão inseridos dentro da DOC Alentejo podem produzir vinho de Indicação Geográfica Alentejana / Vinho Regional Alentejano quando querem ter maior liberdade e flexibilidade.

**O FUTURO DAS SUB-REGIÕES DOC** No futuro, as várias sub-regiões DOC deverão ser mais valorizadas, com os produtores a reivindicar e comunicar a sua identidade nos rótulos das garrafas. Nesse sentido, à semelhança do que acontece noutras grandes regiões vitivinícolas do Mundo, poderá valer a pena equacionar desdobrar e multiplicar as oito sub-regiões existentes. A sub-região de Portalegre poderia dividir-se em duas: Serra de São Mamede (autorizando as vinhas de altitude acima dos 700 metros) e Portalegre; Borba arriscaria repartir-se entre Estremoz (zona onde estão presentes alguns dos mais famosos e prestigiados produtores do Alentejo) e Borba; Moura poderia dividir-se em duas: Pias e Moura. Sublinhe-se que os vinhos de Pias beneficiam de um caráter muito próprio a que se junta uma notoriedade significativa em todo o país. A elevação de Pias a DOC iria proteger a região, e os produtores aí sedeados, da quantidade de vinhos de baixa qualidade que proliferam, a maior parte deles oriundos de outras zonas do País ou mesmo do estrangeiro, que usurpam o nome de Pias. Dado o crescimento, a identidade e qualidade de algumas novas áreas, poderia avançar-se para a criação das sub-regiões de Beja-Albernoa e da Costa Vicentina.



## NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNÇÃO

**Virgula** A minha escola não começou com a matrícula. A minha escola começou antes de tempo porque, perto da minha casa, ao fim da tarde, Dona Catarina dava explicações aos alunos da Escola Primária. Eu era o auxiliar educativo, o assistente do giz, o operário do apagador, o arrumador de cadernos, o pastor do relógio, o aparador de lápis, o encarregado da Virgula. Quando o som do giz branco comia o silêncio do quadro negro entoando a palavra Ditado, os alunos da quarta classe abriam os cadernos e eu ficava feliz. E a professora começava a ditar: Parábola dos sete vimes. Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, vírgula. E aqui, precisamente aqui na vírgula, vinda da porta que dava

para o quintal, uma cadela pequenina e franzina entrava em cena e ladrava três vezes. E Dona Catarina, dona da Virgula e do ditado todo, mandava-a embora e lá ia eu, armado em pajem da pontuação, acompanhá-la até aos seus aposentos. E a cada breve respiração do complemento, que é como quem diz a cada vírgula, do lado do quintal dos diospiros maduros, lá vinha outra vez a Virgula interromper a sintaxe do discurso. E nós ríamos todos muito. Que bom que era que uma frase não fosse só letras de ponta a ponta, pois assim as palavras vinham montadas em quatro patas e abanavam o rabo quando nos viam. Ainda hoje ouço os textos a ladrar três vezes a meio das frases. Ponto final parágrafo. A Virgula morreu.

## QUADRO DE HONRA BLOGUE "PRAÇA DA REPÚBLICA", DESDE 2003, EM BEJA



Criado em 2003, antes do enérgico aparecimento das redes sociais – o Facebook data de 2004 –, o blogue "Praça da República", nome inspirado num dos símbolos patrimoniais da cidade de Beja, assume-se, desde a sua criação, como plataforma de debate, uma "mesa de café" onde se levantam questões e se discutem ideias sobre a capital do Baixo Alentejo.

### "A tarefa deste blogue é ter intervenção cívica"

"Praça da República" celebra maioridade

O "Praça da República" comemora 18 anos de existência. O "Diário do Alentejo" falou com João Espinho, criador e administrador deste blogue bejense.

**Qual a principal tarefa que o "Praça da República" tem desempenhado?**

Criei o blogue num período em que a cidade de Beja "sofria" as obras do programa Polis, onde tudo se destruíra, em nome do futuro, mas sem a participação dos cidadãos – que viam as transformações avançarem sem que lhes fosse pedida uma opinião. Nas sessões públicas a que assisti, tudo era já apresentado como definitivo, sem que as nossas opiniões fossem tidas em conta. A destruição da icónica Praça da República levou-me a criar um blogue que servisse de plataforma de debate sobre o que estava a acontecer, na nossa cidade. Obviamente que os detentores do poder autárquico e os seus fiéis apoiantes não gostaram de uma "coisa" que não sabiam o que era, nem podiam controlar. Mas o "Praça da República" foi crescendo na sua, quase diária, intervenção. A tarefa deste blogue, que deverá ser a de

qualquer cidadão, é questionar, apontar erros, transmitir sugestões, ter intervenção cívica.

**Quem são os principais frequentadores desta "mesa de café", onde, como diz, se discute a cidade de Beja?**

Não tenho dúvidas de que são os bejenses, e os que aqui residem, quem mais visita e intervém no blogue. Sei que os detentores de cargos públicos locais também são assíduos visitantes. O cidadão comum é, porém, quem mais participa com comentários, por vezes inflamados, que tento moderar, não publicando algumas ofensas, se assim as considerar.

**O poder político tem convivido bem com estas "tertúlias"?**

Claro que preferiam que não existisse esta tertúlia, pois não a podem controlar e não a podem calar, apesar de diversas tentativas. Dou como exemplo um blogue, "anónimo", que foi exclusivamente criado para me atacar, lançando publicamente infâmias e injúrias, com o intuito de me calar. Quando foi revelada a identidade da criadora anónima,

o blogue fechou, o que revela a hipocrisia de algumas pessoas – incapazes de dizer as coisas, olhos nos olhos. Vivia-se no tempo em que o Partido Comunista dominava a cidade. Passados alguns anos, agora com o Partido Socialista a ser o "dono" da cidade, as tentativas para calar o blogue são mais sofisticadas, mas trouxe ao "Praça da República" mais comentadores, incomodados com o que ali se escreve.

**Agora, após atingida a maioridade, qual o caminho que almeja para o "Praça da República"?**

Gostaria de ter mais tempo para dedicar ao blogue – vivemos, em Beja, tempos estranhos, onde muita coisa se faz sem nada se fazer. A cidade atingiu um ponto em que só se olha para o imediato, não havendo projetos que visem o futuro de quem aqui nasceu, que se vê obrigado a abandonar uma inútil capital de distrito, governada ao sabor de políticas de ocasião. Espero que o blogue possa prosseguir o caminho do debate e, sempre que necessário, de denúncia de práticas que em nada contribuem para inverter o caminho do marasmo. JOSÉ SERRANO



### CENTRO DE ARQUEOLOGIA E ARTES DE BEJA INAUGURADO AMANHÃ

A exposição "Cangiane - a partir de obras da coleção da Caixa Geral de Depósitos (CGD)", com curadoria de Antonia Gaeta, é inaugurada amanhã, dia 3 de julho, às 11:00 horas, no Centro de Arqueologia e Artes de Beja, assinalando a abertura deste novo espaço. Segundo a Câmara de Beja, a mostra reúne o trabalho de mais de 30 artistas contemporâneos representados na coleção da CGD, tendo sido desenvolvida "uma série de parcerias e colaborações com diferentes agentes e estruturas que operam na cidade", entre os quais o Conservatório Regional do Baixo Alentejo, o Politécnico de Beja e os agrupamentos escolares.

### ANTIGO CONVENTO DE MESSEJANA VAI SER HOTEL

Um antigo convento franciscano em ruínas situado em Messejana, vai ser transformado em "hotel de charme", num investimento que pode ascender a dois milhões de euros. O pedido de licenciamento do projeto de arquitetura para reabilitação do convento de Nossa Senhora da Piedade já deu entrada na Câmara de Aljustrel e as obras poderão "começar em finais de 2022", revelou o promotor do investimento. Segundo Ricardo Pinho, este será um projeto "emblemático" pois os quartos e as áreas comuns serão "integrados dentro da própria ruína".

### ESTAÇÃO DE MÉRTOLA COM ENTIDADE GESTORA

A Câmara de Mértola revelou já ter sido constituída a EBM – Associação Estação Biológica de Mértola, entidade sem fins lucrativos que será responsável pela gestão futura da Estação Biológica de Mértola. A associação tem como sócios fundadores a Biopólis (entidade gestora do CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade), a Câmara de Mértola, a Universidade do Porto e a EDIA. Trata-se um projeto de promoção da investigação científica e transferência de conhecimento e tecnologia de suporte a estratégias territoriais de conservação da biodiversidade.

### ARTE, DIÁLOGO E FESTA MARCAM BEJA 'PRIDE'

A associação Arruaça promove amanhã, dia 3 de julho, a primeira edição da Beja 'Pride', iniciativa destinada a "assinalar o orgulho LGBTQI+ no Baixo Alentejo com um atividades que passam pela arte, pelo diálogo e pela festa". O programa inclui a inauguração da exposição coletiva "Os outros somos nós" (15:00 horas, Parque Vista Alegre), seguida da conversa "Da Margem ao Centro" (16:00 horas, Centro Unesco). Pelas 21:30 horas (Parque Vista Alegre) terá início o concerto dos Fado Bicha que farão o encerramento da iniciativa.

CATÁLOGO CONSTRUÇÃO E JARDIM DE 1 JULHO A 1 AGOSTO\*



249€

CHURRASQUEIRA COM BANCADA



199€

BETONEIRA LIZ 130

BRICO MARCHÉ

BEJA

\*Campanha válida até 1 de agosto, não acumulável com outras campanhas em vigor e artigos não passíveis de venda abaixo do preço de custo, devidamente identificados na loja.